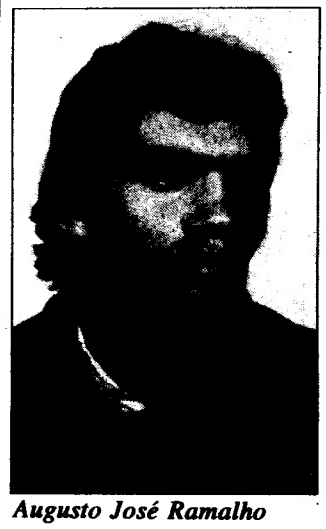
Diário de Lisboa

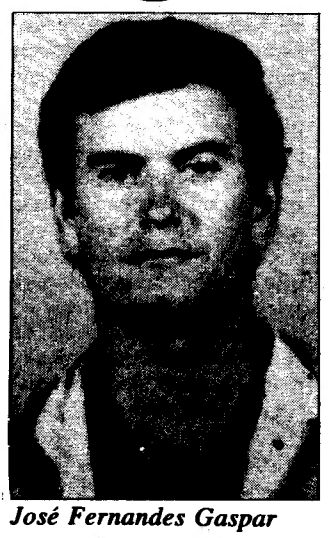
ANO 66 N.º 22 129 Terça-feira, 5 Agosto de 1986 Preço 40$00

"Parecia o Far-West"

CADASTRADOS CERCADOS EM QUARTEIRA



Augusto José Ramalho



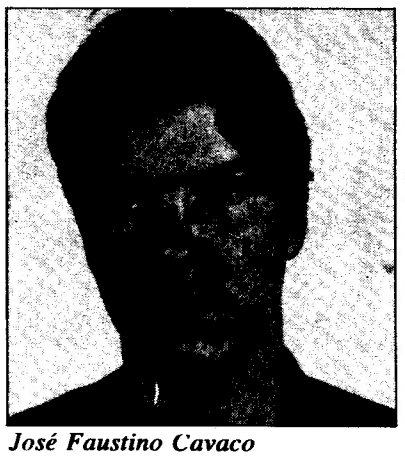
José Fernandes Gaspar

Ramalho suicida-se Gaspar entrega-se

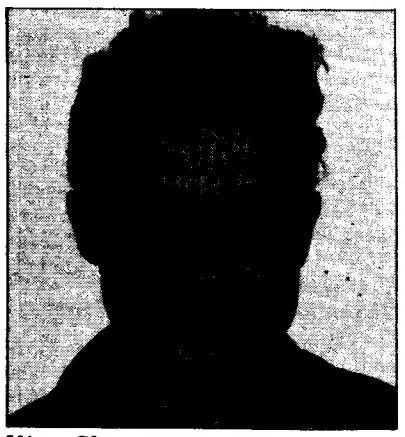
A fuga terminou esta manhã, em Quarteira, para dois dos seis evadidos de Pinheiro da Cruz —um suicidou-se, outro entregou-se. Cercados, todos eles ao que parece, quatro terão conseguido ainda esacapar ao forte aparato policial, após troca de tiros durante uma hora, o que levou um popular a comentar que parecia o «Far West». Mas os quatro que se mantêm em fuga já terão sido localizados, fora do Algarve, e dezenas de agentes e um helicóptero estão a persegui-los.

Pág. 10

Quatro em fuga já foram localizados

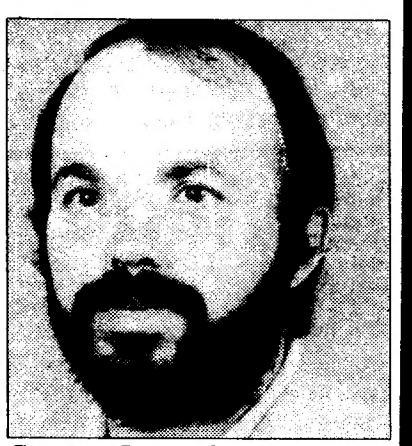


José Faustino Cavaco



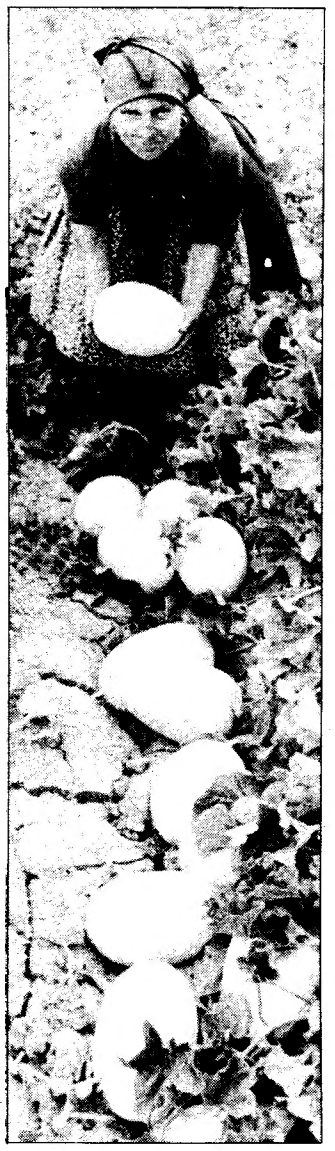
Vítor Clemente Cavaco

Carlos Alberto Ferreira



Germano Raposinho

Estamos na Volta a Portugal com TINTAS DYRUP



Na lezíria com seareiros

Nem tudo o que é melão é doce

Págs. 6, 7 e 8

Comunidade britânica: Thatcher amortece sanções contra a África do Sul

Pág. 13

Era administrador de 12 empresas

Português expulso de Angola nega razões de Luanda mas evita dar pormenores ...

O advogado português Miguel Albino Faria de Bastos, 44 anos, expulso oficialmente ontem de Angola, está em Lisboa, em gozo de férias, desde 25 de Julho e declarou já que as causas da sua expulsão «não são as que constam do comunicado do Ministério angolano das Relações Exteriores».

Faria Bastos, natural de Vizela, residia há 22 anos em Angola, onde acumulava funções de administração em doze empresas, quase todas estrangeiras, tinha avenças mensais por serviços prestados a outras (incluindo a TAP) e era advogado do corpo diplomático acreditado em Angola, cobrando em divisas — conforme refere o comunicado oficial sobre a sua expulsão.

O governo angolano acusa-o formalmente de envolvimento em «actividades ilícitas contra a República Popular de Angola», as quais «pela sua natureza e dimensão» poderão «não só pôr em risco a soberania e a segurança do Estado angolano, mas também as suas relações de amizade e de cooperação com outros países».

O comunicado oficial de Luanda aproveita a circunstância para «advertir todos os cidadãos estrangeiros, cuja actuação se revelar contrária aos interesses do Estado angolano, de que serão tomadas medidas em conformidade com a natureza das acções que forem praticadas».

O mesmo documento especifica que Faria de Bastos integra as administrações das empresas Sociborda, Ecomar, Fibrex, Guedal, Sadat-Tudor, Cunha e Irmão, ETA, Petroquímica, Cooperativa de Ensino, Quintas e Irmão, Armazéns do Minho e Angotrónicas, todas elas com actividade em Angola.

Entretanto, nas declarações feitas à Anop em Lisboa, Faria de Bastos considera que as causas que levaram à sua expulsão «prendem-se com outras intrigas». Escusou-se, todavia, a dar mais pormenores dizendo que ia pensar melhor na notícia acabada de receber.

A decisão angolana prevê a adopção de outras medidas relacionadas com o mesmo caso de expulsão, atendendo à «gravidade da situação».

Reportagem RTP em causa?

Registe-se que na primeira parte do extenso documento relativo à expulsão do cidadão português, o governo angolano alude a manobras do imperialismo internacional, visando a instalação de «um regime fantoche» em Angola.

Acrescenta o comunicado que «para a materialização dos seus planos ambiciosos», o imperialismo consegue mobilizar a opinião pública de alguns países ocidentais, com campanhas sensacionalistas no domínio da informação, que visam desvirtuar o verdadeiro significado da luta do povo angolano e conta com a colaboração da reacção interna em que se apoia a materialização dos planos de desestabilização económico-social, pois nela estão integrados elementos provenientes da antiga burguesia colonial que, em muitos casos, continuaram apenas na RP com o firme propósito da obtenção de lucros fáceis...»

Tais objectivos prender-se-iam — prossegue o documento — com «formas subtis de contrariar a legislação angolana e assegurar, deste modo, a defesa de interesses de empresas estrangeiras, privadas e interesses de natureza pessoal, em prejuízo das empresas angolanas.

A alusão no comunicado a «campanhas sensacionalistas no domínio da Informação» quererá significar alguma relação com a recente reportagem transmitida pela TV portuguesa e que suscitou violentas críticas das autoridades angolanas?

Indonésia não quer debate na ONU sobre Timor-Leste

A Indonésia manifestou ontem em carta dirigida à Comissão Especial da ONU sobre Descolonização, que o debate nas Nações Unidas sobre Timor-Leste é «inadequado» e constitui «interferência» nos assuntos internos do país.

O representante permanente da Indonésia da ONU, Ali Alatas, referiu-se em especial aos 16 oradores que pediram para se dirigir à comissão na qualidade de proponentes de uma petição sobre a questão de Timor-Leste.

«A minha delegação reafirma a posição de que o debate da questão na comissão é inadequada e constituirá uma interferência em assuntos que são da exclusiva jurisdição interna de um Estado-membro soberano» — salienta a nota assinada por Alatas.

Timor-Leste, de população predominantemente católica, foi declarada unilateralmente parte integrante da Indonésia pelo governo de Jacarta aquando da descolonização portuguesa em 1975. As Nações Unidas Têm estado envolvidas nos esforços para resolução do problema.

O secretário geral da ONU, Javier Perez de Cuellar, no seu último relatório sobre a questão de Timor-Leste, datado de 11 de Setembro de 1985, dizia que as conversações entre Portugal e a Indonésia sobre o território estavem a decorrer «em atmosfera construtiva».

Em almoço no rancho particular de Bush

Cavaco e Pires Miranda vão debater nos EUA situação da África Austral

O Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Pires de Miranda, vão debater com o vice-presidente dos EUA, George Buch, na primeira semana de Setembro, a problemática da África Austral. A informação foi prestada em Pretória ao correspondente da NP no Maputo, Augusto de Carvalho, por fonte diplomática próxima do secretário de Estado da Cooperação, Azevedo Soares, desde ontem em visita privada à África do Sul, antes da partida (amanhã) apra Lusaka para contactos com dirigentes da Zâmbia e do ANC.

Segundo a mesma fonte, a visita de Azevedo Soares a Pretória e a Lusaka inscreve-se num vasto movimento diplomático que passa por Angola, Moçambique, países da CEE, Estados Unidos e Brasil. «Visamos defender os interesses portugueses espalhados pelo Mundo» — disse, a propósito, Azevedo Soares.

O Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e cooperação estará em Londres nos dias 6 e 7 de Setembro na reuniãs dos ministros dos Negócios Estrangeiros da CEE e a 26 de Agosto em Harare, na cimeira dos Chefes de Estado dos Países Não-Alinhados.

O primeiro-ministro Cavaco Silva e o ministro dos negócios Estrangeiros, Pires de Miranda, deslocar-se-ão aos Estados Unidos na altura em que Azevedo Soares se encontra em Londres.

Cavaco e Pires de Miranda almoçarão, a convite de George Buch, no rancho particular deste, acompanhados das esposas, disse a fonte dipplomática.

«É uma óptima ocasião para abordar informalmente e em profundidade os problemas internacionais que mais de perto dizem respeito a Portugal» acrescentou s fonte.

Moçambique foi informado por Pires de Miranda da visita de Azevedo Soares à África do Sul e à Zâmbia, e Angola mostrou interesse em conhecer os resultados desta visita.

O próprio secretário de Estado visitou recentemente Angola e Moçambique, «com os mesmos objectivos», segundo revelou o próprio à NP.

Pires de Miranda viajará em breve para o Brasil, onde trocará informações com o presidente Sarney sobre esta zona de África, munido da experiência acumulada pelo seu secretário de Estado nestas paragens, indicou a referida fonte diplomática.

Pires de Miranda desloca-se a Brasília depois de uma carta pessoal que lhe escreveu o presidente brasileiro. Recorda-se que durante as suas recentes visitas a Portugal e a Cabo Verde Sarney foi particularmente duro em relação ao regime de «apartheid».

A viagem do MNE realiza-se no âmbito do acordo em Lisboa, quando da visita de Sarney. Ficou então decidido que os dois países manteriam consultas regulares e periódicas sobre a problemática política internacioal.

«Sem ingerência»

A digressão de Azevedo Soares pela África Austral partiu da iniciativa exclusiva do Governo português, tem afirmado constantemente Azevedo Soares, procurando, aparentemente contrariar outras fontes que falam do interesse de Washington nessa digressão.

As razões que presidem a esta ofensiva política e diplomática resultam, na concepção do secretário de Estado e do Governo de que faz parte, da extrema importância da África Austral para Portugal.

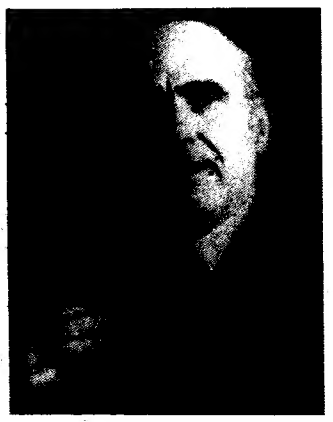
«Portugal — disse Azevedo Soares à NP — tem uma palavra a dizer nas organizações internacionais porque aqui estivemos, aqui adquirimos uma componente africana, aqui deixámos marcas portuguesas indeléveis, aqui falam português cerca de 21 milhões de pessoas e aqui continua a trabalhar cerca de um décimo da nossa população.

Mas sublinha, no entanto, que se trata de «uma palavra a dizer sem ingerências nos negócios internos de cada um dos países».

A preocupação do secretário de Estado em todos os lugares que visitou foi explicar a política portuguesa no contexto internacional no que se refere à África do Sul e aos laços «complexos e intricados» entre os países da Linha da Frente, mormente Angola e Moçambique e a África do Sul, tentando explicar os desenvolvimentos das respectivas políticas.

Fim-de-semana turístico

Primeiro-Ministro grego passa pelos Açores a caminho do México



O primeiro-ministro greco Andreas Papandreou reiterou durante a sua passagem por Santa Maria (Açores) o desejo da continuação firme e constante, da cooperação existente entre Portugal e a Grécia. O chefe do governo de Atenas explicou que esta cooperação existe «para o progresso e prosperidade dos povos», bem como para a consolidação da paz e segurança dos Açores.

De acordo com um relatório oficial divulgado ontem pelo Executivo açoriano, o primeiro-ministro grego teria enaltecido «o ambiente de segurança e tranquilidade vividos na Região Autónoma». Durante a sua escala de 24 horas em Santa Maria, no passado fim-de-semana, Andreas Papandreou estava acompanhado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros e da Educação, vice-ministro da Cultura, secretário-geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, e ainda por mais 28 pessoas, altos funcionários e pessoal dos serviços de apoio além de 40 jornalistas. O governo açoriano ofereceu à comitiva um passeio à volta da ilha.

Governo quer forçar uma moção de censura

— acusa a UGT

A UGT acusou o Governo de «pretender abrir mais um contencioso com a Assembleia da República, tentando forçar a apresentação de uma moção de censura».

A central sindical, que baseia as afirmações do comunicado em «fontes próximas do Governo», afirma que o Executivo «tenta fabricar a sua própria crise». Partindo daqueles dados, a UGT afirma que «aquele cenário não é um mero exercício de retórica dado que está a passar-se em torno do normativo parlamentar sobre salários em atraso».

«É verdadeiramente inqualificável que os responsáveis pela matéria forneçam aos centros de emprego informações segundo as quais os recursos para subsídio de desemprego devam ser fundados no decreto que o Governo aprovou em Janeiro e não na lei aprovada na Assembleia da República e que, por ter entrado em vigor em Junho, revogou automaticamente o antigo diploma governamental», acrescenta o comunicado.

Os erros fatais

NAS comemorações dos 75 anos da Constituição de 1911, discursando na Assembleia da República, Mário Soares disse: «Podemos hoje afirmar, com legítimo orgulho, em função da nova vivência democrática, que soubemos evitar, apesar de tudo, alguns dos erros fatais da Primeira República.» A frase traduz optimismo, e não é explícita. De que «erros fatais» falava o Presidente da República? Não sabemos. Mas sabemos — ai de nós! — quais os erros que estão a ser cometidos. O Governo — e os anteriores Governos — parecem obstinados em promover, a partir do Estado, uma verdadeira contra-revolução. Parecem empenhados em anular o «25 de Abril», na «ordem política» e na «ordem económica». Não é possível dar outro significado a medidas tomadas e/ou propostas. As palavras já às vezes são inquietantes. Os actos, apresentam-se sem disfarce. O objecto não é para já «regressar ao passado» plenamente; é, por enquanto, evitar o futuro de Abril, o futuro que Abril continha e transportava. Murchar a esperança. Asfixiar o sonho.

Estes são «erros fatais». A «adesivagem» acarinhada, a abertura das portas da República aos inimigos da República, foi, nos anos de 1910 a 1920, um «erro fatal». A não resolução dos problemas estruturais com uma orientação de justiça social, o não cumprimento das promessas da «propaganda republicana», foi «um erro fatal». E um «erro fatal» foi, também, a divisão partidária fulanizada, sem clarificação programática e ideológica, do movimento republicano histórico. Registaram-se «erros fatais» de administração e de política. Registaram-se «erros fatais» de moralidade pública e de decoro parlamentar. Sob o fogo crítico da Direita e da Esquerda, murcharam as grinaldas verde-rubras. Pelas brechas do sistema, a «reacção»-política, económica e social — fez caminho. Fez o caminho do Poder. Não estaremos a cometer paralelos «erros fatais»?

O Presidente da República, que na jornada comemorativa recordou ser um estudioso das ideias republicanas, e que noutras oportunidades tem reivindicado as suas afinidades «seareiras», diz-nos que: «Podemos hoje afirmar, com legítimo orgulho, em função da nova vivência democrática, que soubemos evitar, **apesar de tudo,** alguns dos erros fatais da Primeira República». Na citação, sublinhámos três palavras: «apesar de tudo». Nesta ressalva — «apesar de tudo» — estará contida a interrupção do curso de transformação democrática da sociedade portuguesa?

Porque, com uma aconselhável dose de realismo, não poderemos deixar de considerar, «apesar de tudo», o «25 de Abril» como o momento da partida de um curso revolucionário de transformações socioeconómicas que, a partir do «25 de Novembro», uma nova «ordem política» bloqueou primeiro, contrariou depois. Está em curso — é um outro curso — uma inequívoca recuperação de valores alheios ao surto de democratização social, económica e política em Abril iniciado, uma recuperação de valores contrários a Abril. E se o «25 de Abril» foi necessário para vencer bloqueios, quebrar grilhetas, libertar o País, é de recear que a recuperação dos valores alheios ao tempo histórico português seja um «erros fatal». A Revolução era necessária. A Revolução pode apresentar-se, se «erros fatais» forem cometidos, como necessária. O curso histórico poderá impor um movimento e um ritmo. A história tem as suas exigências e as suas astúcias.

Não devemos menosprezar «a importância do constitucionalismo e do movimento republicano no desenvolvimento da moderna democracia portuguesa». A tradição republicana é forte, é popular. Mas não nos fixemos nela, entregues a comemorações e cultos piedosos. Naveguemos, no mar encapelado da realidade dos nossos dias, para um futuro que não poderá ser um regresso. Evitemos os «erros fatais».

Aproxima-se Outubro. Mês de evocação republicana. Raul Proença aconselhou que pensassemos mais profundamente a Democracia, que levassemos a sério a ideia da República. Comemorar o 5 de Outubro não pode limitar-se a um rito passadista. Aproveitemos a efeméride para fazer um balanço das conquistas de Abril no quadro do regime proclamado em Outubro. Do regime democrático, plural e participado, que andamos empenhados em institucionalizar.

Nestas férias políticas — o Presidente a banhos, o Primeiro-Ministro em repouso, os ministros a meio tempo, os deputados dispersos, a oposição a águas — preparemo-nos, actores e espectadores, para as grandes cenas e trabalhos da abertura da época. Quando o Verão declinar, a política vai aquecer.

É ocasião para reflectirmos nos «erros fatais» que — **apesar de tudo** (Mário Soares, **dixit**) — não deverão ser repetidos. A Democracia não pode ser abandonada aos que a não amam. A Democracia tem que ser servida e defendida. Entregar esta jovem Democracia aos que serviram o anterior regime ou não tiveram ocasião de se lhe opor, é uma imprudência que — **apesar de tudo** — poderá comprovar-se ser um «erro fatal».

Queira o Presidente da República, como democrata, e sem prejuízo da sua vocação para congraçar os diferentes e iludir antagonismos, meditar no perigo institucional de confiar Abril aos jurados contestatários de Abril.

Este pode vir a ser «um erro fatal».

Falemos a clara linguagem da verdade. Sim, é certo, que a verdade pode a alguns proporcionar «motivos de azedume, dado que os não considerem de meditação», como escrevia Aquilino no antelóquio de «O Malhadinhas». Que se azedem, pois, os que não sejam capazes de meditar os «erros fatais» — para os corrigir, para os evitar.

Em favor dos subsídios do Mercado Comum

Lia Viegas

Não sei como estão — estarão — as contas de Portugal com a CEE. Sei que nós contribuímos como membro de pleno direito e Estado soberano e independente.

Não obstante, a nossa integração na CEE ainda não é perfeita, como é natural. Roma e Pavia não se fizeram num dia. Embora muito viáveis, ainda estamos em vias de. Também, «em vias de desenvolvimento», eufemismo que conforta o nosso orgulho e não afasta o rótulo de não estarmos ainda desenvolvidos. Bom, mas o que é que nos disseram, quando nos prometeram a CEE? Que íamos ter o seu desenvolvimento, o seu nível de vida. Depois do choque, claro. É óbvio que estamos em estado de choque. Nem os empresários mexem, salvo as raras e honrosas excepções, apesar de tão estimulados, com aumento de incentivos e baixa de juros. Que é que querem mais, meus senhores? — disse respeitosamente, embora com agastamento e desgaste mal disfarçados, o ministro. Só falta a lei do livre despedimento dos trabalhadores, mas aqui entre nós, que ninguém nos ouça, vossas excelências querem mesmo investir, aumentar a produção e a exportação, sem trabalhadores? Aqui, o ministro, conhecedor de todos os segredos da matemática e da informática, mostrou-lhes um gráfico equacionado no computador em que se provava à evidência da competência e da inteligência, que não se podem fazer omoletes sem ovos, e outros ingredientes. Havemos de lá chegar, à guerra das estrelas ou das novas estratégias espaciais e quando as tecnologias desenvolvidas por estas estratégias derem os seus resultados, já não haverá homens nem mulheres e então vossas excelências só terão que tratar com robôs, contratados por «leasing» através das empresas concorrentes da especialidade, sediadas em Marte.

Bom, mas como ia dizendo, se os empresários ainda estão em estado de choque, é preciso ajudá-los. É preciso um subsídio da CEE para a Livre Empresa Investidora, Exportadora e Concorrente. Eles não dão disso? Temos que pedir, temos de os convencer. Os nossos empresários necessitam e merecem ser subsidiados. Porque sem livre empresa não há progresso nem civilização ocidental. È, preciso que os factos não desmintam nem os nossos ideiais, nem as nossas convicções.

Há outros subsdídios na CEE de que nós não estamos a beneficiar. Por exemplo, o subsídio ao contribuinte. Subsídio ao Contribuinte para a Elevação do Nível de Vida. Nós já somos da CEE mas ainda não estamos lá verdadeiramente. O nosso poder de compra é três a cinco vezes inferior. Até dizem que a maioria dos portugueses são pobres, segundo os padrões de vida europeus. Como assim?! Se, em impostos a receber pelo Governo e em prestações para a Segurança Social somos dos que pagamos mais. Se o Estado não pode passar sem as nossas contribuições e nós não podemos passar com os baixíssimos salários reais, a CEE tem que resolver a situação. Temos que nos habilitar ao subsídio.

Não é a lógica do sistema? Quem não pode pagar — a renda, por exemplo — esteja descansado. Vai ser subsidiado. Assim se exerce e se consuma um dos princípios da nossa sociedade, que é a solidariedade social. Não estou a falar, por falar estou a ouvir. É o que ouço e acredito, bem entendido.

A propósito, também estão mal as instituições de solidariedade social. Não recebem subsídios suficientes. E o Fundo Europeu para a Solidariedade Social?

Não cuidem que estou a mangar. Estou a ser muito lúcida. Já não ligo aos mendigos, aos ceguinhos, às crianças abandonadas. Se eles não têm culpa, eu também não tenho. Você também não. A gente segue na nossa vida, na nossa via. A polícia também não tem culpa. E o Governo não pode fazer nada, até se queixa que a Assembleia o não deixa governar. Será culpa da Assembleia? Será do Presidente da República? A pobreza, a miséria, a fome, o mau tratamento das crianças não se resolvem com esmolas. Nem esta palavra já se usa, desde que foram desmascaradas as caridadezinhas. È preciso um subsídio em grande. Não somos nós um país da CEE? Temos de concorrer ao «CEE Aid for Portugal». País muito lindo e simpático. Mas os aleijadinhos, as criancinhas a pedir na rua estragam um pouco o ambiente, porque os turistas também são pessoas e são pessoas civilizadas e sensíveis, naturalmente.

Veja-se o ar contristado deles passeando descontraidamente na Rua do Carmo.

Será melhor pedir um subsídio para o Turismo e Saneamento Bsico. Matavam-se dois coelhos duma só cajadada e escusávamos de nos humilhar, bastava apresentar um relatório técnico.

E assim por diante. Ele há muita coisa para aproveitar na CEE. Não se esqueçam que os de lá votaram a nossa entrada, devem ter algum interesse. Logo.

Deviam ser subsidiados por exemplo, os ladrões e os incendiários, não os maus, claro está, mas aqueles que prometessem vir a ser honrados e viver só do subsídio.

Deviam ser subsidiados os desempregados com o Subsídio de Desemprego europeu. E também os que, por mais que trabalhem, são mal ou não são pagos.

Assim, talvez essa gente não chateasse tanto o Governo e talvez até fizessem menos greves. E depois podia criar-se o Subsídio para o Partido Europeu.

Então sim. Votávamos todos nele. E criava-se uma comissão para governar os subsídios e pô-los no banco e haveria mais empregos e as pessoas viveriam melhor. Os ladrões e incendiários seriam honestos e as crianças já estariam alimentadas e educadas. Os cegos tocariam música em palácios. Os empresários tinham empresas prósperas.

E assim por diante que esta história necessita ter um fim. Digam-me então.

Por que é que não temos esses subsídios todos da CEE?

Na delegação de Lisboa

Gabinete de Informação do Parlamento Europeu tem já um responsável

O ex-jornalista Nuno Antas de Campos e desde ontem o responsável do gabinete de informação do Parlamento Europeu em Lisboa, a primeira representação daquela instituição comunitária na capital portuguesa.

As cartas de acreditação para o cargo, para o qual concorreram cerca de 150 candidatos, foram entregues a Nuno Antas de Campos, que se encontra em Genebra desde Outubro de 1984, a desempenhar o cargo de director dos serviços de informação do Comité Intergovernamental para as Migrações (CIM). Nuno Antas de Campos foi durante cinco anos porta-voz da NATO e desempenhou também o cargo de director dos serviços de informação e imprensa do Ministério dos Negócios Estrangeiros. O gabinete deverá iniciar as actividades em Outubro.

Grupo liberal reúne-se na Madeira

As jornadas de estudo do Grupo Liberal Democrático e Reformista do Parlamento Europeu realizam-se na Madeira de 1 a 4 de Setembro.

Aquele grupo, que se réune no Funchal a convite do deputado social-democrata ao Parlamento Europeu Virgílio Pereira, consagrará as suas jornadas de estudo ao exame de várias questões «de importância para Portugal e para a Europa».

No encontro serão analisados os problemas sociais, um relatório do deputado Manuel Pereira sobre as regiões marítimas e periféricas da comunidade, os problemas orçamentais da comunidade, da política agrícola comum e a situação das pequenas e médias empresas na comunidade. Na sessão solene de abertura estarão presentes o Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, o presidente do Governo autónomo da Madeira, João Jardim, e a presidente do grupo liberal democrático, Simone Veil.

"The Economist" revela

Quanto custam os deputados dos países da CEE

Um deputado português recebe anualmente cerca de 1500 contos e, mesmo assim, está colocado no último lugar na escala salarial dos seus congéneres da CEE.

De acordo com a última edição da revista britânica «The Economist», este salário, do qual estão excluídos os subsídios e as facilidades financeiras, representa cerca de metade do que recebe cada deputado grego.

Os parlamentares franceses — os mais bem pagos do Mercado Comum — têm um salário seis vezes mais elelvado do que os seus homólogos portugueses. No meio da escala situam-se os britânicos, espanhóis e dinamarqueses, com um vencimento cerca de três vezes superior ao do deputado nacional.

A rervista «The Economist», que se socorreu de fontes dos respectivos parlamentos dos países da CEE, sublinha que «os subsídios são a chave para compreender a confortável vida parlamentar». A propósito, aquele semanário refere que, por exemplo, os subsídios recebidos pelos parlamentares alemães federais «são equivalentes ao salário por inteiro».

«The Economist» frisa que «depois dos subsídios, são as facilidades financeiras que ajudam a sina do parlamentar a tornar-se suportável».

«As facilidades são extraordinariamente variadas na Europa. Elas vão desde o não pagamento de franquias postais (quase universais) e à grande taxa de reembolso, até à viagem grátis», diz a revista.

O semanário apresenta ainda estatísticas dos custos que os parlamentos representam para os contribuintes nacionais dos países da CEE.

«The Economist», que não revela dados de Portugal nesta matéria, indica que um deputado do Parlamento Europeu custa anualmente cerca de 450 mil dólares (cerca de 67.500 contos), «um valor muito mais elevado que a manutenção de qualquer membro dos parlamentos nacionais».

Do ponto de vista nacional, um deputado francês custa ao contribuinte do seu país o mesmo valor que o deputado europeu, enquanto que os deputados espanhóis e ingleses fazem desembolsar muito menos de metade, 175 mil dólares (25.500 contos).

Os contribuintes italianos pagam anualmente 400 mil dólares para a manutenção de cada dos seus deputados, enquanto os alemães federais desenbolsaram cerca de 370 mil dólares.

Informação

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 18 de Agosto de 1986, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a adaptação e subsequente exploração de duas dependências na estação de Torres Vedras.

A anuidade mínima a oferecer pela ocupação das instalações é de 280 000$00 e os concorrentes devem depositar, em qualquer estação da C. P., a quantia de 46 700$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

Torres Vedras

Serviço Comercial da Região Centro
LISBOA (Santa Apolónia)

Serviço Comercial de Passageiros
Estação de Santa Apolónia, 1.° andar
LISBOA

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, E. P., Apartado n.° 2733, 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a exploração de duas dependências na estação de Torres Vedras.»

Caminhos de Ferro Portugueses

Governo Regional dos Açores investiu em três anos cerca de 30 milhões de contos

A administração regional açoriana investiu entre 1981 e 1984 um total de 30 milhões de contos, indica um relatório governamental a que a Anop teve acesso. Desse total, cerca de 24 milhões de contos foram gastos em empreendimentos previstos nos planos anuais da região Autónoma e 5,8 milhões nas obras de reconstrução das ilhas Terceira, Graciosa e S. Jorge, atingidas pelo terramoto de 1980.

Das verbas incluídas nos planos anuais, 63 por cento foram investidas nos sectores económicos e 36 nos sociais. Por áreas verifica-se que a dos Transportes concentrou 38,2 por cento dos investimentos globalmente planeados, a Educação 14,7, Energia 10,1, Saúde 8,9, Agricultura 7 e Habitação 6,5 por cento.

Segundo a DREPA estes valores «demonstram o objectivo do governo regional entre 1981 e 1984 de promover a construção de infra-estruturas quer nos sectores económicos quer nos sociais».

Destaca que neste período entraram em funcionamento os aeroportos da Gracioa, S. Jorge e Pico e o aeródromo do Corvo e se procedeu à ampliação da aerogare das Lajes e ao início das obras de aumento da pista de Ponta Delgada.

Entre 1981 e 1984, o governo açoriano financiou a construção dos portos do Pico e Graciosa e lançou as obras dos novos portos de Santa Maria e Praia da vitória. No quadriénio — refere o relatório do DREPA — entraram em funcionamento nas ilhas 216 novas salas de aula para o ensino primário e 140 para os preparatório e secundário.

Por ilhas, verificou-se que, no quadriénio o maior volume de investimentos ocorreu na Terceira — 8,2 milhões de contos — devido principalmente às obras de reconstrução.

Seguiram-se-lhes as ilhas de S. Miguel que, com cerca de metade da população insular beneficiou de investimentos governamentais de 8,3 milhões de contos, e o Faial com 2,8 milhões. Nas restantes ilhas os totais investidos foram os seguintes: Pico — 2,2 milhões de contos, S. Jorge — 2,1 Graciosa — 1,3, Santa Maria — 0,7, Flores — 0,3 milhões e Corvo 47 mil contos.

Jardim em Lisboa para tratar de assuntos regionais

Alberto João Jardim chegou esta manhã a Lisboa para se encontrar com os ministros de Estado da Administração Interna e dos Assuntos Parlamentares, respectivamente Eurico de Melo e Fernando Nogueira. Com eles, o presidente do Governo Regional da Madeira deverá tratar de questões ligadas à Defesa, à Comunicação Social e às competências regionais.

No encontro com Eurico de Melo — que substitui Cavaco Silva no desempenho do cargo de Primeiro-Ministro, durante as férias do chefe do Governo — serão abordadas «questões de rotina e assuntos pendentes, entre os quais as competências do Governo Regional no domínio público marítimo», revelou Jardim. Será também debatido «o conflito de competência actualmente existente entre o Governo Regional e as capitanias». Com Fernando Nogueira, João Jardim irá discutir assuntos ligados à Comunicação Social.

«Os centros regionais queixam-se de que a Imprensa continental não publica tudo o que de lá é enviado, pelo que irei discutir esta questão com o ministro Adjunto e para os Assuntos Parlamentares» — disse. Na quarta-feira, no último encontro previsto com ministros do Governo central, o presidente do Governo Regional da Madeira debaterá com Leonardo Ribeiro de Almeida o plano de Defesa da Região Autónoma da Madeira.

Já vai no IX

PPM volta a reunir-se em congresso

O PPM vai reunir-se em Congresso no dias 25 e 26 de Outubro próximo, anunciou ontem aquele partido.

Em comunicado, os populares monárquicos revelaram que as moções de estratégia devem ser entregues até ao dia 8 de Setembro, sendo o período até àquela iniciativa dedicado ao debate das moções nas estruturas partidárias.

Na ordem de trabalhos consta a eleição dos órgãos nacionais do partido.

"Desinformação ou omissão voluntária da realidade"

Internato Geral contesta Leonor Beleza

A Comissão Nacional dos Internos do Internato Geral contestou afirmações da ministra da Saúde, Leonor Beleza, sobre a actual situação dos policlínicos, sublinhando tratar-se de «desinformação ou omissão voluntária da realidade».

A comissão afirma em comunicado que a intenção da ministra da Saúde em «fazer correr simultaneamente» os cursos para os P2 e P3 para o mapa de 1986 significa «o desemprego sem justificação de mais de 1500 médicos», o que classifica de uma atitude «inexplicável» e «sem precendentes».

A oposição às declarações de Leonor Beleza surge na sequência da greve que os policlínicos efectuaram a semana passada, que consideram ter registado uma adesão de 90 por cento o que «prova a coesão e a justeza da sua luta pela dignidade de trabalho e progressão nas carreiras médicas».

A «situação de ilegalidade» em que incorrem os P2, caso não façam exame conjunto na data proposta e a «descrepância entre as necessidades das populações, nomeadamente na Clínica Geral» e a recusa do Ministério de «um reforço orçamental» são algumas das posições que os policlínicos contestam.

Segundo dados fornecidos pela Direcção-Geral de Cuidados de Saúde Primários — acrescenta a comissão — há uma necessidade de 478 médicos «a que foram contrapostos, por motivos orçamentais, 120 vagas».

Por outro lado, os internos gerais apelam «uma vez mais» ao diálogo com os órgãos responsáveis pelo Ministério da Saúde, que sublinham ter-lhes sido «sistematicamente recusado».

Por seu lado, a Comissão Sindical dos Médicos do Internato Complementar decidiu ontem convocar um plenário em data a anunciar para «decidir das formas de intervenção dos internos do complementar, em solidariedade com os policlínicos».

Aquela Comissão Sindical afirma em comunicado que a eventual participação dos médicos do Internato Complementar na luta dos policlínicos visa «contribuir para que os médicos respondam à grave crise desencadeada pelo Ministério» acrescentando estar certa de que «é possível fazer recuar o Ministério».

«Se três mil policlínicos não são suficientes para inverter a situação, então só resta aos outros médicos e aos outros sectores, associarem-se às etapas seguintes da luta» acrescenta o comunicado.

Até final de 1987

Vêm aí uma nova "onda" de telefones vermelhos

A Sistel, empresa associada da Centrel, vai colocar 1.200 novos telefones públicos em estabelecimentos comerciais até ao final de 1987 para substituir os actuais «telefones vermelhos», segundo afirmou Carlos Alves, responsável da empresa.

Os novos aparelhos são também vermelhos (por acordo os CTT/TLP,os digitos marcam-se por teclas, permitem a utilização de quatro moedas de valor diferente, são de pré-pagamento e funcionam com a ajuda de um micro-processador.

«Uma das inovações proporcionada por este aparelho, que se destina preferencialmente a cafés e restaurantes, é a sua exploração pelo proprietário do estabelecimento, em vez de ser cobrado pela empresa concessionária», disse o responsável da Sistel.

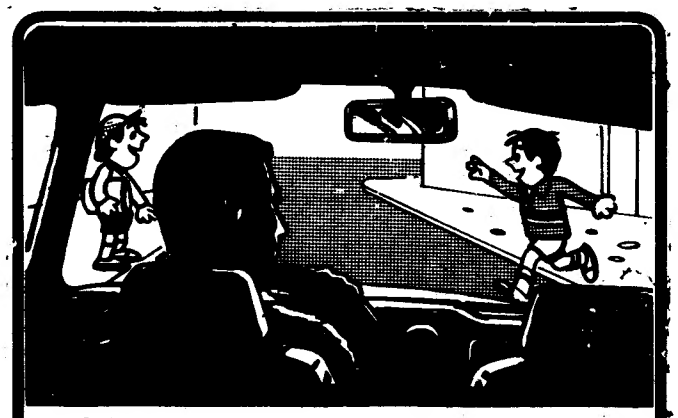
Carlos Alves afirmou que o telefone pode funcionar com moedas ou por chave e «dá a garantia de que as moedas recolhidas correspondem exactamente aos impulsos marcados na central telefónica referente à conversação».

A substituição dos actuais telefones vermelhos deve-se à «antiguidade em termos tecnológicos destes aparelhos», disse Carlos Alves, acrescentando que os CTT/TLP assinaram com a Sistel um contrato-programa de 300.000 contos para a colocação de 2.000 telefones até ao final de 1988.

O contrato vai permitir a substituição de aparelhos tecnologicamente ultrapassados por telefones modernos, fabricados em Portugal, embora com tecnologia dinamarquesa.

Os actuais telefones públicos vermelhos vão começar a ser substituídos em Janeiro de 1987.

Carlos Alves afirmou que a encomenda de 2.000 telefones, estabelecida com os CTT/TLP, «será escassa» relativamente à lista de espera que já existe para a instalação deste tipo de aparelho.



AOS CONDUTORES

"Diminua a velocidade ao verificar que uma criança pode atravessar a rua,distraidamente,para ir ter com alguém que está do outro lado da mesma."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

Izidoro

INDISPENSÁVEL...

Izidoro põe à sua disposição uma gama completa de produtos da mais alta qualidade. Indispensáveis em qualquer cozinha, os produtos Izidoro oferecem, desde sempre, as melhores carnes com a garantia de um fabrico extremamente cuidado, em que todas as normas são cumpridas com o máximo rigor. E são a certeza de pratos sempre frescos, sempre apetitosos, ao sabor da sua imaginação.

À SUA IMAGINAÇÃO.

Izidoro Desde sempre, prova de bom gosto.

As danças e andanças de um Verão quente no Ribatejo

Governo deixa preço do melão nas mãos dos intermediários

Júlio Rodrigues

Fotos de Rui Pacheco

Dizem os ribatejanos que o melão é como os toiros: quando se abre nunca se sabe o que está lá dentro. Se é doce ou não. Se é bom ou assim-assim. Ou mesmo se não vale nada. É um pouco o que acontece numa corrida de toiros: se eles não são bons, se não há matéria-prima, poucos serão os toureiros a luzirem, a dar nas vistas. Mas se neste espectáculo ainda é possível «dar a volta» ao toiro (nunca se sabe o que a piara de uma ganadaria nos reserva) e alterar a situação, já quanto ao melão, fruta do Verão por excelência, não há nada a fazer. Isto é: não é possível transformar em doce o que é azedo, porque no Ribatejo, nos campos de Vila Franca só se conseguem os «milagres» possíveis.

O preço do melão tem andado ao deus-dará, esta época. O Governo não o fixou, como costuma fazer — e devia ter feito — em Maio ou Junho, não se sabe bem se por causa da Lei do Arrendamento Rural — que a Assembleia da República aprovou numa das suas maratonas finais —, se por qualquer outra razão ou conveviência. Fê-lo apenas no penúltimo dia Julho, mais de mês e meio depois do que é nitidamente normal. Porque, normal teria sido a sua fixação em Maio, prevendo sempre — sobretudo quando chove pouco na Primavera — a sua apanha temporã, em parte por efeito do adubo foliar.

O que também se sabe, já, se vê e se ouve, entre Vila Franca e Almeirim, ou na estrada que liga Santarém a Almeirim — em que duas famílias vivem da sua produção —, e que cada produtor tenta, da melhor maneira que lhe é possível, salvar o seu trabalho.

Mas é difícil, como também pudemos constatar no «mercado retalhista» que se improvisa ao lado da Estalagem Gado Bravo, na estrada entre Vila Franca e Porto Alto — mais concretamente na chamada Recta do Cabo, onde no Verão morrem esperanças de meloeiros quando a colheita é pouca e quem viaja ao sabor da pressa e da imprevidência, sua ou do próximo.

«É uma desgraça, é inconcebível o Governo só recentemente ter fixado o preço do melão para esta ano», disse ao «Diário de Lisboa» um dos

Manuel Clariano ao repórter: «Num hectare podem abrir-se dez mil covas e cada cova dá, em média, dois melões e meio»

principais produtores de melão dos campos de Vila Franca, Manuel Clariano. O melão que semeou em sete hectares dos muitos que tem de renda, há muitos anos, à Companhia das Lezírias, saem do seu terreno a preços aceitáveis.

Ele fez, aliás, o que muitos outros fizeram: negociou a tempo e horas a sua produção. Muita dela tem destino desde há dias: o Norte do País. Várias vezes por semana, a camioneta de um conhecido entreposto frutífero do Porto vem do Algarve (também com fruta) e carrega no seu monte o melão que quer.

Melão espanhol é pior que o nosso

Nos campos de Vila Franca e de Almeirim não se fala no melão espanhol. Diz-se em Lisboa que muito do que está à venda nas suas bancas, mercados e armazéns, é de Espanha.

«Também temos ouvido isso, mas não o sentimos. Isto é, a nossa produção vai saindo, melhor ou pior, se bem que a preços irrisórios», acrescenta Manuel Clariano ao «DL», ele que conhece tudo o que respeita às searas ribatejanas, aos problemas dos rendeiros e seareiros, às necessidades agrícolas da área.

Manuel Clariano, que nos pareceu um agricultor de corpo inteiro, razoavelmente desafogado, com um filho que tirou o curso de Agronomia, foi um dos dinamizadores da Liga dos Pequenos e Médios Agricultores pouco depois de Abril, percorrendo os campos como acontecia antes de 1974, com a distribuição de um jornal que saía irregularmente, que saía quando saía, e chegava às mãos dos trabalhadores da lezíria ribatejana às escondidas das autoridades e de desconhecidos.

Manuel Clariano considera «má» a qualidade do melão espanhol, hoje, além de que «não é mais barato». Por isso, não vê razão para que se venda alegadamente melão espanhol em Lisboa ou noutro ponto qualquer do País, uma vez que o que chega ao Norte, por exemplo, pouco mais caro é que aquele que é enviado para Lisboa. Isto, bem entendido, apesar do Governo só tardiamente ter providenciado quanto à fixação da tabela do preço do melão.

Tal anomalia — é a primeira vez na história recente da venda do melão que tal acontece, se bem que este ano, por razões várias, a sua apanha e comercialização tenham começado mais cedo — conduziu a esta situação desagradável: há quem o tenha pago a 25 escudos e mesmo menos, e a 40, e mesmo mais, o quilo. Isto, junto do consumidor. Porque, quanto ao produtor, isso também sucede, se bem que ao contrário. Isto é: quem o vendesse a 23$00 (como Manuel Clariano, com uma produção negociada e de boa qualidade) e quem não consiga vendê-lo a mais de 13 escudos.

O repórter comprovou-o um destes dias, ao fim da tarde. Atrelados, tractores e camiões, por atacado, junto à Estalagem do Gado Bravo, a meio da fatídica Recta do Cabo. Justamente ao lado da sede de um organismo da lavoura da região, numa das poucas estradas alcatroadas que nos levam à lezíria, ao palco de quem trabalha a terra com ardor, mas insegurança, quer se trate de rendeiro quer de seareiro que são coisas e situações muito distintas. O rendeiro, com efeito, trabalha a mesma terra há muitos anos, cuidando devidamente dela e do seu aproveitamento; o seareiro também trabalha a terra, que só de quatro em quatro anos é a mesma, ou arrendada a um particular ou à Companhia das Lezírias. É óbvio que não tem os mesmos cuidados nem carinhos que o rendeiro...

Intermediários fazem o que querem

Os produtores de melão, tomate e arroz — as três grandes colheias dos campos de Vila Franca a Almeirim, da chamada Lezíria Ribatejana — pouco conhecem das vantagens ou desvantagens da integração de Portugal na CEE. Pusemos a questão a dois dos muitos seareiros que entre Fevereiro/Março e Agosto/Setembro de cada ano povoam a lezíria, José Maria Moço (de Foros de Salvaterra) e Jorge Freilão (de Alpiarça). A resposta foi invariavelmente a mesma: de política não sabem nada.

Sabem alguns, entre eles Manuel Clariano (que integra o grupo de dirigentes da Associação de Rendeiros de Vila Franca, Benavente e Salvaterra de Magos e faz parte da Comissão de Agricultores de Vila Franca), que o melão não faz parte do acordo Governo/CEE. Aliás, esse foi um dos pontos discutidos no I Encontro de Produtores de Melão do Ribatejo, já este ano, em Alpiarça. «No nosso entender — disse aquele dirigente —, isso não vai salvaguardar os interesses económicos dos produtores e do próprio País».

Os produtores de melão defrontam, neste momento, pelo que se vê, duas situações caricatas: por um lado, o facto de não estar ainda fixado o seu preço, pelo que o comércio de melão não tem tabela e os intermediários, mais organizados, ditam a sua lei; por outro, não faz parte do acordo Governo/CEE.

Mas outros problemas se perfilam na imensidão e no emaranhado da própria lezíria amaciada pelo suor de quem a trabalha; a falta de garantia de terra com aptidão para a sua produção; a inexistência de uma portaria de arrendamento de campanha que defenda o seareiro e a planificação na produção, tendo em conta a fixação do seareiro à terra e assegurando-lhe o legítimo direito de agricultor; e o incumprimento da tabela de renda máxima, começando pela Companhia das Lezírias.

Arrendar e subarrendar é usual na lezíria...

O seareiro é, hoje em dia, dos mais sacrificados trabalhadores da lezíria. Já lá vai o tempo dos gaibéus, dos chamados «caramelos» — o mesmo que gaibéus —, que protagonizaram, com os campinos, os maiores actos «heróicos», digamos, dos campos ribatejanos. Hoje, essa missão cabe ao seareiro, que arrenda três, quatro ou cinco hectares de campo ao particular ou à Companhia das Lezírias sem saber o que de lá sairá, se a apanha do melão compensará ou não, como aqui se conta.

Aliás, a especulação chegou também aos campos da lezíria, antes da apanha do melão. Num dos campos de Almeirim, por exemplo, o seu proprietário terá arrancado toda a vinha para o arrendar para melão, a mais de duzentos contos por hectare. Não conseguimos confirmar junto de Francisco Mascarenhas a indicação, mas é isso que corre na lezíria.

O preço por hectare, para o seareiro, varia entre 60 e 130 contos, muito embora haja casos, pontuais, de 150, 160, 170 e 200 contos por hectare. Com sorte andam os seareiros que tomaram terra ao eng.º Oliveira e Sousa, se bem que os 60 contos/hectare sejam, quanto a resultados, relativamente fictícios. A razão, explicada por um seareiro ouvido pelo «DL», é simples: as suas duas «lavoeiras» (terras para lavoura) não são das melhores.

Abusos consentidos por lei, ganância, oportunismo, exageros e atropelos, são pão-nosso-de-todos-os-dias nos campos de Vila Franca e em toda a lezíria: desde a história do rendeiro da Companhia das Lezírias e ao mesmo tempo proprietário que, além dos seus 44 hectares que arrendou a terceiros a 115 contos/hectare, dispensou ainda 70 dos 120 hectares que arrendou à Companhia das Lezírias, provavelmente por dez ou 15 contos o hectare, a 100 contos/hectare. «Um grande negócio», disse Manuel Clariano ao «DL», garantindo nomes e lamentando que nem todos os seareiros recorram á Associação de Agricultores e Rendeiros de Vila Franca, Salvaterra e Benavente.

«È dinheiro a mais para tão pouco tempo de exploração», acrescentou o nosso interlocutor, uma vez que a sementeira começa em Março e a apanha em Julho/Agosto. Isto é: em Setembro, na pior das hipóteses em Outubro o seareiro deixa a terra.

A cultura que se segue

Fá-lo, naturalmente, a contragosto, pois bem gostaria de poder, na maioria dos casos, agarrar-se à terra, trar dela — como o faz o rendeiro para quem o melão é apenas um dos produtos da sua «lavoeira». O milho, o trigo, a cevada, o girassol e o arroz são outros. Mas nem todos se podem colher no mesmo ano, naturalmente.

O seareiro deixa a terra em Setembro/Outubro, preparada para outra colheita, que não de melão, obviamente. Tera adubada (o melão cresce mais depressa quando se lhe deita adubo foliar, mas não é tão doce) para trigo ou cevada, uma das culturas que se segue. È o proprietário que disso se aproveita, com os seus trabalhadores. Tem, assim, metade das despesas pagas com o adubo deixado da campanha do

bons melões

EXIGEM BOAS SEMENTES

JAD SEMENTES

José Afonso Duarte LIMITADA

Sementes seleccionadas de produção PS PETOSEED disponíveis em embalagens de origem de 100 gr, 500 gr e 5 kilos

MELÃO BRANCO DO RIBATEJO • AMARELO GOLDA.
PELE DE SAPO. TENDRAL (valenciano tardio).

MELOAS HÍBRIDAS:

FIESTA • GALLICUM • TOPSCORE

Os excelentes resultados com a utilização de sementes da nossa marca foram aprovados no passado dia 26 de Julho, aquando da visita de agricultores e técnicos aos nossos campos de ensaio

Rua de S. Nicolau, 24 • Tel. 866754 - 863426 FILIAL EM FARO: Telex 16762 DUARTE P
Rua de S. Mamede, ao Caldas, 29 • LISBOA Largo Dr. Francisco Sá Carneiro, 65 • Tel. 25375

A apanha de melão num campo de Vila Franca arrendado a Manuel Clariano, cujo pessoal vem de Reguengos, Pombal, Glória do Ribatejo...

Rendeiros, rendeiros mas não proprietários

melão. No ano seguinte — ainda nos hectares onde duas épocas antes fora semeado melão — planta tomate. Ao terceiro Verão, cevada ou trigo, mas nunca o que dois antes semeara. E quatro anos depois volta o melão. E com ele o seareiro que quatro anos trabalhara aquela terra, nos anos seguintes outras...

Há uma distribuição coincidente, de quatro em quatro anos, do mesmo serreiro pela terra que vai conhecendo aos poucos. Conhecendo e adubando, todos os anos, para o proprietário lá semear trigo ou cevada no ano seguinte e a arrendar, dois anos depois — se não a quiser tratar — para a campanha de tomate. È cada vez menos atractiva tal aposta para o seareiro, seja ele de Alpiarça, de Foros de Salvaterra, de Almeirim ou de Marinhais.

Seareiros «presa» fácil

O seareiro não tem trabalhadores por conta, não tem mais encargos nem riscos que aqueles que corre numa aposta todos os anos renovada e que este ano, porque a comercialização não é fácil, não lhe parece muito airosa. Têm sido apanhados muitos melões, mas a qualidade não é das melhores: são cada vez menos açucaradas, cada vez mais injectados de adubo foliar, e mais regados, o que lhes retira alguma doçura, por outro lado.

Daí que inúmeros atrelados, tractores e camionetas se distribuam junto à Estalagem «Gado Bravo», perto de Vila Franca, no largo da Praça de Toiros de Almeirim e, por vezes, ao longo da estrada entre a Chamusca e o Porto Alto. Há os intermediários que não se contentam com aquilo que determinam nesses centros e querem mais. Por isso vão ao campo, até junto daqueles que não têm atrelado nem tractor para vir vender o produto junto à estrada. Aliás, também entre estes há muito pequeno intermediário metido: é o intermediário que encurta a distância, o tempo e o ganho entre o intermediário grande ou médio e o produtor. Há, pois, muitos intermediários.

Nem todos os seareiros sabem evitar essa teia que à sua volta tecem, porque lhes falta organização, apego à terra. Não é o que acontece com os rendeiros, melhor preparados, mais bem organizados. Por isso, há dias, enquanto saíam trinta toneladas dele, a trinta escudos/quilo para o Porto, do monte de Manuel Cipriano, nos campos trabalhados por seareiros, ele era vendido, em grandes quantidades, a 17 e 18 escudos, e no melhor dos casos a vinte. Junto ao «Gado Bravo», onde na manhã desse dia pediam entre 20 a 26 escudos, ele era comercializado a 13 escudos. O sol — que a pino obrigara muitos deles a despirem a camisa — desaparecia, há horas que os ofertantes ali estavam...

Duas mil famílias dependentes...

O circuito de comercialização do melão não é de forma alguma satisfatório, nem eficaz. Não está nada virado para o apoio ao produtor e não serve o consumidor. Se esta última condição se verificasse, não haveria melão a 23$00 o quilo entre os campos de Vila Franca e Sacavém (aqui já em nãumero inferior) e a 40 escudos/kg em Lisboa.

Em parte, porque a Junta Nacional de Frutas nunca assumiu as responsabilidades que lhe cabem como organismo de coordenação económica. No I Encontro de Produtores de Melão do Ribatejo, a acusação que dele saiu relativamente à JNV. era bastante contundente: «A Junta nunca assumiu as responsabilidades que lhe cabem por falta de vontade política dos últimos Governos do nosso País, visando assim a destruição da pequena e média lavoura».

O sector está, de resto, mal estruturado. Propositadamente?

Bem, é isso o que os rendeiros e seareiros perguntam e receiam. É isso que o ministério da tutela deverá esclarecer. Afinal, responder apenas a algumas das questões que lhe foram formuladas a partir de conclusões aprovadas na reunião atrás assinalada, que decorreu em Alpiarça. Uma delas exige posição pública de Álvaro Barreto: «Não existe por parte do Governo — diz-se — algum incentivo ou apoio para exportação do melão, ganhando-se assim novos mercados e divisas para o País. A exportação que hoje se realiza quase não tem significado , apesar de estarmos em condições de o fazer».

São cerca de duas mil as famílias de agricultores — como acima se diz —, que vivem ou têm uma grande parte do seu sustento na produção de melão. Esse número sobe para seis mil quanto às pessoas dependentes desta cultura, não contando com algumas centenas de operários agrícolas que têm trabalho durante alguns meses nesta exploração. É, pois, de grande importância económica para a região, e até para o País, a cultura de melão. Di-lo o «DL», a partir das conclusões do I Encontro de Produtores de Melão do Ribatejo, promovido em Alpiarça pela Federação dos Agricutores do Distrito de Santarém.

Três meses depois, em Março último, os problemas de produção de melão do Ribatejo integraram um conjunto de preocupações dos trabalhadores agrícolas e dos agricultores do Ribatejo, na Casa do Campino, Santarém: o tomate, a vitivinicultura, o figo, o milho, a eucaliptização, os citrino e a CEE juntaram-se ao melão no grito de revolta da região contra o Governo. As conclusões desta última reunião foram remetidas para o Primeiro-Ministro, o Presidente da República, a Comissão de Agicultura do Parlamento, governador civil de Santarém, grupos parlamentares e organizações de lavoura do distrito, além do Ministério da Agricultura, obviamente.

A situação não se alterou. Ou, aliás, se se mdudou foi para pior. o melão é menos, não tem preço fixo nem tabela, depende da vontade e teia dos intermediários, e crescem as dificuldades do seu escoamento — apesar da sua produção ser menor que em 1985. Os produtres admitem, como no-lo disse Manuel Cipriano na lezíria de Vila Franca, que o poder de compra do consumidor também baixou, podendo essa ser a principal razão dos problemas que se levantam à sua comercialização, muito embora haja cada vez mais apreciadores de melão. «Mas há pessoas que compravam, o ano passado, três e quatro quilos de cada vez e que, agora, só levam um e dois», observou.

Os rendeiros do Ribatejo gostariam de acolher os seus trabalhadores em melhores condições, mas não podem. Não podem porque trabalham terras da propriedade que não é sua e nunca sabem quando é que os donos virão exigir a sua «restituição». Agora, «com estes fundos da CEE, nós nunca sabemos quando é que os donos da terra, aqueles que na maioria dos casos nunca fizeram nada por ela, pois só se limitaram a herdá-la, não virão exigir a sua devolução, para se candidatarem a esses fundos», disse ao «DL» José Vicente, um rendeiro dos campos de Vila Franca, em plena Castanheira do Ribatejo, que de seara para o arroz lega 135 hectares de terra, dos quais 102 arrendados.

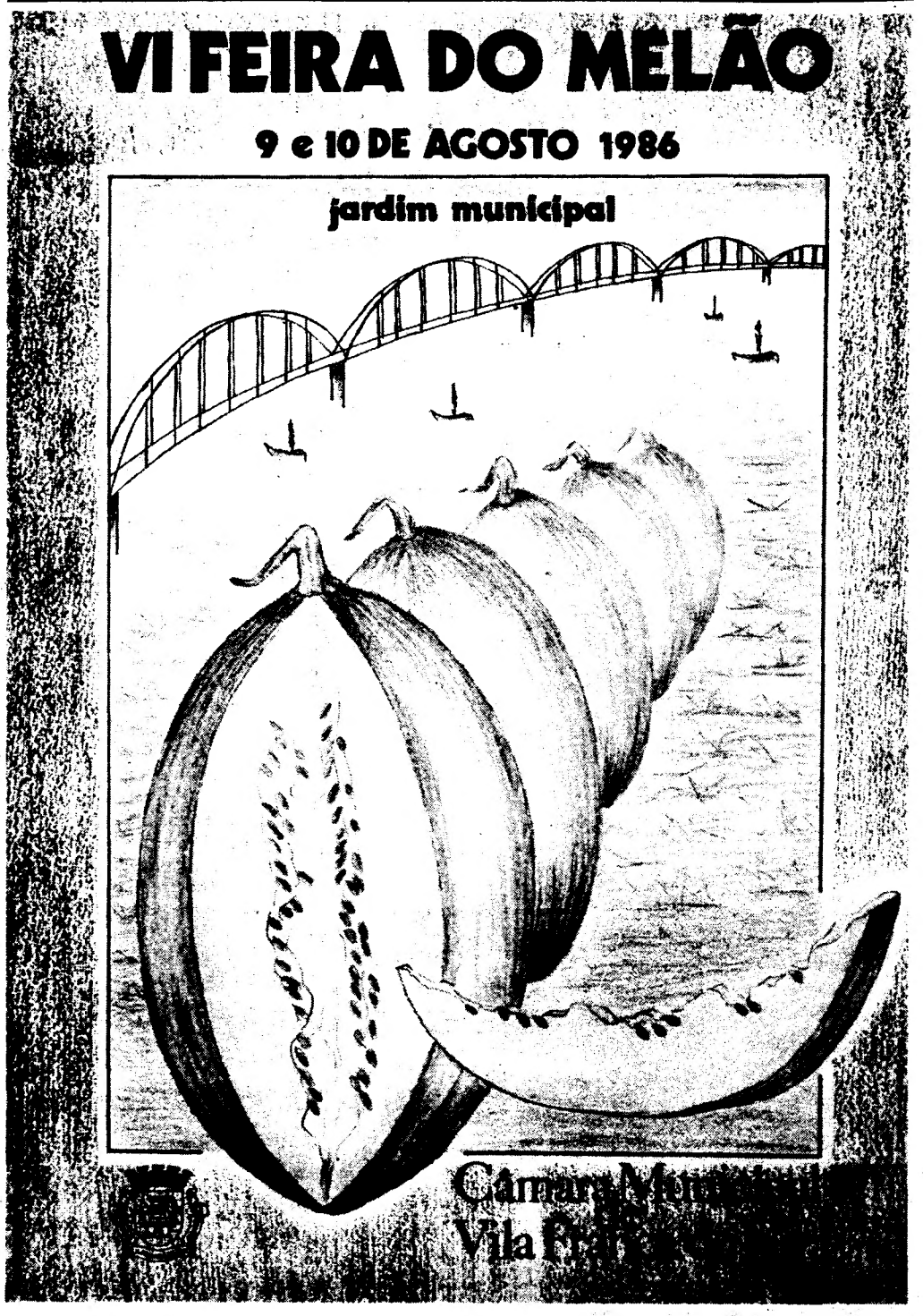
Este arrendamento, já que os outros hectares são propriedade sua, têm uma história muito curiosa, com passagem pelo Tribunal de Benavente e sentença que ainda não foi lida e que só não contamos porque, repetimos, a decisão do Tribunal ainda está no segredo dos deuses. No entanto, e no fundamental, isto resume-se a poucas linhas: ele, José Vicente, com encargos salariais de 150 contos/mês de média, é rendeiro desde 1969. Comprou várias máquinas, material diverso, investindo milhares de contos que o próprio juiz do Tribunal de Benavente pôde constatar no local, como o «DL», numa visita relâmpago — de surpresa — aí feita há dias.

Os proprietários, porque a propriedade tem vários interessados, é que não se preocupam com isso e, depois de um contrato de arrendamento súbito, vieram com ordem de despejo. Assim, sem mais nem menos, ignorando os trabalhadore de José Vicente, os seus direitos, as benfeitorias na casa do arrozal de Vila Franca, sa máquinas que comprou e que não estão, naturalmente (veja-se que a ceifeira — debulhadora vale hoje cerca de 13 mil contos), todas pagas. «Isto é uma loucura, porque se eu tivesse terra para onde ir, para trabalhar, bem iria embora, depois de tudo quanto me fizeram. Mas não posso: tenho pessoas por minha conta e não só, uma vez que investi milhares de contos em maquinaria, em material que tem de se ocupado», disse o homem ao «DL».

Não há casas para ninguém

Ao fundo, junto aos caminhos-de-ferro, entre Vila Franca e Castanheira do Ribatejo, um arrozal imenso, verdejante, mostra-se ao visitante. Regado, diariamente, por meios artificiais. No rectângulo vizinho, trabalhadores do proprietário do seu terreno, amanham a

Continua na pág. 8



As danças e andanças de um Verão quente no Ribatejo

Continuação da pág. 7

terra e/ou montam a cavalo. As relações, aparentemente, não são más de todo. Mas só aparentemente.

A terra, arrendada, está bem tratada. José Vicente foi colhido de surpresa, um destes dias, sem dormir, depois de um carregamento. O motor bombava água de uma vala mais limpa (porque todas as valas em volta estão sujas, poluídas, autênticos atentados à saúde) para parte dos 102 hectares de terra arrendada. As máquinas estavam à mão de todos, grande parte das suas 385 cabeças de gado descansavam na meia parte do armazém, que também é curral. Cá fora, num silo coberto de terra, plástico no interior, havia forragens. «Isto podia ser em alvenaria, mas com as exigências dos patrões, porque um sujeito nunca sabe até onde poderá ficar aqui, está em terra. Uma coisa — acrescentou-lhe — garanto: é que os patrões só querem isto para pedir fundos à CEE. Eles têm este terreno em frente, mas não são eles que o trabalham», vincou com força.

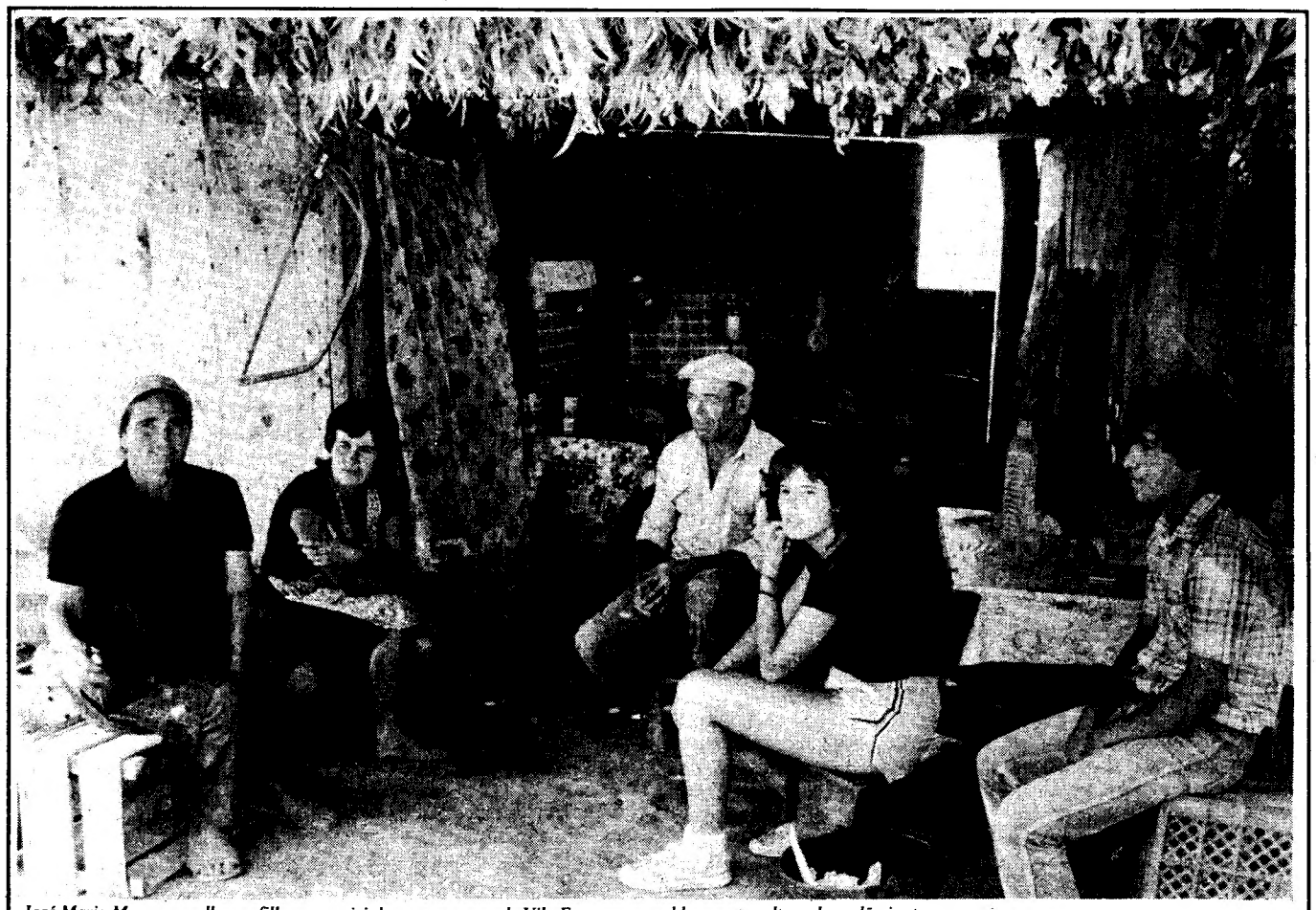
O problema de Manuel Clariano é bastante idêntico: gostaria de ter melhores condições para os seus trabalhadores, dos quais um casal é fixo desde 1979, oriundo de Salvaterra de Magos. Mas não pode, porque nunca sabe, também, quando é que lhe «saltam» em cima. Por isso não há casas para ninguém nem vai a Reguengos de Monsaraz — ele que herdou a exploração da terra de seu pai e de seu tio — buscar gente para as campanhas do melão e do tomate, contentando-se com duas jovens de Vila Franca, trabalhadores da Glória do Ribatejo e de Pombal. Foi buscar esta no princípio de Março e levou-as no último fim-de-semana para a Festa de Pombal. É para pessoas destas, que chegam ao monte e aos campos do Ribatejo com os filhos — a família consigo — que ele gostaria de ter melhores condições. «Mas não posso, porque se faço obras, se levanto casas, além do senhorio me cair em cima, corro imensos riscos e ninguém me paga o investimento feito ao seu real custo», disse Manuel Clariano.

Nem luz nem água

É assim no Ribatejo, com tendência para piorar, depois da aprovação da Lei do Arrendamento Rural, e salvo se lhe forem introduzidas mudanças de fundo. Diz a lei, num dos seus quarenta artigos, que «o arrendatário pode fazer no prédio ou prédios arrendados benveitorias úteis com o consentimento do senhorio ou, na falta deste, mediante um plano de exploração a aprovar pelos serviços regionais do Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação no prazo de noventa dias a contar da recepção do pedido, depois de ouvidas as partes ou sues epresentantes». Mais diz o projecto do Governo: «Quando houver cessação contratual antecipada, por acordo mútuo das partes, haverá lugar a indemnização das benfeitorias realizadas pelo arrendatário e consentidas pelo senhorio». Mas, aqui, pergunta-se: tendo em conta a evolução do tempo, a desvalorização do escudo e o aumento do custo de vida, isto é na justa proporção corrente do investimento feito antes?

Os problemas da lezíria não são apenas estes, obviamente. De mais nos falou Manuel Clariano, desde a falta de electricidade (quem ali vive meses a fio não vê televisão nem lê jornais, pelo que as novidades que lhes chegam são dadas por terceiros, ao sabor de cada um deles) à da água potável, em condições higiénicas e de saúde. O banho de cada um é tomado nas valas, uma delas a real, a qual a seu tempo terá de ser tratada, conforme exigência já feita à Associação da Lezíria Grande de Vila Franca. Entretanto, uma outra — o que é de saudar — Associação da Lezíria Ribatejana nasceu, mas essa em Santarém...

José Vicente: «Investi tudo o que ganhei e me emprestaram (crédito agrícola) em máquinas, porque a agricultura é a minha vida»



José Maria Moço, a mulher, a filha, uma vizinha: nos campos de Vila Franca, os problemas e a cultura do melão juntam as pessoas

Seareiros: os eternos resignados

São os eternos resignados, os seareiros. Vêm de vários sítios do Ribatejo, substituindo os antigos gaibéus no trabalho. Mas são, ao mesmo tempo, trabalhadores e donos. Por isso arrendam terra, quase sempre três hectares. O «DL» teve ocasião de contactar com duas dessas famílias e fixar os seus objectivos, nanja os preços. Os preços do melão nem eles o sabem, porque não foram estipulados.

Os três hectares de terra que arrendam são, quase sempre, do mesmo proprietário: o eng.º Oliveira e Sousa. Três hectares, como esta época o voltaram a fazer José Maria Moço (reformado por invalidez há cinco anos, por causa de uma hérnia discal) e Jorge Ferilão. Disse a mulher do primeiro, sentada a uma mesa improvisada, defronte da barraca onde dormem todos, com cobertura para fora: «A gente dá-lhe sinal, meio ano antes, e ele espera pela renda. É bom para nós, muito embora a sua terra não seja da melhor», disse. E logo o marido, ao lado, acrescentou: «Se fosse terra nova...». Quem a tem, a terra nova, patrão que seja, explora-a nos primeiros anos para si. Sempre assim foi com a terra nova, que ãe como mãe jovem com força para todos os filhos.

Pelo resto da renda andou o sobrinho, à procura porque ele não tem filhos à procura de um destes dias. Mas os seareiros nessas condições ainda não fizeram dinheiro que chegasse para as despesas. O ano é incerto, a venda do melão não está a funcionar. A mulher de José Maria Moço prevê que o ano seja mau e que «saiamos daqui ainda mais endividados». Não desanima, pois logo atalha: «Isto é uns anos para outros».

Se o investimento dos melões não resultar, a família sobrebiverá, apesar de tudo, se bem que não tenha mais nada para viver, a não ser algum vinho. Quando José Maria Moço trabalhava à jorna, ele que é dos melhores podadores do Ribatejo, não havia problemas: enxertava árvores e vinhas, andava na apanha da azeitona. Ele sabe, como poucos, o que é «pecar» e «melar», isto é, tornar frutífera ou produtiva uma árvore que não vingou. «Pecar» é termo de Alpiarça e «melar» de Salvaterra, com o mesmo significado.

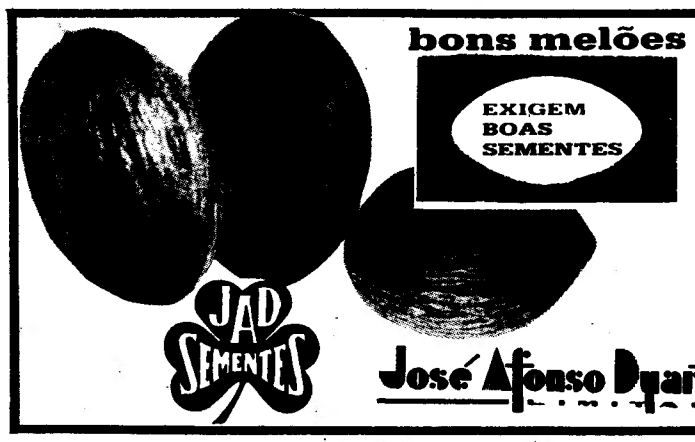
Fazem contas, José Maria Moço, e a mulher, afirmam que antigamente tudo era melhor e, para que não tenhamos contas, falam do plástico, do dinheiro que com ele gastam para imunizar, defender os melões: 215 quilos para três hectares, folhas com 1,90 metros de largura... plástico que é depois abatido, que não serve para nada.

Os lucros? Mas que lucros? Quem ganha, acrescenta a mulher, são os intermediários. Compraram-lhe há mais de uma quinzena melão — o primeiro que apanhou — a 30 escudos o quilo. Pois não tiveram vergonha de o ir vender para a Recta do Cabo, a dois quilómetros da sua terra, por mais 15 escudos (a 45$00) o quilo. «Assim vale a pena trabalhar, não fazer nada», acrescenta.

Muitos outros seareiros do Ribatejo, que sabem que há várias qualidades de melão, umas melhores que outras (Manuel Martins, casca de carvalho, pele de sapo, alinhavado, pendural, melão rachado e melão apimentado, são várias das espécies ou qualidades), teriam reagido de forma diferente. Jorge Freilão, de Alpiarça, pensa do mesmo modo que José Maria Moço, ele que também trouxe um filho, estudante, para a cultura do melão — como José Maria Moço trouxe filha e sobrinho. O drama de Jorge Freilão é o mesmo: o melão é menos, a qualidade pior, as vendas menores. Uma dúvida: onde é que isto vai parar?

A qualidade do melão é menor e o poder aquisitivo dos compradores também. O melão, esse, para cúmulo, é menos açucarado. Pensa-se, casos de Manuel Clariano e José M. Moço, que quanto mais é regado, menos doçura apresenta: depois, tendo em conta que em cada árvore de cinco só dois são aproveitados, então as contas complicam-se.

Mas, quanto a este tipo de contas, nada como o «selo» de origem, isto é, como ouvir quem cultiva meloais todos os anos e reduz à sua produção o que apodrece e sabe que, por exemplo, em cada hectare de terreno semeia covas e cada cova tem que produzir 2,5 quilos. As contas para Manuel Clariano, 56 anos de idade, 49 de lezíria, 18 dos quais como rendeiro integral, não têm segredos...



Sementes seleccionadas de produção PS PETOSEED disponíveis em embalagens de origem de 100 gr, 500 gr e 5 kilos

MELÃO BRANCO DO RIBATEJO • AMARELO GOLDA.
PELE DE SAPO. TENDRAL (valenciano tardio).

MELOAS HÍBRIDAS:

FIESTA • GALLICUM • TOPSCORE

Os excelentes resultados com a utilização de sementes da nossa marca foram aprovados no passado dia 26 de Julho, aquando da visita de agricultores e técnicos aos nossos campos de ensaio

Rua de S. Nicolau, 24 • Tel. 868754 - 863426 FILIAL EM FARO: Telex 16762 DUARTE P
Rua de S. Mamede, ao Caldas, 29 • LISBOA Largo Dr. Francisco Sá Carneiro, 65 • Tel. 25375

Autarcas e bombeiros reflectiram sobre as florestas

Celulose e madeireiros foram responsabilizados pelos incêndios

A indústria da celulose e os madeireiros foram responsabilizados pela ocorrência de fogos florestais, no encontro que autarcas, bombeiros e deputados tiveram ontem em Castanheira de Pera. Uma das decisões da reunião foi a de solicitar a participação das forças militares e militarizadas na prevenção aos incêndios florestais.

«As celuloses compram as terras queimadas, a baixos preços, imediatamente após os incêndios», disse Nogueira da Silva, dirigente da Cooperativa Agrícola de Madeira, de Oleiros. Deste modo, aquele agricultor sublinhou que, após a devastação provocada pelas chamas, «eles compram as terras a baixo preço».

Nesta perspectiva, o sindicalista Kalidás Barreto, presidente da Assembleia Geral dos Bombeiros Voluntários de Casatanheira de Pera, adiantou números. «É a partir do incremento da instalação da indústria da celulose em Portugal que começa a devastação da floresta pelos incêndios». Kalidás Barreto referiu que em 1974 arderam 31.777 hectares de mata florestal e em 1985 foram consumidos 81.475, enquanto a indústria da celulose exportava 3,6 milhões de contos em 1977 para passar a 48,9 milhões oito anos depois.

«Em 1985, os lucros das multinacionais de celulose que operam em Portugal ascenderam a mais de três milhões de contos o que, quase seguramente, é mais que os resultados obtidos por todas as empresas industriais dos distritos de Leiria, Coimbra e Castelo Branco», afirmou o presidente da Assembleia Geral dos Voluntários de Castanheira de Pera.

Preço justo precisa-se

«Enquanto não houver um preço justo na produção florestal, a mata vai continuar a arder pois não compensa explorar a floresta», declarou o dirigente da Cooperativa Agrícola de Madeira de Oleiros. Nogueira da Silva sublionhou que os incêndios florestais constituem «um problema fundamentalmente económico, que passa pela decisão política de alterar, nomeadamente, os preços da madeira na produção».

Para o deputado socialista António Guterrez, o problema dos incêndios florestais «é o maior atestado de estupidez colectiva que Portugal pode apresentar». «O conjunto dos prejuízos causados pelos incêndios florestais é muito superior aos custos necessários para os evitar», disse aquele parlamentar. Guterrez acentuou, ainda, que «no dia em que fosse claro que o Estado escoaria a madeira queimada, deixaria de haver madeireiros interessados nos incêndios».

Vigilância deve ser reforçada

Entre as conclusões da reunião destaque, também, para a participação de forças militares e militarizadas na prevenção aos incêndios. A recomendação aprovada solicita ao governo que implemente «medidas urgentes e um programa de urgência» para o combate e prevenção aos incêndios.

Deste programa devem constar mediadas de vigilância «com recurso a todos os meios disponíveis, incluindo guardas florestais, forças militares e militarizadas e outras associações vocacionadas para esse fim».

O encontro concluiu, ainda, pela necessidade «do reforço dos meios áereos ocupados na vigilância, recorrendo a entidades públicas e privadas, devidamente enquadradas nas estruturas existentes».

Estas e outras medidas irão ser condensadas por um grupo de trabalho, constituído por autarcas, bombeiros e produtores florestais, que até Outubro próximo irá apresentar um conjunto de propostas de acção que visam «a prevenção e a tomada de medidas que evitem a completa destruição da floresta».

Os participantes na reunião de Castanheira de Pera propõem ao Governo o recurso a fundos comunitários de excepção para situações desta natureza, e que as verbas a considerar no Orçamento de Estado para 1987 prevejam ajudas para o desenvolvimento económico e social da «zona do pinhal». Também foi solicitado que os projectos do FEDAP já enviados pelos Municípios da região sejam considerados prioritários, como forma de permitir o acesso e penetração nas áreas florestais

Entretanto, o Ministério do Trabalho anunciou ontem que vão ser recrutados 476 trabalhadores, a serem distribuídos por 31 concelhos, para postos de vigia, brigadas móveis de fiscalização e centros de prevenção e detecção de incêndios.

Este recrutamento tem como objectivo obviar às situações vividas nas últimas semanas, «que têem extenuado as equipas previstas inicialmente».

Fogo no Algarve e em Cascais

Um incêndio de quatro frentes que ontem à tarde deflagrou na mata de Santa Rita, nas proximidades de Tavira, foi considerado extinto ao principio da madrugada de hoje. O sinistro, que durou mais de oito horas, foi combatido por 60 homens das corporações dos bombeiros de Tavira e de Vila Real de Santo António.

O facto das chamas terem deflagrado na maior mata do sotavento algarvio e de, à partida, o fogo se apresentar com quatro frentes, são dados indicativos de que na origem do sinistro esteve um acto de fogo posto. A acção desenvolvida pelos «soldados da Paz» foi dificultada pelos acessos, e pela norta-da, o que levou a que, de acordo com os primeiros cálculos, tenha ardido uma extensão de 55 hectares de mato.

Também em Cascais, na Quinta da Marinha, mãos criminosas atearam um incêndio na costa da Guia, que destruiu uma zona de mata ainda não quantificada. Apesar das chamas se terem aproximado de algumas das residências da Quinta da Marinha, a pronta acção dos bombeiros de Cascais, Estoril e Alcabidexe, num total de cerca de 60 homens, conseguiu impedir a sua progressão.

VÁ AO TEATRO
MAS, PRIMEIRO,
LEIA O ROTEIRO
DO "SE7E"

Agora ainda mais completo

DISTRIBUIÇÃO

Com o se7e, você é o primeiro a saber

Um suicidou-se, outro entregou-se

Quatro evadidos de Pinheiro da Cruz conseguiram romper o cerco policial

Nove dias após a fuga da prisão de Pinheiro da Cruz, forças da Guarda Nacional Republicana e da Policia Judiciária cercaram às primeiras horas da manhã de hoje uma casa no centro da Quarteira onde se encontravam os seis evadidos. Após uma hora de troca de tiros, José Fernandes Gaspar entregou-se, enquanto Augusto José Ramalho punha termo à vida.

«O pessoal está toda na rua», indicou ao «DL» um informador da Policia Judiciária de Faro que, conjuntamente com a GNR, após a detecção dos seis evadidos da Colónia Penal de Pinheiro da Cruz, procura agora os quatro fugitivos que conseguiram romper o cerco policial.

Segundo o «DL» apurou, os quatro elementos que escaparam, Germano Raposinho, José Faustino Cavaco, Carlos Alberto Ferreira Pereira e Vitor Clemente Cavaco, cedo se aperceberam do cerco que estava a ser efectuado à residência, situada num bloco de apartamentos na rua do Cabide, na Quarteira, propriedade de um amigo de Raposinho, e terão deixado para trás os outros dois membros do grupo.

Às nove horas desta manhã, poucos minutos depois de José Fernandes Gaspar se ter rendido às forças sitiantes, ouvia-se um tiro no interior da habitação. Augusto José Ramalho punha termo à vida.

Loulé: a primeira direcção da fuga

A bordo do veículo de um familiar de um dos evadidos, cuja descrição e matrícula as autoridades não divulgaram para não prejudicar as operações de busca, os quatro cadastrados dirigiram-se, primeiro em direcção ao Norte, rumo a Loulé e, depois, sempre circulando por estradas secundárias, em direcção a Sul. «Uma força da Guarda está na zona», declarou ao fim da manhã de hoje um porta voz da GNR, que entretanto fez deslocar para o local o helicóptero que estava sediado em Faro.

Apesar das autoridades estarem convencidas de que poderão, fácilmente, apanhar o rasto ao grupo, o facto de estarem em fuga os elementos mais perigosos que se evadiram de Pinheiro da Cruz colocará, eventualmente, alguns problemas à sua detenção.

Acresce o facto de, apesar de terem sido encontradas na residência onde se escondiam várias pistolas e duas espingardas metralhadoras G3, o grupo ter ainda na sua posse diverso armamento.

Educador da prisão entregou arma

Recorda-se que, como o «DL» divulgou no passado sábado, a Policia Judiciária mostrava-se convicta de que os fugitivos ainda se encontravam no Algarve, sublinhando então que faltavam três ou quatro dias para um «primeiro contacto, que poderia não levar à captura de todos os elementos em fuga».

Por outro lado, durante o interrogatório a que foi submetido pouco depois de se ter entregue às forcas sitiantes, José Fernandes Gaspar confirmou que a arma utilizada por Germano Raposinho para forçar a abertura do gradão e, assim, iniciar o processo de fuga, entrou na Colónia Penal de Pinheiro da Cruz devido à conivência do educador do estabelecimento prisional, que terá recebido em troca cerca de 200 contos (ver outra peça).

Evadidos não quiseram negociar rendição

Um agente da PJ ficou ferido de raspão no abdómem por um tiro disparado por José Augusto Ramalho durante a operação de captura, pouco antes do cadastrado ter posto fim à sua vida. O agente, de quem não foi fornecida a identidade, encontra-se livre de perigo e não foi hospitalizado.

Entretanto, são conhecidos mais pormenores sobre o cerco. Assim, o responsável da Policia Judiciária precisou que, pouco depois de ter sido montada a operação, cerca das 7 horas desta manhã, «tentámos negociar com eles com um megafone, mas eles responderam com rajadas de metralhadora».

A mesma fonte adiantou que os sitiados «dispararam centenas de cartuchos durante mais de meia hora de fogo seguido», mas «o nosso grande receio é que eles subissem ao telhado e começassem a fazer fogo dali, pois poderiam pôr em risco a vida das pessoas dos prédios contíguos, que entretanto assomaram às janelas».

Em resultado da metralha, os prédios em frente ao refúgio dos cadastrados ficaram marcados por dezenas de buracos resultantes do impacto das balas.

Condenado a 20 anos

Augusto José Ramalho, o evadido que esta manhã se terá suicidaddo em Quarteira, depois de ter sido cercado por forças policiais, era conhecido por «paraquedista» ou «Toni», e tinha 31 anos.

Estava preso desde 1977, tendo sido condenado a 20 anos de prisão por roubos e outros crimes. Já se tinha evadido uma outra vez, da cadeia de Vale de Judeus, em Março de 1981. Nessa altura conseguiu andar em liberdade durante sete meses. Era natural de Lisboa.

Por outro lado, José Fernandes Gaspar, conhecido por «Zé Guerreiro» ou «Zé Rascas» era como o suicida um antigo paraquedista. Encontrava-se em Pinheiro da Cruz a cumprir uma pena de cinco anos e oito meses. É natural de Aljustrel, no Baixo Alentejo.

Ambos se notabilizavam, do ponto de vista «ornamental», por exibirem braços tatuados com as insígnias da Escola de Paraquedistas de Tancos, por onde tinham passado em cumprimento do serviço militar.

Um testemunho

Dezenas de polícias encontravam-se ainda esta manhã na Rua da Cabine, em Quarteira, onde na manhã de hoje foi capturado um dos evadidos de Pinheiro da Cruz e outro se suicidou, numa casa cercada pelas forças policiais.

Um empregado de um estabelecimento comercial existente naquela artéria disse à ANOP que quando às nove horas entrou de serviço, já a rua estava cercada de polícias que informavam as pessoas sobre a existência de ladrões num edifício.

O tiroteio, segundo esta testemunha, durou 15 minutos, após o que um dos presos saiu com as mãos no ar. O edifício onde os evadidos se refugiaram tem apenas dois pisos e situa-se dentro de um quintal daquela artéria de Quarteira.

Segundo esta testemunha, ao meio-dia o cadáver do suicida ainda se encontrava no edifício.

Recebendo em troca 200 contos de Raposinho

Educador da cadeia implicado na venda da pistola para a fuga

O relatório preliminar à fuga de Pinheiro da Cruz, mandado instaurar pelo ministro da Justiça, e ainda não divulgado, terá concluído que a pistola empunhada por Germano Raposinho lhe terá sido vendida por 200 contos por um educador do próprio presídio de Grândola. O relatório, que é hoje citado nas edições do «Comércio do Porto» e de «O Diabo», indicará que a pistola em causa é uma «Star», de calibre 6.35.

Em declarações posteriores, o director-geral dos Serviços Prisionais, dr. Fernando Duarte, não confirmou nem desmentiu esta versão, admitindo que a arma poderá «muito bem ter sido introduzida na prisão através de um funcionário corrupto».

Entretanto, em contacto com o Ministério da Justiça foi-nos dito que, neste momento, o inquérito à fuga ainda está «na fase preliminar», pelo que não será oportuno fazer revelações sobre o mesmo.

Foi Faustino Cavaco quem disparou primeiro?

Enquanto isto, uma fonte conhecedora dos meandros de Pinheiro da Cruz garantiu ao «DL» que a pistola foi de facto vendida por um funcionário da cadeia, mas quem a empunhou foi José Faustino Cavaco e não Germano Raposinho.

De acordo com a mesma fonte, José Faustino Cavaco, apesar da sua reconhecida perigosidade, fazia serviço na messe dos guardas prisionais, situada no exterior, a cerca de 300 metros da portaria do presídio. Terá sido ele quem vindo da messe, já armado, se aproximou do gradão, obrigando o guarda de serviço a franquear-lhe a entrada e disparando em seguida sobre ele. «O facto de se vir a saber que um indivíduo como o Cavaco estava de serviço à messe seria de tal maneira comprometedor que fez com que o director da cadeia fizesse constar a versão de que tinha sido o Raposinho o autor do primeiro disparo» disse ao «DL» a mesma fonte.

FUNDO DE ARTIGO

Mário Castrim

Primeiro Dia — *Os perigosos cadastrados seguiram na direcção do Sul. Dirigem-se certamente para o Algarve. Vão com imensa pressa, desejosos, como milhares doutros turistas, de não perderem o maravilhoso Sol destes dias de Verão. Mas não vão ter sorte nenhuma. Primeiro, porque estão mobilizadas todas as forças disponíveis para os prender, e depois porque o Boletim Metereológico se mostra muito céptico.*

2.º Dia — *Os fugitivos estão cercados. Não lhes resta a menor esperança. Aguardamos a todo o momento a notícia da sua prisão. As forças da ordem que os perseguem são ajudadas por helicópteros especialmente concebidos para o efeito.*

3.º Dia — *Os criminosos encontram-se numa situação desesperada. As forças lançadas no seu encalço, têm ordens para «atirar a matar». Interromperemos as nossas emissões logo que nos chegar a notícia da sua prisão.*

4.º Dia — *Os criminosos foram vistos a jantar num restaurante. Quando a polícia chegou, já eles tinham fugido. Desconhece-se o umo que seguiram, bem como a ementa.*

5.º Dia — *Sabe-se que os criminosos passaram a noite numa boite. Dançaram, conversaram e beberam como gente grande. Mostravam-se eufóricos e gastaram sem olhar a despesas que, aliás, como depois se verificou, não tinham intenção de pagar, o que caiu muito mal na restante clientela.*

6.º Dia — *Os fugitivos marcaram ontem a sua presença por um campo de golfe. Ter-lhes-iam proposto uma exibição, mas eles recusaram, verdadeiros* **gentlemen,** *por considerarem que a sua condição de profissionais lhes não consentia jogar contra amadores. Deixaram ficar o automóvel junto à vedação, e a pé, tranquilamente, dirigiram-se para o seu destino.*

7.º Dia — *Não há qualquer desenvolvimento sobre a fuga dos cadastrados. No entanto, observadores ligados aos meios policiais, são do parecer de que os evadidos já se encontram em Espanha.*

8.º DIa — *A nova situação criada pela fuga dos criminosos coloca novos problemas às forças da ordem portuguesas. Estas vão passar da fase do artesanato à fase super-adiantada. Assim, encontra-se em Lisboa uma delegação da NASA que negociará com o governo português a venda de um satélite de vigilância.*

A partir de agora, não haverá hipótese para os fugitivos.

Uma solução para dois meses

OPEP decidiu baixar a produção e preços do petróleo subiram

O plano intercalar do Irão para ultrapassar a actual crise da OPEP foi ontem aceite em Genebra pelos Estados membros da organização, informou o ministro iraniano do petróleo, Gholamreza Aghazadeh.

O ministro acrescentou, em conferência de Imprensa, que o plano refere-se apenas a 12 nações da Organização dos Países Exportadores de Petróleo e não inclui o Iraque.

O plano — precisou — prevê o regresso por dois meses às quotas oficiais da organização de 1984, o equivalente a um limite global de produção de 14,8 milhões de barris diários para os 12 países, mais 1,2 milhões para o Iraque.

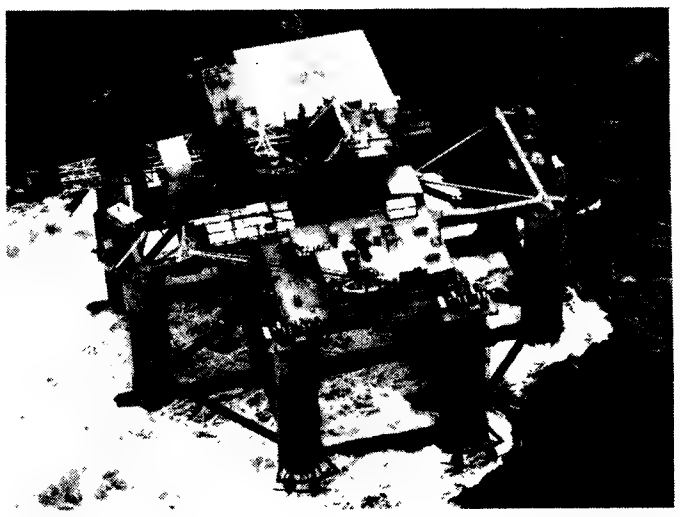
Durante os dois meses, a OPEP poderá «encontrar uma solução para os seus problemas», observa Aghazadeh.

O ministro sublinhou que o regresso às quotas de 1984 «não prejudicará em nada os futuros trabalhos da OPEP» sobre o assunto. «Os montantes — acrescentou — não constituem uma nova base para as discussões sobre as futuras quotas».

Depois de uma reunião de duas horas em que só no último minuto foi possível chegar a um consenso, os ministros concordaram em encontrar-se de novo hoje para definir os pormenores do acordo.

À saída da reunião, o ministro do petróleo da Arábia Saudita Ahmed Zaki Yamani, principal responsável por estas medidas, declarou ter sido o principal obreiro deste plano: «sou aquele que mais trabalhou para isto».

A notícia de que na reunião os 13 ministros do petróleo tinham concordado com a iniciativa do Irão, que poderá provocar um corte de produção de cerca de



quatro milhões de barris por dia, levou a uma rápida subida dos preços em Nova Iorque.

O barril de «West Texas Intermediate», qualidade de referência para o «bruto» nos Estados Unidos, subiu 85 cêntimos, para 12,40 dólares nas entregas de Setembro.

Para Outubro e Novembro, o barril progrediu 92 e 79 cêntimos, para 12,30 dólares e 12,25 dólares, respectivamente.

Nas entregas mais afastadas, a subida é menos acentuada, com o barril para entrega em Junho de 1987, por exemplo, a 12,20 dólares.

Afirmam empresas mineiras

Apoios do Governo não são os mais apropriados

«O apoio do Governo ao sector mineiro tem o mérito de impedir a degradação das minas, pois as medidas decretadas permitem que se possa voltar a produzir quando as condições de mercado o justifiquem» afirma a Associação Portuguesa das Indústrias Mineiras (APIM).

A associação patronal do sector considera que as medidas do Governo têm o mérito de evitar a degradação das minas, mas entende que não são as que melhor poderiam contribuir para a futura recuperação da actividade mineira.

As medidas decretadas pelo Governo no início do mês visam a participação financeira do Estado nos custos de manutenção e conservação das minas, cuja suspensão ou encerramento de actividades tenham origem na baixa das cotações internacionais.

No entender da APIM teria sido preferível o apoio financeiro do Estado à produção, por período transitório, pelo diferencial entre os respectivos custos e o valor correspondente das cotações internacionais.

Estas medidas evitariam o encerramento ou suspensão da actividade das oito empresas do sector do volfrâmio e estanho e a manutenção dos dois mil postos de trabalho.

A crise que afecta o sector mineiro é «conjuntural» e «mundial» salienta a APIM, que afirma não caber às empresas produtoras qualquer responsabilidade, pois não detêm o poder de fazer inflectir a queda vertiginosa das cotações internacionais do volframio e estanho.

Hipermercado da Amadora abre na Páscoa

O segundo hipermercado do continente estará ao dispôr dos lisboetas a partir da Páscoa de 1987, anunciou ontem o grupo de empresas SONAE.

A escritura pública de compra de um terreno destinado à construção do novo hipermercado realizou-se na quarta-feira passada em Lisboa.

Este empreendimento ficará localizado junto ao nó rodoviário da Amadora, a norte das instalações da Fiat, em Alfragide.

O hipermercado «continete» de Lisboa será substancialmente maior do que o do Porto, tanto em área como no número de caixas de saída e lugares para estacionamento.

O complexo compreenderá ainda um centro comercial triplo do da unidade nortenha.

PCP quer urgência para a ratificação da extinção da CNP

O Partido Comunista Português anunciou ontem que vai pedir a ratificação pelo parlamento do decreto-lei do Governo que extingue a Companhia Nacional de Petroquímica.

Em comunicado, o grupo parlamentar do PCP refere que «dada a gravidade do problema e a urgência da sua resolução» irá propor que a sua discussão seja agendada para a reunião da comissão parlamentar de Economia, Finanças e Plano marcada para o dia 4 de Setembro.

FMI baixa juros

O Fundo Monetário Internacional (FMI) anunciou ontem uma redução de um ponto na taxa de juro sobre os seus empréstimos, retroactiva a 1 de Maio último, informa o último boletim deste organismo financeiro internacional.

A redução de sete para seis por cento na taxa de juro do FMI reflete-se directamente numa dimuição correspondente da carga de juros das nações endividadas.

A taxa de juro do FMI está sujeita a reajustamento todos os semestres, de acordo com as cobranças efectuadas pela organização, indica o mesmo boletim.

Um terço dos autocarros avariados no Porto

Cerca de um terço das viaturas dos Serviços de Transportes Colectivos do Porto está imobilizado por falta de manutenção e assistência, na sequência das greves que são feitas desde há seis semanas consecutivas.

Segundo o Sindicato dos Trabalhadores Rodoviários e Urbanos do Norte já há mais de 200 viaturas imobilizadas e a situação mais grave verifica-se na estação da Corujeira, cuja frota é mais velha.

«O nível de imobilizações não é ainda mais elevado porque as pequenas avarias não são reparadas, circulando assim dezenas de autocarros com deficientes condições de segurança» — acrescenta o STRUM.

Os trabalhadores do sector oficial e administrativo cumpriram mais um dia de greve. Hoje e sexta-feira paralisa o sector do movimento, entre as 4,00h eas 10,00h, não circulando qualquer viatura a partir das 9,00h de quinta-feira, para a realização de um plenário geral.

Pedida importação de cimento

A Associação Portuguesa dos Comerciantes de Materiais de Construção (APCMC), em carta ontem enviada ao ministro da Indústria e Comércio, solicita a urgente autorização da importação de cimento.

O pedido baseia-se no facto da greve dos trabalhadores das empresas cimenteiras estar a afectar o abastecimento do cimento no mercado, «gerando graves prejuízos às empresas do sector e à economia nacional».

A APCMC, na missiva endereçada ao ministro, salienta que a aquisição do cimento em Espanha deve proceder-se sem entraves burocráticos face à perspectiva do prolongamento da greve.

Nova emissão de obrigações

A emissão da primeira série do empréstimo denominado «obrigações do tesouro, capitalização automática, 1986» foi autorizada em suplemento ao «Diário da República» de 28 de Julho, hoje distribuído.

A portaria do Ministério das Finanças refere que esta autorização se reporta a 4 de Agosto.

a taxa de juro anual referente a esta emissão é a taxa de referência estabelecida nos termos do Decreto-Lei 311-A/85, que estiver em vigor no primeiro dia de cada período anual de contagem de juros, abatida do diferencial de dois por cento.

A portaria estabelece ainda que os titulares poderão optar pelo reembolso dos títulos ao fim de dois ou quatro anos após a data de subscrição pelo seu valor acumulado até àquelas datas.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	39$50	45$50
ALEMANHA FED. (marco)	69$75	70$95
ÁUSTRIA (xelim)	9$85	10$005
BÉLGICA (franco)	3$160	3$410
BRASIL (cruzado)	4$00	6$50
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	104$80	107$30
(notas de 5 a 1000)	105$30	107$80
DINAMARCA (coroa)	18$55	18$95
ESPANHA (peseta)	1$046	1$166
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	145$10	148$60
(notas de 5 a 100)	145$60	149$10
FINLÂNDIA (marka)	29$10	29$70
FRANÇA (franco)	21$45	22$15
HOLANDA (florim)	61$90	63$00
IRLANDA (libra)	194$65	198$65
ITÁLIA (lira)	$092	$107
JAPÃO (iene)	$900	$955
NORUEGA (coroa)	19$90	20$10
REINO UNIDO (libra)	215$25	219$75
SUÉCIA (coroa)	20$80	21$30
SUÍÇA (franco)	86$80	88$30
VENEZUELA (bolívar)	6$30	7$30

Observações:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Tráfico de menores faz fortunas no Brasil

Lídia Ben/IPS

O tráfico ilegal de menores transformou-se, nos últimos anos, num rentável negócio para uma rede de gente sem escrúpulos no Brasil.

Com preços variando entre os 3000 e os 15 000 dólares, os bebés brasileiros são oferecidos a ansiosos casais estrangeiros que, dessa forma, vêem realizados os desejos de uma maternidade frustrada ou impossível.

Escudados por falsas entidades filantrópicas, por astutos advogados especializados em adopção ou por mulheres traficantes que actuam sorrateiramente, mães solteiras ou pertencentes a classes sociais de baixos rendimentos, que as impedem de criar um filho, são induzidas a «vender» os seus bebés, logo que os dão à luz, por somas irrisórias, muito aquém dos fabulsos lucros obtidos por essas organizações clandestinas.

Os cuidados e despesas nas maternidades correm por conta dessas «temíveis interlocutoras», que as protegem em «quartos especiais» para não despertar qualquer espécie de suspeitas.

Uma vez ocorrido o parto, o filho, na grande maioria das vezes, é separado da mãe sem o seu consentimento e ao ter alta da maternidade é obrigada a assinar, num papel em branco, a renúncia ao filho.

Essa «renúncia imposta forçada» é quase sempre acompanhada de ameaças de morte, caso se pretenda fazer uma denúncia ou procurar o filho.

Pessoas próximas dos Tribunais de Menores reconhecem que a burocracia existente no Brasil para a adopção (a qual pode levar muito mais de um ano) determina, em grande medida, a utilização destes métodos clandestinos ou ilegais.

Maria Aparecida, de 18 anos, empregada doméstica duma família brasileira da classe média, conheceu, quatro meses depois de chegar a esta cidade, um jovem de 24 anos, operário da construção civil com o qual iniciou uma relação, sem saber que ele era casado.

Após nove meses de gestação e perante a promessa de casamento depois do parto, o companheiro desapareceu.

A jovem, que deixara o seu emprego, iludida com a formação do seu lar, encontra-se hoje sem saber o que fazer com o seu bebé, e prefere entregá-lo a quem o possa alimentar e criar.

Tão íntimo drama foi contado por Maria Aparecida à IPS, e é um dos exemplos dos muitos casos semelhantes ocorridos nesta cosmopolita capital, onde a ingenuidade de um futuro tentador, ou mais seguro, leva muitas jovens a aceitar uma gravidez não desejada.

Louros

Nos últimos cinco anos, o tráfico de bebés brasileiros para o exterior intensificou-se de forma alarmante. Países como Israel, quase todos os europeus e os Estados Unidos, são na maior parte dos casos o destino definitivo dum contingente de crianças brasileiras recém-nascidas.

As denúncias feitas através de influentes meios de comunicação social não tiveram até ao momento o eco necessário junto das autoridades competentes, as quais continuam sem adoptar medidas eficazes que contrariem tão pouco tradicional exportação.

Em muitos casos, os recém-nascidos saem do país clandestinamente, ou seja, sem os documentos de adopção, aproveitando-se das facilidades registadas em algumas fronteiras dos países limítrofes (Argentina, Bolívia, Paraguai e Uruguai), onde a passagem de um país para o outro pode significar apenas atravessar uma simples rua.

Os Estados do Sul (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) foram os «pioneiros» deste tráfico ilegal movidos pelo interesse manifestado pelos estrangeiros em adoptarem bebés louros, de olhos azuis, se possível.

As importantes imigrações europeias (alemã e eslavas, principalmente) que se instalaram nos Estados do Sul do Brasil, principalmente depois das duas Guerras Mundiais, deram origem a gerações que nada têm a ver com as características físicas, próprias dos brasileiros.

Nos últimos anos, a preferência por bebés louros foi sempre a característica exigida pelos abastados pais estrangeiros.

Salvador, capital do Estado da Baía, por exemplo, também se transformou num importante centro de exportação de recém-nascidos.

Desde 1980; cerca de 450 bebés foram enviados para vários países da Europa. Mais de metade deles foi adoptada por italianos, seguindo-se-lhes os franceses, luxemburgueses, alemães, belgas e holandeses.

Shimon Peres concordou com Bush quanto à necessidade de um acordo com o Egipto, mas Shamir opôs-se

Bush pode regressar de mãos vazias

Recusa de ministro israelita põe em causa acordo com o Egipto

Desentendimento entre o primeiro-ministro israelita e o titular da pasta dos Negócios Estrangeiros de Israel poderão provocar o regresso do vice-presidente norte-americano a Washington sem o acordo egípcio-israelita sobre o conflito fronteiriço de Taba.

Contra a opinião do chefe do «governo de unidade nacional» israelita, Shimon Peres, o ministro Yitzhak Shamir negou-se a iniciar um «pré-acordo» destinado a submeter à arbitragem o litígio entre os dois países pela soberania do enclave de Taba, no golfo de Acaba, Mar Vermelho.

Bush, que ontem prosseguiu no Cairo uma digressão definida como pré-eleitoral» e que inclui Israel, Jordânia e Egipto, enviou domingo à noite o diplomata norte-americano Richard Murphy do Cairo a Jerusalém para concretizar a assinatura do acordo, embora o Egipto e Israel devessem continuar a negociar sobre alguns problemas pendentes.

Segundo a imprensa local, Shamir negou-se a assinar o documento sem ser previamente aprovado por todos os ministros do gabinete, o que causou o fracasso da missão urgente de Murphy, assessor para Assuntos do Médio-Oriente do secretário de Estado norte-americano, George Shultz.

Shamir, que sucederá ao trabalhista Peres na presidência do gabinete, em Outubro, exige que o Egipto se comprometa a «normalizar» as relações com Israel e a indemnizar as famílias dos sete excursionistas israelitas mortos na passagem de Ras Burka (Sinai), por um sargento da polícia egípcia, há 11 meses.

Funcionários da comitiva de Bush disseram domingo que o governo egípcio tinha «demonstrado grande flexibiljdade» para obter a assinatura do «pré-acordo».

As negociações entre o Egipto e Israel recomeçam hoje, no Cairo.

Entretanto, Bush encontrou-se com o presidente egípcio, Hosni Mubarak, no palácio cairota de Kubbeh, para conversações bilaterais.

"Pravda" passa a bola ao Paquistão

O jornal do Partido Comunista soviético «Pravda» insistiu ontem que o calendário para a retirada soviética do Afeganistão não é o principal assunto das conversações de paz indirectas em Genebra e acrescentou que a próxima acção é com o Paquistão.

O jornal repete anteriores afirmações do número um do Kremlin, Mikhail Gorbachev, segundo as quais as conversações iniciadas na semana passada, sob mediação das Nações Unidas, fizeram «alguns progressos».

Na semana passada, Gorbachev anunciou, num discurso transmitido a nível nacional pela televisão, que o Kremlin retiraria seis regimentos soviéticos do Afeganistão este ano.

A retirada deverá abranger, segundo peritos ocidentais, entre seis mil e dez mil dos cerca de 115 mil soviéticos que se encontram no Afeganistão.

«A actual série de conversações entre o Afeganistão e o Paquistão em Genebra deve mostrar a reacção paquistanesa a este gesto de boa vontade», disse o Pravda.

tap AIR PORTUGAL

Exploração de Infantário

PRETENDE-SE:

Seleccionar concessionário para exploração de INFANTÁRIO na zona do Aeroporto de Lisboa

Os interessados poderão dirigir-se à TAP Air Portugal, Divisão de Acção Social, edifício 27-4.º andar Aeroporto de Lisboa até 14 de Agosto de 1986, das 9 horas às 12.30 horas e das 14 horas às 16 horas de 2.ª a 6.ª-feira, a fim de lhes serem fornecidos os termos de referência e condições do concurso.

APOIO Diário de Lisboa

CALAMITY JANE

Uma Mulher de Armas ou O Monólogo da Vaqueira

PROCURA-SE!

MARIA DO CÉU GUERRA

música

António Cardoso

direcção

Helder Costa

De 3.ª a Sáb., às 21.30 h
Sáb. e Domingos, também às 16 horas

A BARRACA

Rua Alexandre Herculano, 50 — 1250 Lisboa

RESERVAS - TEL. 686300

0000$00

Últimas representações só até dia 10 de Agosto

• AR CONDICIONADO •

SE
estiver cansado
procure boiar
e não hesite em pedir socorro

Os apoiantes de Manila

Mesmo que as teses de Cory Aquino nem sempre sejam do gosto do presidente Reagan, os americanos estão resolvidos a manter a sua presença no país. A todo o custo.

Com o governo da senhora Aquino, Washington tem de se habituar a um novo estilo. A «revolução de Fevereiro» deu às Filipinas um certo orgulho nacional que se reflecte na atitude adoptada por Manila perante os Estados Unidos. Assim, quando o secretário de Estado americano, George Shultz, esteve em Manila a 20 de Junho para anunciar a Cory Aquino que Washington estava finalmente disposto a conceder às Filipinas um auxílio económico de 200 milhões de dólares, o secretário da Presidência, Arroyo, declarou sem hesitar: **Antes de soltar gritos de alegria como os chimpanzés, devemos saber que o senhor Shultz não fez mais do que entregar-nos como ajuda económica, o aluguer da utilização das bases americanas nas Filipinas.**

Estas reacções talvez sejam mais epidérmicas e não reflictam, tanto quanto parecem, a atitude do governo filipino perante os Estados Unidos. **O estilo mudou, mas o entendimento fundamental mantém-se. Continuamos a estar sob protectorado americano,** comenta o historiador Renato Constantino.

Dois acontecimentos recentes parecem, de resto, apoiar a tese de Constantino. Washington acaba de anunciar que a entrega do resto do auxílio prometido às Filipinas (262 milhões de dólares que devem ser repartidos pelos nove meses próximos) será função do programa económico que o governo Aquino realizará. Uma forma de o novo poder ter que esperar, e talvez levá-lo a melhores sentimentos.

Praticamente ao mesmo tempo, no dia 4 de Julho, aniversário da amizade americano-filipina, cinco mil pessoas manifestavam-se em Manila, diante da embaixada americana, para protestar contra as ingerências de Washington nos assuntos internos filipinos. Os manifestantes foram dispersos com bombas lacrimogéneas. Este primeiro choque entre a esquerda não comunista e as forças da ordem é a imagem das tensões que se desenham entre o governo e os nacionalistas.

No próprio seio do governo Aquino, as posições são divergentes. O vice-presidente Salvatore Laurel, representante da classe política tradicional, que, por altura da visita de Shultz se felicitava pela **solicitude americana**, ou Enrile, ministro da Defesa, são muito claramente aquilo a que a esquerda nacionalita chama **american boys**. Arroyo, o porta-voz do governo, Saguisas ou o senador Diokno, que dirige a Comissão dos Direitos do Homem, são, em contrapartida, homens que mostram menos seivilismo perante Washington.

Como duas pessoas que se sabem irremediavelmente ligadas, os Estados Unidos e as Filipinas mantêm relações tumultuosas, que oscilam entre o amor e o ódio. Os Estados Unidos têm sobre o arquipélago interesses estratégicos importantes: as bases de Subic Bay e de Clark, elemento-pivot da sua presença militar no Pacífico e no Oceano Índico. A sua retirada custaria uns oito mil milhões de dólares.

As Filipinas são, para mais, um dos raros países onde, à excepção da esquerda, a presença americana não é contestada, e onde a americanização da cultura é evidente: dos polícias da estrada com chapéu de aba larga como «mounties», da música «disco» presente em toda a parte, até à cultura do «tee-shirt», passando pelos restaurantes de «fast food», ou ao florescimento de seitas evangélicas.

A cultura popular é hollywoodesca, o inglês é falado por toda a parte, a elite formou-se em universidades dos Estados Unidos, e um pequeno partido quer mesmo fazer das Filipinas o quinquagésimo primeiro Estado americano. O sonho, sobre, tudo, mantém-se americano: basta ver, bicha que diariamente se estende à porta do consulado dos Estados Unidos, para obter uma autorização de emigração.

No entanto, o governo Aquino, só moderadamente satisfaz a Casa Branca. O anti-americanismo de alguns membros do governo, e a popularidade um pouco mística de Cory Aquino suscitam em Washington mais suspeita do que simpatia. Com o seu lado de «santa», Cory Aquino parece mais difícil de manobrar.

Essas inquietações explicam que Washington tenha arrastado um pouco os pés antes de manifestar o seu apoio ao novo poder. A atitude pessoal de Reagan não é, sem dúvida, estranha a essa reserva. Diz-se que ele teve remorsos de ter abandonado o seu amigo Marcos, que sempre fôra de uma grande lealdade para com os Estados Unidos. De resto, depois de ter dado a Cory Aquino um telefonema de três minutos, Reagan passou quarenta minutos a conversar com Ferdinando, e foram precisas sérias pressões para evitar que o presidente americano visitasse o casal Marcos, quando fez uma viagem ao Hawai.

Tendo anunciado que as Filipinas honrariam a sua dívida externa, o governo Aquino mostrou boa vontade. O que levou Shultz a manifestar bem alto o apoio dos Estados Unidos às Filipinas e a declarar que tinha confiança no seu futuro. O montante total da ajuda de Washington é, no entanto, muito inferior ao que é concedido, por exemplo, ao Paquistão. Talvez para lembrar ao novo poder que não deve ultrapassar certos limites.

Para mais os americanos parecem tranquilizados com a presença no governo de um homem como Enrile. Com o general Ramos, em quem o Pentágono tem uma grande confiança, ele poderia formar o centro de uma solução «dura».

Apesar de apoiar "medidas limitadas" contra Pretória

Grã-Bretanha não aprovou sanções da Commonwealth

Seis lideres da Commonwealth decidiram ontem à noite impôr uma série de sanções económicas à África do Sul , contra a vontade da Grã-Bretanha que apenas aceitou duas das onze sanções aprovadas, embora as tenha suavizado. Margaret Thatcher comprometeu-se também a não se opôr à adopção das medidas preconizadas pela CEE, em Junho, que prevêem a suspensão de investimentos na Africa do Sul e o embargo das importações de carvão, ferro e aço sul-africano.

A posição da primeira-ministra britânica foi hoje elogiada pela rádio estatal sul-africana, que acusou os outros lideres da Comunidade Britânica de terem abandonado a verdade e os princípios.

O comentário da Rádio, que reflecte a posição do governo, surgiu na sequência da leitura, em Londres, do comunicado final da cimeira de sete lideres da Commonwealth, que desde domingo se encontrava reunida na capital britânica.

O comunicado lido pelo presidente da mini-cineira, sir Lynden Pindling, diz que a India, a Zâmbia, o Zimbabwe, a Austrália, o Canadá e as Bahamas decidiram empreender uma série de sanções contra Pretória. A posição da Grã-Bretanha, divergente da dos seis outros participantes, encontra-se especificada num parágrafo do comunicado onde se lê o seguinte:« o governo britânico disse que imporá uma proibição voluntária ao novo investimento na Africa do Sul, colocará uma proibição voluntária ao turismo para aquele país e aceitará a implementação de qualquer decisão da Comunidade Económica Euiropeia de proibir a importação de carvão, ferro e aço, e de moedas de ouro da Africa do Sul».

Sanções

As duas medidas adoptadas pela Grã-Bretanha encontram-se incluídas na lista de onze sanção aprovadas pelos seis outros países da Commonwealth reunidos em Londres que, no entanto, retiraram o termo «voluntário». Foram as seguintes as sanções económicas adoptadas conta a Africa do sul na mini-cimeira de Londres: proibição das ligações aéreas; proibição ao novo investimento ou ao reinvestimento de lucros obtidos; proibição da importação de produtos agrícolas; cessação dos acordos sobre impostos duplos; cessação de todo o apoio governamental ao investimento no sector comercial; proibição de todas as aquisições governamentais; proibição de contratos governamentais com comnpanhias cujo capital seja maioritariamente sul-africano; proibição da promoção do turismo para a África do Sul; proibição de todos os novos empréstimos bancários para a Africa do Sul, quer para o sector privado quer para o público; proibição da importação de urânio,carvão, ferro e aço da Africa do Sul; retirada de todas as instalações consulares na Africa do sul, à excepção das dos nacionais destes países e de terceiros países a quem prestam serviços consulares.

No comunicado aprovado em Londres, os seis lideres da Comunidade Britânica comprometem-se ainda a consultar a «comunidade internacional sobre o assunto a fim de assegurar uma acção internacional conjunta nos próximos meses».

Um porta-voz oficial britânico salientou após o termo da mini-cimeira que o seu governo reafirmou a oposição a sanções económicas globais contra Pretória. A mesma fonte adiantou que Thatcher frisara, durante o encontro, que aceitou finalmente a adopcão de medidas limitadas para «marcar a sua desaprovação» do apartheid.

Ao intervir na sessão de segunda-feira, a primeira-ministra voltou a sustentar que todas as sanções contra Pretória deveriam ser coordenadas à escala internacional, nomeadamente com os Estados Unidos e o Japão.

Funcionários de Israel e da URSS vão encontrar-se em Helsínquia

Israel e a União Soviética anunciaram que os seus diplomatas se vão encontrar este mês na Finlândia para uma primeira ronda de negociações desde que há dezanove anos a URSS cortou relações diplomáticas com Telavive.

O porta-voz do ministro dos Negócios Estrangeiros soviético, Gerasimov, disse hoje que se os encontros de Helsínquia obtiverem sucesso, diplomatas soviéticos poderão viajar para Israel para conversações mais alargadas que poderão incluir a primeira troca de representantes diplomáticos desde a guerra dos seis dias, em 1967.

O primeiro-ministro israelita, Shimon Peres, confirmou o início de contactos entre Israel e a URSS durante uma reunião com a Comissão parlamentar de Defesa e Assuntos Externos. Peres acentuou que a URSS está «preocupada» perante as reacções dos seus aliados árabes quanto ao próximo contacto oficial sovieto-israelita.

No entanto, em Moscovo, Grasimov negou a existência de qualquer mudanca da estratégia da política soviética no Médio Oriente e disse que as conversações se poderão centrar nos assuntos consulares tal como a outorga das propriedades soviéticas em Israel aquando do corte de relações.

Gerasimov disse que a delegacão para o encontro de Helsínquia não será de alto nível, acrescentou depender desse encontro «as negociações mais alargadas em Telavive» que salientou terem como tema central a restauração formal das relações bilaterais. Grasimov disse também que só «um total acordo para a crise do Médio Oriente» poderia restaurar por completo as relações diplomáticas, e gracejou que « isso não vai acontecer no próximo ano. Provavelmente só no próximo século».

Por seu lado, o primeiro-ministro israelita tentou minimizar as expectativas de uma melhoria substancial das relações entre Israel e a URSS, enquto o ministro dos Negócios Estrangeiros, Yitzhak Shamir, considerava ser cedo para afirmar que as conversações com Moscovo significam que o Kremlin esteja interessado em retomar relações diplomáticas com Israel.

Cimeira

Entretanto, em Washington, foi ontem divulgada a data do encontro entre o secretário de Estado norte-americano, George Shultz, e o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze. Segundo o Departamento de Estado, os dois funcionários terão reuniões em 19 e 20 de Setembro em Washington para preparar uma cimeira dos lideres dos dois países.

Shultz e Shevardnadze discutirão «quais os preparativos adicionais necessários para que uma cimeira possa ter lugar ainda este ano», disse o porta-voz do Departamento de Estado.

Não percam os próximos capítulos

Neves de Sousa
nosso enviado especial

Por onde começar?
Talvez se esperasse, na charneira Termas de Monfortinho-Manteigas, uma mais célebre debandada de muitas caras: todavia, reduzido o pelotão a 83 pares de pernas, recolhidos a penantes o boavisteiro Benjamim Carvalho e o ourives João Amaro, porque se socorreram do braço para obterem gancho catapultador até à meta (vitamina muleta nos momentos difíceis, carro ajudando ali mesmo ao estender a mão...), ficam na festa ainda muitos rostos que já poderiam estar em vale de lençóis se (por exemplo) em vez do mútuo receio que preside ao comportamento de «leões» e homens de Lousa estivessem na prova valores capazes de poderem aproveitar, de um jacto, o colapso (brutal, insofismável) do efémero «camisola amarela» e, mais que isso, a avaria mecânica que deixou um largo bocado, na berma da estrada, esse sensacional Caym Theashston, que reúne neste momento uma boa dose do favoritismo mais neutral.

A equipa de reportagem do "DL"
viaja num
FIAT
Gentilmente cedido pela Fiat Portuguesa SARL

Todavia, para que o leitor arquive memorialmente o que foi a abalada entre as Termas em festa e Manteigas de braços abertos, é forçoso que toquemos a memória. E digamos (por exemplo) que foi impossível dormir pacatamente lá adiante de Monfortinho, em plena zona do chamado «repouso»: festim com bailarico até as tantas (o Ricardo Tavares, do «Record», vedeta em pleno dançando com tudo o que aparecia à mão, sem distinção de altura, idade ou carantonha) e, até às três da madrugada, morteiros e foguetes espevitando os que estavam já em vales de lençois, dispostos a só pensarem em ganhar força para a etapa doze desta aguerrida e movimenta Volta a Portugal, incontestavelmente aquela que mais fará avivar a memória de quem, para altura do último quarto de século, também já guarda na retina proezas de que nunca abdicará, mesmo para contar a filhos de netos.

Quedas provocam desaires

Contemos, pois. Ainda estavam os ouvidos sossegados (eram dez da manhã) e as canas dos foguetes só espreitavam entre a folhagem) aconteceu, em menos de duzentos metros, uma queda a muitos ais. Termas de Monfortinho, onde a caravana apenas fora autorizada a passar pelas brasas, via enrodilharem-se no chão Carlos Marta, Cayn Theahston, Alexandre Rua e Joaquim Gomes. Com maior ou menor dificuldad e, todos lá voltaram à bicicleta, única enxada que conhecem. Só que, pelo esgar de dor, pelo sangue que brotava de vários golpes, pelo esforço que mostrava a saciedade, Carlos marta não anunciava nada de bom. E a verdade é que o moço do Sangalhos/Recer, sem poder mover uma perna e todo tocado pela infelicidade, acabaria por desistir a uns largos quilómetros, depois, de choramingada esgrima com o «carro vassoura» e a vontade persistente do artista. Enfim: uma saída do espectáculo que, longe disso não ocorreu pela porta pequena: Carlos Marta, tocados pelas asas do azar, resistiu até onde lhe foi possível. Com o seu adeus, a Volta fica de suspiro no coração.

Serviço de transmissões da Volta, através de um
GRUNDIG
cedido gentilmente
pela Grundig Portuguesa.

Bem, o importante é continuar em frente. E, por isso recordamos que, depois do tal trambolhão a quatro vozes, Boavista e Sporting, Louletano e Sangalhos, tudo tentaram para fazer escapulir algumas unidades à comprida e rapinante pintalgada. O certo é que, mesmo com o esguio e menino Cayn aprendendo a bem sofrer, ninguém (de entre os maiorais) se conseguia afastar do bolo de chefões.

Em Proença-a-Velha (uma hora de corrida) estavam percorridos perto de 37 quilómetros. E, ainda mal se passara Vale de Prazeres, tomba para o asfalto Joaquim Salgado, o homem com camisola cor de sol. Mas ele nem sequer pestanejou: logo tornou a montar a sua menina, ala que se faz tarde.

Corrceto e verídico que também ninguém estugdou o passo: aquela santa gente parecia que estava cheia de medo do que estava a acontecer em outros ensarilhados de horizonte. E assim, em doce paz pôdre se atingiu a meta de montanha na serra da Gurdunha: José Santiago (Torriense/Sicasal), José Poeira (Lousa) e Raul Matias (Tavira/Stand Custódio) são os homens-flecha. Porém, daí a pouco (meta volante localizada ao quilómetros 75) seriam Vítor Rodrigues (Lousa), José Fernandes (Ajacto) e Eugénio Passos (Boavista) a constituir o trio de generais.

Estavamos ao quilómetro 84: Carlos Pereira (Ajacto) e António Silva (Garcia Joalheiros) tentam aproveitar a embalagem para uma escapadela. Sai também Bernardo Richard (Fagor). A dupla fronteira chega a contar um minuto na entrada para a Covilhã. O tavirense António Pinto, o louletanto Manuel Oliveira, o axadrezado Benjamim Carvalho e o torriense João Roque Júnior deixam o pelotão zarpar e seja o que deus quiser.

Lá pela frente, era um ver se te avias: Marco Chagas e Venceslau comandando as operações, Manuel Cunha e Fernando Carvalho sem mostrarem conformismo a replicarem com toda a energia, o ritmo imposto a marcar um andamento que ia afugentando as intensões mais malévolas. Mesmo assim a triagem ia começando: um primeiro grupo a englobar vedetas e, lá para trás, a luta pela sobrevivência.

É isso: na dianteira, os «cavalões»: Carlos Moreira e Manuel Vilar (Sangalhos), António Alves (Boavista), Fernando Carvalho, António Pinto, Manuel Cunha e Manuel Zeferino (todos Lousa), Marco Chagas, Jacinto Paulinho e Manuel Correia (trio Sporting), Venceslau Fernandes (Ajacto) e o já tão decantado súbdito britânico que é «mister» Cayn, a tomarem bússola e a marcarem o rumo. Joaquim Gomes (Sporting) e Alberto Leal (Torriense/Sicasal) bem procuram aceitar o ritmo pelos parceiros da vanguarda: tarefa complicada pela vertigem que envolve os fugitivos ao imperialismo.

Sandokan e a montanha

Não sei se os meus caros amigos se recordam de Sandokan, o fabuloso «tigre da Malásia» que pejava os nossos sonhos de meninos depois de nos debruçarmos sobre os personagens de Emilio Salgari, os reizinhos de piratagem sadia que tinha, ???? como porto seguro e rendido a mil encantos. Pois, companheiros de leitura, tem também qualquer coisa de épico fazer a escalada da serra da Estrela em várias faces, sempre caminho do pico de lá por onde der.

Penhas da Saúde: saltand o da nau, Manuel Vilar, Manuel Correia, Fernando Carvalho. Marco Chag as, Manuel Cunha, Carlos Moreira e o irrequieto Cayn, quais cavaleiros do apocalipse, traçam a fita branca em posto de honra. Lá para trás, desbaratados na primeira contagem de montanha ficavam apenas (acreditem que é verdade)d 67 camisolas coloridas.

A seta investe para a torre: são os doze magníficos em ?????? e força.

Manuel Correia, Venceslaué Manuel Vilar, Marco, Cunha, Carlos Moreira e Cayn passam por ordem, é uma loucura a descida, pior ainda a subida que arrasa sonhos em torrente.

E surge, subitamente, o segundo toque de pouca sorte em Cayn: «furo nda roda traseira da bicicleta. Contudo (e ainda que isso pareça uma censura) ninguém do grupo em abalada aumenta a pedalada, sugerindo que o inglezinho do Louletano/Construções/Fol tem pacto firmado com toda a concorrência. Exacto: o agarotado de Theshston, na véspera a despejar para o «paiol de migas» três pratos de «palla, muita fruta e seis refrigerantes, tudo em menos tempo do que demora a descrever e perante um mundo de convidados visuais, contagia o pagode e não quem em todo o

Américo Silva: primeiro em Manteigas

pelotão, de intérpretes ou batedores de plamas, que lhe possa perturbar o sorriso por isso não ser permitido por quantos sorriem com a graça do garoto que só diz:

— Medo eu? De quem? Eles é que têm de ter medo de mim. Só fico um bocadinho nervoso quando vejo o Marco Chagas tomar a dianteira. No resto, talvez apenas o Cunha possa jogar para o primeiro lugar. Isto é: lutar directamente comigo, só o Marco Chagas...

Panorama? Viuste-o

Ninguém atenta na paisagem deslumbrante, aqui e além quebrada pelo letreiro anunciado queijo da serra, cães de guarda com dentes bem afiados. Se os ciclistas nem sequer correspondem à festas na margem do desfile, que podemos nós fazer, os que marcham na sua peugada ou mesmo tocando de perto os riscos de aço e borracha?

Out ra vez: o lousamenense António Pinto (não confundir com o homónimo tavirense) comandado a leve descida que antecede o arrastado inferno na serra da Estrela. Marco, Cunha e Fernando Carvalho formam (como direi?) Uma simbiose, um corpo só. Espreitam-se e temem-se, vigiam-se e trocam leves graças, como que afugentado o medo da concorrência.

Quilómetro 131: Cayn diz qualquer coisa e Marco dá-lhe uma palmadinha no rosto, tom amável e brincalhão. Quinhentos adiante «fura» a bicicletad de Fernando Carvalh. Alguém viu reacção notória entre a malta do Sporting? Claro, nicles.

Avaria na aparelhagem que sustenta o brasileiro Mazzaron. Marco toma a iniciativa: Imprime maior velocidade ao seu esquadrão. Desce-se para Seia. Atinge-se o quilómetro 158 com os dois grupos confundidos num só rebanho: 17 homens com a mesma ideia. António Alves, é o momentâneo chefão. O «amarela» tem agora oit minutos de distância.

Gouveia (terra natal de Acácio Rosa, dos mais prestigiados vultos da vida belenense e da generalidade do desporto Luso) e o espelho do rosto franco do seu dirigente de élite: toda a gente na rua, uma prolongada e vibrante ovação a cada professor na estrada. Na meta volante, Carlos Santos, José Poeira e o velho amigo Venceslau Fernandes aparecem em grande.

A nossa equipa de reportagem
VIAJA COM
Mobil

Jacinto Paulino pensa que, depois da meta, aquilo serão favas contadas: a odisseia dura meia dúzia de minutos. Lá de trás vêm outras notícias: Vítor Rodrigues, um «sprinter» emérito, mal se pode ter sobre as duas rodas. Na magem da estrada Joaquim Leite e José Pereira, antigos «voltistas», de lagrimazita ao canto do olho, vendo desfilar os sucessores do nosso «tourzinho» de 1961, diz-me:

— Ainda cá anda o bichinho no sangue, correndo nas

Continua na pág. 15

Uno! um carro Único!

Cartaz de trabalho: proezas para Hércules

Continuação da pág. 14

veias. É a primeira etapa que vejo nesta «Volta» mas vou continuar por mais uns dias, embora isso pese desfavoravelmente na minha vida de industrial (fábrica de moldes plásticos). Se em Portugal existisse ciclismo a sério, se não se confundisse amadorismo com profissionalismo, talvez até tivesse uma equipa da minha fábrica.

Muito rapidamente, acrescenta:

— Se o inglês chegar à Senhora da Graça entre os primeiros, já ganhou. Pode escrever isso à confiança...

Dize tu! direi eu!

Voltamos ao carro. Quilómetro 176: Américo Silva é o comandante da flecha. A montanha faz vertigens olhar cá para baixo quase dá a tentação de fugir a sete pés, não vá o diabo tecê-las. As nuvens parecem ali mesmo, ao simples alcance do braço. A cabeça do velho surge esculpida em pedra pela natureza. Joaquim Salgado (lá bem para trás) já conta dez minutos em desfavor. Continua a galopada: Marco «Lau», Poeira, José Leite, Vilar Cunha, Paulinho, Fernando Carvalho: onde raio estes homens encontram ânimo e força para continuarem dando sapatadas, para prolongarem em distorção uniforme um esforço que derrubava milhares para o «KO» mais inevitável?

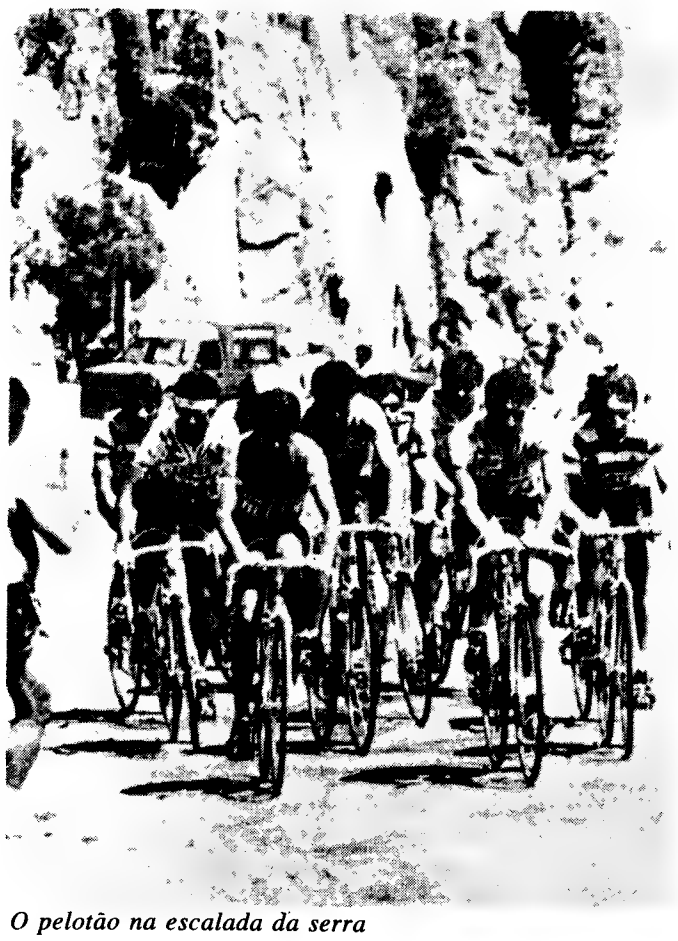
Penhas Douradas, uma verdadeira multidão, espreitando, não sei de onde veio tanta gente, se é feriado nacional ou interregno obrigatório em todos os demais lavores: José Santiago, Fernando Carvalho, Marco Chagas, José Poeira, Venceslau Fernandes, Américo Silva e Paulinho pontuando e embolssando. Faz-se o sorteio para o controlo anti-doping que (sossegam os desconfiados) vai sempre dando tom negativo em cada pesquisa. Nomes saídos das bolinhas: o brasileiro Gabriel Sabião e o olhanense Gaspar Gonçalves. Logo, de enfiada, e a torrente, o rio caudaloso, o quebrar da última resistência do dique, a última pedalada até Manteigas.

A média de 31,558 km/hora, e o pandem: Américo Silva fica com o ouro da melhor colheita, um carro de apoio da Caloi sai da estrada e fica pendurado num pinheiro, em equilíbrio tão instável que, se não retirassem a tempo três tripulantes, seria o bom e o bonito.

Cany ganha novamente a «amarela»: Salgado fica a 22 minutos e trinta segundos. Não se lamenta por aí além:

— Se a espera foi superior às minhas forças. A Estrela é muito dura mas eu não fiquei convencido: uma queda e dois «furos» chegam para justificar a minha pouca sorte. Antes de começar a subir tive essas azares: depois, nunca mais fiquei com hipóteses de apanhar os da frente.

sesãerfus Para um grupo que



O pelotão na escalada da serra

o escutava ainda com muito respeito:

— Consegui andar dois dias de amarelo, o que fá foi bom. Estou muito contente por isso ter acontecido na primeira «volta», até porque nem em sonhos imaginava que fosse possível toda a gente falar de mim. A partir de agora? Vou apenas trabalhar para a equipa.

Cayn irradia alegria por todos os poros

«De facto, esperava recuperar o lugar da frente. Sabia que podia recuperar a amarela e, porque a diferença do marco é grande, começo também a imaginar que não é nenhuma utopia poder ganhar a vossa «Volta». Se o Chagas não atacou hoje (o que eu gostaria, porque me beneficiava) e porque está com receio de esgotar as forças: mas talvez ficasse muita coisa arrumada, porque o pelotão não se adianta sem ele dar consentimento.

Depois, enquanto limpa o suor da testa, o ionglês acrescenta:

— A partir deste instante, vou aumentar a atenção para todos os ataques, embora (como sempre tenha dito) o principal adversário seja o Marco. Muito mais remotamente, é preciso ter atenção no Cunha: mas eu estou agora muito melhor do que quando comecei a «Volta» e nesta ponta final vou jogar tudo por tudo.

Júlio Guerreiro (director técnico do Louletano) está abraçado ao seu herói»:

— É uma satisfação para todos os algarvios. Viemos à zona serrana dançar o corridinho».

O treinador do homem da frente (Honório Francisco):

— Enfim, vamos ver se agora ganhamos a «Volta»: parece que tanto o Sporting como o Lousa querem que a miudagem saia da casca...

Menos sarcástico:

— A corrida entra agora numa fase mais difícil: tenho dois ou três bons ciclistas mas a minha equipa foi arranjada à pressa e não devemos albergar muitas ilusões. A classe do «camisola amarela» é um facto: ele tem (realmente) valor para ganhar a nossa Volta. Possui todas as qualidades de um campeão: humilde, espírito de equipa, força para o sacrifício, abnegação e profissionalismo.

Francisco Silva, mano de Acácio, vem justificar-se perante o professor:

— Viu, viu? Tive três «furos» e parti o guiador da bicicleta.

Honório, Francisco passa-lhe o braço pelo ombro:

— Desculpa lá, oh Chico, mas sabes o que aconteceu: tiveste de ficar sozinho porque eu não tinha mais carro de apoio à vista...

De novo, Joaquim Salgado está sentado no chão, esperando vez para o chichi do controlo.

— **Agora** (desabafa) **só cá volto por sorteio. Acabou-se.**

Mário Miranda consola o pupilo:

— Deixa lá: muito fizeste tu. Já chega: estamos satisfeitos. Tiveste uma data de «galos» contra, perdeste muito tempo mesmo no centro.

O fundamental é que já fizeste um brilharete de todo o tamanho.

Américo Silva, o vencedor da tirada:

Foi uma etapa muito difícil, talvez a pior de todas a minha carreira, mas ao mesmo tempo, também aquela que me deu tanta alegria que só eu sei. Ajudei o Fernando Carvalho até onde foi preciso e depois tive ordem para ir à minha vida. Apostámos nesta etapa e demos um bigode à outra malta.

Venceslau felicita-o:

Foi porreiro para ti, pá. Eu é que já estou «velhissimo», já todos querem perder-me o respeito. Mas o giro disto é que as revelações do ano passado (e digo os nomes: Joaquim Gomes e José Santiago) não fazem melhor que este que anda aqui a cair de podre...

Para nós:

Fisicamente estou convencido que vou chegar lá acima (à última meta) com os primeiros. Vai uma aposta? Estou a fazer a minha corrida, a acompanhar sempre os da frente. Estava um vento muito forte, não se podia fazer melhor. Amanhã (hoje) e depois é que vão ser elas: mas eu espero ter autorização para ir andando...

O reponsável lousanense Orlando Alexandre adiantava:

— Vamos ver o que é necessário fazer para mudar a corrida, com os pequenos a sairem é que não pode ser nada. Tenho dois homens a ressentirem-se de quedas (Cunha e Fernando Carvalho) mas isto não pode continuar assim e o Sporting tem também de entrar no ataque, não pode continuar na passividade, à espera de um golpe de fortuna.

Correr o pano

Por ora, talvez não seja bem o correr de cortina, mas o pequeno encobrimento de uma larga fatia da Volta antes de outra (talvez mais dolorosa) surgir pelas barbas.

Poderemos garantir: verdadeiramente, começou há pouco o ataque frontal a maior e mais apetitosa fatia do bolo. Ontem, a competição foi infernal nas subidas e arrepiante nas descidas. Não foi manteiga a charneira Termas de Monfortinho-Manteigas, longe disso. Estão 83 sobreviventes, já o dissemos. Lousa e Sporting ainda moram subalternizados ao Boavista, Louletano e Sangalos à espera de atirarem para o pano um trunfo na manga. O cartaz do trabalho imediato, proezas para hércules, façanhas à espera de intérpretes mas (também) de um Fernão Pinto que consiga, pegar uma Volta de Portugal virá-la de fio a pavio e depois deixar para os vindouros o que mora dentro de cada coração, o que não resiste ao desgaste de pulmões epernas, quantos rostos encobrem derrotas ou tiveram, no breve lampejo de um apoio o seu minuto inesquecível.

A história sempre é cada dia renovada: que mais estará para acontecer? Não percam os próximos capítulos.

Colunáveis

Américo Silva e Cayn no pódio

Dynuance

Ref.ª 5711

A nuance exacta da sua ideia de branco

Agora, para interiores, a Dyrup criou a Tinta Plástica Dynuance. À vida foi colher a verdade de todas as nuances do branco, desde os brancos Primavera à nostalgia dos brancos do Outono:

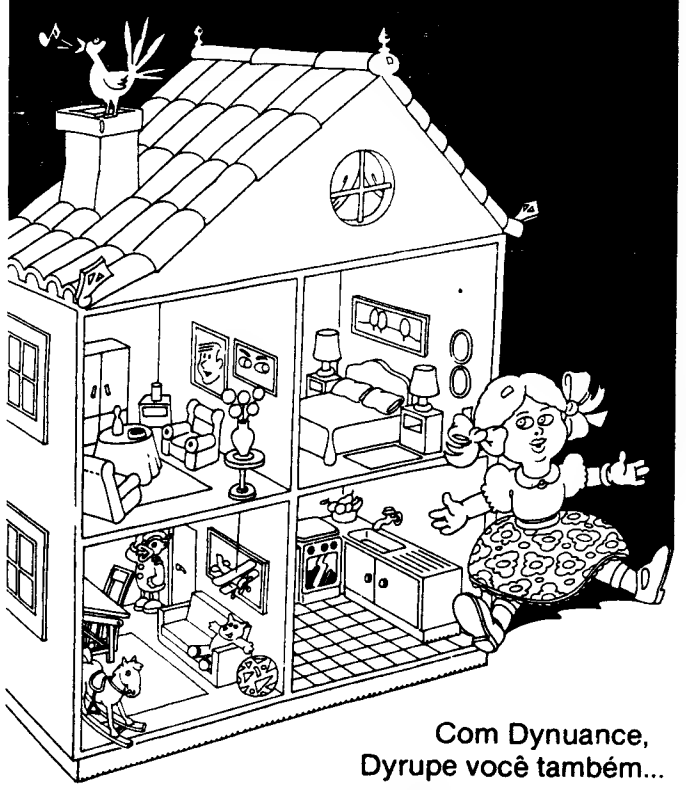
"Dynuance Azul"
A frescura da Primavera no quarto das crianças...

"Dynuance Creme"
A alegria das cores quentes do Verão para a sua sala...

"Dynuance Rosa"
No seu quarto, o convite ao sonho nos tons rosados de um entardecer de Outono...

"Dynuance Verde"
Um repouso estimulante. Um Inverno que se aconchega no calor da família!

"Dynuance Branco"
A coroar a claridade que escolheu, a elegância do branco total.



Com Dynuance, Dyrupe você também...

TINTAS DYRUP

Esta manhã:

Marco: primeiro em Seia

Marco Chagas: três etapas no bornal

Marco Chagas foi o vencedor da etapa realizada esta manhã, entre Manteigas e Seia na distância de 93 quilómetros, que foram percorridos no tempo de duas horas, quarenta minutos e seis segundos.

Nas posições imediatas (com o mesmo tempo) classificaram-se Fernando Carvalho (Lousa), Manuel Neves (Boavista), Manuel Cunha (Lousa) e José Santiago (orrense) seguindo-se um elevado número de companheiros entre os quais o inglês Cayn (que cortou a meta na 7.ª posição).

A etapa foi bastante movimentada e a média atingida pode considerar-se razoável.

De referir, que os atletas terão poupado umas tantas energias bem necessárias para o contra-relógio a disputar-se a partir das 15 horas entre esta localidade e Gouveia na distância de 15 quilómetros.

Recorde-se que houve, ao longo desta tirada, algumas tentativas de fuga particularmente as que tiveram como intérpretes José Fernandes, Jacques Philip e ainda um ou outro, simplesmente não lhe foram permitidas quaisquer veleidades fundamentalmente porque os homens da fila do Louletano se mantiveram sempre de olho vivo e em constante atalaia.

Na montanha, Fernando Carvalho voltou a mostrar a sua força. Ele é um dos grandes valores presentes nessensacional Volta a Portugal.

Amanhã

Percorridas as três etapas da «Estrela», os ciclistas disputam amanhã a longa, e que se prevê desgastante, tirada entre Gouveia e Macedo de Cavaleiros, com partida às 10 horas e chegada programada para alguns minutos antes das 15 horas.

Aqui se recorda o percurso e respectivo horário: Cortiço da Serra (10.30), Celorico (10.50), S. Martinho (11.20), Sebadelhe (11.50), S. João da Pesqueira (12.20), Linhares de Anciães (13), Carvalho de Egas (13.30), Alto de Bornes (14.20), Grijó (14.40) e Macedo de Cavaleiros (14.50). Este horário está «estimado» para o caso de os ciclistas rodarem à média de 35 quilómetros.

CLASSIFICAÇÕES

STAND JASMA
BICICLETAS E ACESSÓRIOS DE COMPETIÇÃO
COVA DA PIEDADE — 2800 ALMADA

11.ª Etapa Monfortinho-Manteigas

		H	M	S
1.º	Américo Silva (Lousa)	6	08	50
2.º	Alexandre Rua (Sporting)		mt	
3.º	Marco Chagas (Sporting)		mt	
4.º	Carlos Santos (Lousa)		mt	
5.º	José Santiago (Torreense)		mt	
6.º	Fernando Cavalho (Lousa)		mt	
7.º	José Poeira (Lousa)		mt	
8.º	Manuel Cunha (Lousa)		mt	
9.º	António Pinto (Lousa)		mt	
10.º	Manuel Correia (Sporting)		mt	
86.º	(últ.) Nictélio Cavaco (Louletano)	6	32	26

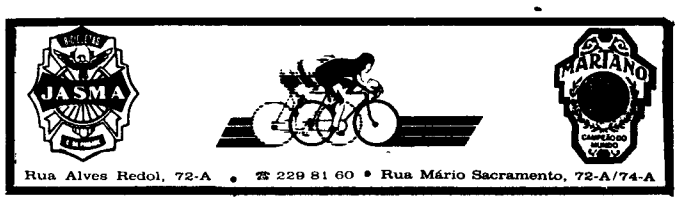
Equipas

1.º	Lousa	18	26	30
2.º	Sporting		mt	
3.º	Ajacto		mt	

STAND JASMA
BICICLETAS E ACESSÓRIOS DE COMPETIÇÃO
COVA DA PIEDADE — 2800 ALMADA

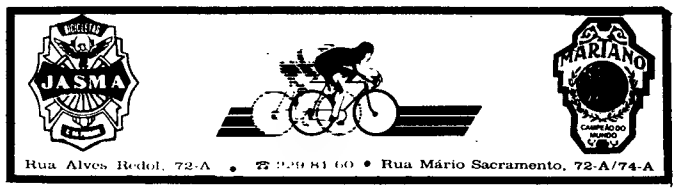
Geral Individual

1.º	Theahston Cayn (Louletano)	49	11	57
2.º	Marcos Mazzaron (Caloi)	a	02	14
3.º	Marcos Chagas (Sporting)	a	04	57
4.º	Fernando Carvalho (Lousa)	a	05	00
5.º	Manuel Cunha (Lousa)	a	05	30
6.º	Eduardo Correia (Sporting)	a	05	47
7.º	Carlos Santos (Lousa)	a	05	58
8.º	António Pinto (Lousa)	a	06	00
9.º	Manuel Zeferino (Lousa)	a	06	05
10.º	José Xavier (Sporting)	a	06	12
11.º	António Alves (Boavista)	a	06	35
12.º	Venceslau Fernandes (Ajacto)	a	06	40
13.º	Manuel Neves (Boavita)	a	06	44
14.º	Manuel Correia (Sporting)	a	06	57
15.º	João Santos (Torreense)	a	07	46
16.º	José Passos (Boavista)	a	07	52
17.º	Benedito Ferreira (Torreense)	a	07	58
18.º	Carlos Moreira (Sangalhos)	a	08	06
19.º	Belmiro Silva (Sangalhos)	a	08	09
20.º	Christian Chaubét (Fagor)	a	08	12
21.º	Alberto Leal (Torreense)	a	08	18
22.º	Alexandre Rua (Sporting)	a	08	30
23.º	José Santiago (Torreense)	a	08	40
24.º	Jacinto Paulinho (Sporting)	a	08	47
25.º	Gabriel Sabião (Caloi)	a	09	09
26.º	José Poeira (Lousa)	a	09	29
27.º	Manuel Vilar (Sangalhos)	a	09	31
28.º	Joaquim Gomes (Sporting)	a	09	42
29.º	António P. Araújo (Ajacto)	a	09	59
79.º	(último) José Oliveira (Garcia Joalheiro)	a 1	18	06



Equipas

1.º	Boavista	147	39	21
2.º	Sporting	a	09	39
3.º	Lousa	a	10	32
12.º	Olhanense	a 1	27	38



Pontos

1.º	Jean-Jacques Philip (Fagor)	26	pontos
2.º	Carlos Santos (Lousa)	26	"
3.º	Américo Silva (Lousa)	25	"

Montanha

1.º	Fernando Carvalho (Lousa)	38	pontos
2.º	Manuel Correia (Sporting)	36	"
3.º	José Santiago (Torreense)	25	"

Metas volantes

1.º	Vítor Rodrigues (Lousa)	15	pontos
2.º	Joaquim Salgado (Garcia Joalheiro)	11	"
3.º	Marcos Mazzaron (Caloi)	10	"

Combinado

1.º	Marco Chagas (Sporting)	13	pontos
2.º	Fernando Carvalho (Lousa)	22	"
3.º	Manuel Correia (Sporting)	38	"

Destaque

Quadro de honra após a 12.ª etapa:

Etapa	Vencedor	Equipas	C. Amarela	Equipas
Pról.	Manuel Cunha	Lousa	Cunha	Sporting
1.ª	Joaq. Fernandes	G. Joalh.	Cunha	Sporting
2.ª	Carlos Nunes	Torreense	M. Neves	Torreense
3.ª	Luís Cruz	Louletano	C.Theahston	Louletano
4.ª	Carlos Pereira	Ajacto	C.Theahston	Louletano
5.ª	Marcos Mazzaron	P.Açúcar	C.Theahston	Louletano
6.ª	Marco Chagas	Sporting	C.Theahston	Louletano
7.ª	F.Carvalho	Lousa	C.Theahston	Louletano
8.ª	Eugénio Passos	Boavista	C.Theahston	Louletano
9.ª	Marco Chagas	Sporting	C.Theahston	Louletano
10.ª	Rui Sevilha	Boavista	J. Salgado	G. Joalheiro
11.ª	J.J. Philipe	Fagor	J.Salgado	G.Joalheiro
12.ª	Américo Silva	Lousa	C. Theahston	Louletano

Breves

Os ciclistas Manuel Cunha (Lousa) e Eduardo Correia (Sporting) são os líderes das classificações de elegância e amabilidade, votadas pelos jornalistas que acompanham a Volta a Portugal.

No «Prémio Elegância» Manuel Cunha, comanda com 29 pontos, seguido de Marco Chagas (Sporting) com 18 pontos, Fernando Carvalho (Lousa) e Theakston Cay (Louletano), ambos com 13 pontos.

Na votação do «Prémio Amabilidade» (troféu «Idalino de Freitas»), o mais votado pelos jornalistas foi até agora Eduardo Correia (Sporting), com 23 pontos, seguido de Manuel Cunha com 17 e Manuel Neves (Boavista), 13.

O «Melhor Companheiro» é liderado por dois ciclistas: Adelino Teixeira (Lousa) e Joaquim Carvalho (Garcia Joalheiro), ambos com 5 pontos.

●

O júri da Volta a Portugal em bicicleta eliminou três ciclistas após a 12.ª etapa, que terminou em Manteigas.

Benjamim Carvalho, do Boavista, que foi um dos animadores iniciais da etapa, e João Amaro, do Garcia Joalheiro, foram eliminados por se terem agarrado a veículos na subida. O terceiro eliminado foi Nictélio Cavaco, do Louletano, que chegou à meta a Manteigas com o controlo já encerrado.

O júri penalizou 12 ciclistas com 10 segundos, multou 3 corredores e 3 directores desportivos em 1 000 escudos cada por infracções várias, e outro ciclista em 500 escudos.

Não foram hoje atribuídos os prémios da combatividade e do azar.

●

Os médicos da Volta assistiram 12 concorrentes durante a etapa. Devido a queda, foram tratados em andamento Alexandre Rua e Carlos Marta, que caíram aos 4 quilómetros da etapa, tendo o ciclista do Sangalhos abandonado a prova a conselho médico.

Assim, só 83 ciclistas iniciaram a 12.ª etapa, entre Manteigas e Seia.

●

Os resultados das análises «antidoping» efectuadas nas etapas de Tavira e até ao descanso nas Termas, foram todos negativos, segundo a Federação Portuguesa de Ciclismo.

Após a etapa de ontem, que terminou em Manteigas, foram ao controlo Joaquim Salgado, Américo Silva, Alexandre Rua o brasileiro Gabriel Sabiao (da Caloi) e Gaspar Gonçalves, da Olhanense/Sucol.

Desistentes

Dos 101 ciclistas que iniciaram a Volta apenas pedalam 83, já que desistiram 8 e foram eliminados 10. Vejamos quem foram 0s 18 que agora se encontram à berma da estrada:

Etapa	Desistentes	Eliminados
2.ª	Gilsson Evaristo (Caloi)	Manuel Garcês (Boavista) Carlos Gago (Tavira), António Martin e António Castro (ambos do Olhanense)
3.ª	Duarte Ferreira e Joaquim Neto (Boavista)	Marshal Chris (Louletano)
4.ª	René Martens (Fagor)	—
5.ª	Anselmo Costa (Sangalhos)	—
6.ª	Francisco Camacho (Olhan.)	—
7.ª	—	João Carvalho (Tavira) e Isidro Miranda (Sangalhos)
8.ª	Golio Cepas (Olhanense)	—
12.ª	Carlos Marta (Sangalhos)	Nictélio (Cavaco (Louletano), Benjamim Carvalho e José Amaro (Boavista)

PONTA ESQUERDA

Arbitragem: UEFA distingue portugueses

Quatro árbitros portugueses foram nomeados pela União Europeia de Futebol para dirigir jogos da primeira eliminatória das taças europeias, a 17 de Setembro, anunciou a UEFA.

Carlos Valente arbitra o Anderlecht-Gornik, da Taça dos Campeões e Rosa Santos o Estugarda-Spartak, da Taça das Taças.

Os encontros Barcelona-Vlore e Neuchatel-Lingby, da primeira eliminatória da Taça UEFA, serão também arbitrados por juízes portugueses, cujos nomes ainda não foram divulgados.

Paolo Rossi: o ressurgir do goleador

A surpresa dos primeiros jogos de preparação das equipas italianas para o campeonato da primeira divisão foi dada por Paolo Rossi que marcou quatro golos enquanto Maradona não marcou mas distribuiu autógrafos.

Rossi, estrela do Mundial de 1982, em Espanha, e uma das mais notadas ausências dos relvados no Mundial do México estreou-se no seu novo clube, o Verona. Segundo o jornal italiano «Gazeta Dello Sport» apesar de vencer por 16-0, o Verona viu «ressuscitar» Paolo Rossi como goleador.

Carl Lewis prepara abandono

O norte-americano Carl Lewis, que conquistou quatro medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, disse em Houston que espera abandonar o atletismo após os jogos de Seul, em 1988.

Lewis não participou no festival olímpico norte-americano, que decorre em Houston, devido a uma lesão num joelho. A propósito da sua retirada, o campeão olímpico disse ainda esperar que «1988 seja o ano mais importante da minha carreira, porque deverá ser o último».

Quanto ao joelho, Lewis admitiu vir a ser operado e acrescenttou que descansará durante um mês para verificar a evolução da lesão.

O campeão olímpico dos 100, 200, salto em comprimento e 4X100 metros confirmou que deseja competir na Europa e participar no próximo ano, em Roma, nos campeonatos do Mundo.

Ténis: Navratilova lidera "ranking"

A norte-americana de origem checoslovaca Martina Navratilova continua a liderar a classificação da Associação de Ténis Feminino (WTA), agora publicada. Em segundo lugar encontra-se a maior rival de Navratilova, a sua compatriota Chris Evert-Lloyd, sendo terceira a alemã federal Steffi Graf.

A classificação actual das 10 primeiras é a seguinte: 1.ª Martina Navratilova, EUA; 2.ª Chris Evert-Lloyd, EUA; 3.ª Steffi Graf, RFA; 4.ª Hara Mandlikova, Checoslováquia; 5.ª Claudia Kohde-Kilsch, RFA; 6.ª Pam Shriver, EUA; 7.ª Helena Sukova, Checoslováquia; 8.ª Bonnie Gadusek, EUA; 9.ª Kathy Rinaldi, EUA e 10.ª Manuela Maleeva, Bulgária.

Barcelona visitada por "olímpicos"

A maioria dos membros do Comité Olímpico Internacional com direito a voto mostraram-se entusiasmados com as condições da cidade espanhola de Barcelona, candidata a organizar os Jogos Olímpicos de 1992.

A revelação foi feita pelo próprio alcaide da capital da Catalunha, Joaquim de Nadal, após a visita de 75 dos 80 membros do Comité Olímpico Internacional. «Cremos que as perspectivas para Barcelona poder vir a organizar estes Jogos Olímpicos são as mais altas. Partimos em primeiro lugar e continuamos na frente. Estamos profundamente optimista» referiu Joaquim de Nadal.

Segundo os espanhóis, Paris é o competidor mais difícil e as outras cidades candidatas são Amesterdão, Belgrado e Brisbane.

O Comité Olímpico Internacional determinou a data de 17 de Outubro para anunciar a cidade que organizará os jogos de 1992

Lançador de dardo: óbito

O atleta norte-americano Bob Roggy, o melhor lançador de dardo em 1982, faleceu num acidente de viação.

Roggy (29 anos) vivia em Santa Barbara, Califórnia, e faleceu num hospital em Houston. O atleta terá caído da cama de um camião, mas as causas da morte ainda não estão esclarecidas. O corpo não apresentava sinais de fracturas.

Esta noite, na Luz

Benfica defronta o Southampton com Zivkovic no cartaz

Depois do teste sportinguista frente aos arsenalistas, é a vez de, esta noite, o Benfica ensaiar o seu quadro tendo como opositor a turma inglesa do Southampton.

A grande curiosidade deste confronto, reside no facto de Mortimore apreciar as potencialidades do jugoslavo Zivkovic, que foi mandado vir pelo treinador benfiquista, propositadamente para o jogo, que terá início pelas 21 horas no Estádio da Luz. Um encontro naturalmente aguardado com muito interesse particularmente por parte dos adeptos do clube encarnado.

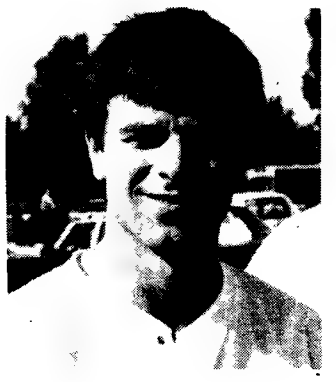
Sousa e Pacheco com a sua gente

Mladenov já chegou

Entretanto, Maladenov, a grande aquisição do Belenenses chegou ontem a Lisboa a partir de agora irá entrar na fase de adaptação sob orientação de Henri Depireux. Trata-se dum futebolista de inegável valor e certamente será dele a camisola n.º 10 destinada, segundo o treinador belga ao serviço do clube do Restelo, ao jogador que terá as funções de «patrão».

Pacheco e Sousa já trabalham

Os «retornados» Sousa e Jaime Pacheco, já se integraram nos trabalhos preparativos do seu novo clube e ontem lá estiveram no «municipal» de Maia junto de Gomes, Futre e demais futuros parceiros.



Mais dois: Mladenov para o Restelo e Zivkovic para a Luz

Treinadores: posse

Realizou-se, ontem, num hotel do Porto, o acto de posse dos dirigentes da Associação Nacional de Treinadores de Futebol que como se sabe terá Henrique Calisto a liderar o executivo, Manuel José a presidir ao Conselho Fiscal e João Mota na Assembleia Geral.

Meirim foi buscar brasileiros

Joaquim Meirim, deslocou-se recentemente ao Brasil com o propósito de proceder à contratação de dois futebolistas brasileiros para reforço da sua equipa. O Desportivo das Aves parece assim disposto a recuperar o lugar ora deixado no escalão maior do nosso futebol.

Boavista vai jogar no «Vidal Pinheiro»

O Boavista vai efectuar os primeiros jogos do campeonato nacional no campo «Vidal Pinheiro».

A autorização para o efeito foi dada pelo vice-presidente do Salgueiros, a pedido do presidente do Boavista, no final do jogo que domingo serviu para apresentar a equipa salgueirista ao seu público.

Sendo assim, os primeiros jogos do campeonato e até o relvado do Bessa estar pronto a ser utilizado não serão efectuados no Estádio do Mar, como inicialmente estava previsto.

O Boavista recebe na primeira jornada a Académica.

Modalidades

Voleibol feminino: convocações

A Federação Portuguesa de Voleibol revelou o nome das atletas que participam num estágio, de 2 a 11 de Setembro, em Lamego, tendo em vista a constituição da selecção nacional júnior feminina da modalidade.

As atletas convocadas são as seguintes: do Sporting de Espinho: Eva Antunes, Alexandra Sá, Alexandra morais, Carla Castro e Cristina Rodrigues; Ala Nun'Àlvares de Gondomar: Helga Las Caves, Rosalina Santos; Esmoriz Ginásio Clube: Sónia Santos; Vitória Sport Clube: Graciete Soares, Sónia Correia e Susana Ribeiro; Escola Preparatória de Esmoriz: Fernanda Reis, Isolina Cruz, Lucinda Sá e Célia Vieira; Instituto Nun'Àlvares: Marta Teixeira e Alexandra Silva; Volei Clube S. Miguel dos Açores: Paula Pedro; Escola Filipa de Lencastre: Sara Gonçalves e do Colégio S. João de Brito: Ana Cortez, Inês Eiro e Mariana Vitorino.

Vela: Troféu Cidade de Tavira

O Clube de Vela de Tavira, vai levar a efeito nos dias 15, 16 e 17 de Agosto, o X Troféu Internacional de Vela Cidade de Tavira. A prova que será realizada ao largo da ilha de Tavira, é aberta a todas as classes de barcos e a pranchas à vela divisões I e II, excluindo cruzeiros e pequenos cruzeiros, e está integrada no Campeonato do Algarve da Associação Regional de Vela do Sul.

Esta 10.ª edição do Troféu Internacional, terá o patrocínio da Câmara Municipal de Tavira, Direcção-Geral dos Desportos e Região de Turismo do Algarve e as inscrições (que terminam no dia 12 de Agosto) encontram-se abertas no Clube de Vela de Tavira (Rua 1.º de Dezembro — Tavira).

Tiro: «mundial» de militares

A equipa dos Estados Unidos venceu a primeira prova do 26.º campeonato mundial de tiro do Conselho Internacional do Desporto Militar, que decorre na Base Aérea da Ota.

O campeonato abriu com as provas femininas nas modalidades de pistola e espingarda, de grosso calibre.

Na modalidade de pistola participaram equipas dos Estados Unidos e de Portugal. As norte-americanas venceram com 1.695 pontos, tendo as portuguesas alcançado a boa pontuação de 1.650.

Individualmente triunfou a norte-americana Ruby Fox, que foi medalha de prata das olimpíadas de Los Angeles.

Fox totalizou 588 pontos, seguida pela sua compatriota Lisbaci, 561, e a portuguesa melhor classificada foi Cidália Ribeiro, 560 pontos, em terceiro lugar, com direito a subir ao pódio. Na quarta posição ficou Maria Isabel Catarino, 555 pontos.

Na espingarda «standard» a 50 metros, concorreram equipas dos Estados Unidos e da Bélgica, num confronto muito desequilibrado, ganho pelas norte-americanas com 1.685 pontos, contra apenas 1.215 das belgas.

Individualmente ganhou a norte-americana Gloria Parmentier, 570 pontos, seguida das suas compatriotas Mary Godlove, 558, e Denise Loring, 557.

«Mundial» de xadrez: partida suspensa

A quarta partida do encontro-desforra para o título mundial de xadrez, que se disputa em Londres entre Garri Kasparov e Anatoly Karpov, terminou com uma suspensão à 41.ª jogada.

O campeão Kasparov está com as brancas e o candidato ao título com as negras, havendo a partida sido suspensa com vantagem para Kasparov.

Na sua agenda

Seixal organiza torneio de andebol feminino

O Seixal Futebol Clube, por intermédio da secção de andebol, vai realizar no seu pavilhão gimnodesportivo um torneio com início previsto para finais de Agosto.

Haverá vários tipos de prémios de classificação, presença, individuais e colectivos.

Associação de Ténis de Mesa de Lisboa — Assembleia no dia 13 de Agosto

Para apreciação, discussão e votação do relatório e contas das gerências de 1984/85 e 1985/86 e ainda com vista à eleição de futuros dirigentes, vai realizar-se no próximo dia 13 de Agosto a assembleia geral ordinária da ATML, que terá lugar na Praça da Alegria n.º 65 pelas 20.30 horas.

Na Casa da Comédia, brevemente...

A Bela Portuguesa

Lurdes Féria

A Casa da Comédia apresenta a fachada renovada, onde sobressai uma grande rosa carmesim, referência ao espectáculo que no dia sete de Agosto, provavelmente, ali se vai estrear. Trata-se de «A Bela Portuguesa», uma peça escrita por Agustina Bessa-Luís **e pela qual** Filipe La Féria **se apaixonou. Lá dentro o silêncio, e de súbito acendem-se as luzes que iluminam o palco vazio. Contudo, imagino um homem e uma mulher a travar este diálogo, se parados por um fosso:**

Elisabeth — A bela portuguesa não podia estar mais bonita. E não lhe deitamos água, não a podamos, não fazemos nada por ela.

Amaro — Ficarmos estranhos à vida favorece a vida. Algumas vezes é assim...

O que Filipe La Féria pretende é dar «a metáfora teatral através do cenário», daí que nele tenha posto um enorme cuidado. Para não quebrar a surpresa evitarei descrevê-lo em minúcia, apenas direi que contém muito vidro e muitas superfícies polidas. «No espaço cénico faço passar sinais significantes, quanto à encenação inscreve-se como um gráfico no próprio palco...»

É um espaço angustiante que sugere incomunicabilidade. Habitam-no três personagens, uma delas reduzida à mudez, sendo mais um adereço, embora permaneça quase permanentemente em cena. «Gosto do barroquismo literário de Agustina... eu próprio sou um encenador barroco. De resto, sinto-me muito próximo das imagens ou fixações incluídas no universo desta escritora». Um mundo fechado, concentracionário, percorrido por uma violência latente. Note-se que entre o casal, Amaro e Elisabeth, não existe harmonia, existe resentimento.

O clima foi, segundo o encenador, muito bem agarrado por **Luís Cília**, na música que elaborou: «uma combinação de caixa de música e de lamentos saxofónicos». A cabala agustiniana, cujo símbolo se reconhece na bela portuguesa, «poderá identificar-se com os restos despedaçados do universo ou do jardim onde vivemos o nosso descontentamento». Não é a bela portuguesa uma rosa doentia que se desfolha com facilidade?

Luís Cília encontra-se como peixe na água, «Se pudesse só faria música para cinema e teatro». Neste caso acha que conseguiu apanhar o tal clima sugerido: o que se diz e o que fica por dizer. «A minha música integra-se, sem sobressair. Funciona mais como suporte emocional do texto, transmitindo uma agressividade, muito contida, que paira entre o casal... De resto, o saxofone exprime a angústia e o sintetizador a monotonia daquela relação. Depois, trabalhar com Filipe La Féria é estimulante, pois com ele aprende-se sempre qualquer coisa».

Do teatro de Agustina, resumido a duas peças (esta e uma outra, datada dos anos cinquenta) Filipe La Féria tinha conhecimento. Vira «O Inseparável», numa encenação de Augusto de Figueiredo, levada ao palco da Estufa Fria; e já nessa altura se impressionara ao descobrir semelhanças com «O Teorema» de Pasolini, filme posterior à peça. Há o anjo, um anjo inquietante que tem o condão de mudar as pessoas... Curiosa coincidência!

Mas «A Bela Portuguesa», antes de Filipe la Féria se decidir encená-la, era um projecto de **Fernando Heitor**. Tudo normal, menos o comportamento de certos actores que «se recusaram interpretar um texto de Agustina nas circunstâncias actuais». Ora, isto é tão ridículo que dá vontade de rir. Claro, pelo facto de a escritora ter sido mandatária da candidatura de Freitas do Amaral. Não houve também umas pessoas que lhe devolveram os livros? Atitude que qualifico de racista, uma espécie de caça às bruxas... própria do senador MacCarthy. Confesso que me deu um certo gozo contrariar os preconceitos de uma esquerda que, assim, passou a si mesma um atestado de tacanhez de espírito».

Pois bem. Os censores de Agustina mais não fizeram do que estimular Filipe La Féria, incitar-lhe as tendências irreverentes, aquilo que o leva a proclamar: «O grupo da Casa da Comédia nunca será um grupo do poder e, por isso, nunca será cómodo. Não temos medo de denunciar seja o que for, assumimos a nossa marginalidade para além das modas. E o que faz com que sejamos um grupo vivo e procurado pelo público».

Veja-se que nesta linha se inscrevem os espectgáculso mais importantes que Filipe La Féria encenou, tais como «Eva Peron», «Marquesa de Sade» e «Pasolini». Todos eles polémicos. Se os representantes da Embaixada argentina não concordaram com a versão **filipiana** de «Eva Peron», paciência. Se os puritanos se chocaram com a ousadia de «Pasolini» ou da «Marquesa de Sade», paciência. Os espectáculos da Casa da Comédia distinguem-se da modorra teatral reinante, precisamente pela faculdade de não deixarem os espectadores indiferentes.

No entanto «A Bela Portuguesa», roseira bravia que nasce nos quintais abandonados, criou algumas dificuldades ao encenador. Resolveu-as pondo na encenação a voz do narrador — a voz de Agustina, de que se apropria, tornando-se o narrador. «Contei com a colaboração de Eugénia Vasquez, crítica teatral do jornal «Expresso», no trabalho de expurgar o texto das excrescências, demasiado literárias na linguagem teatral».

O casal, Elizabeth e Amaro, vive num mundo de mentira, à beira da desintegração. Ele, um aristocrata doente; e ela, uma modista de alta costura, o que Filipe La Féria caracteriza de «burguesa sedentária». Toda a acção gira à volta de um diálogo «bergmaniano», embora sem a frieza asséptica do cineasta nórdico. «Transparece nele a força telúrica das personagens de Agustina», diz o encenador. É

A mãe (Monique Rutler) no jardim subterrâneo...

TRIBUNAL DO TRABALHO DE SINTRA

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER, que pela 2.ª Secção do Tribunal do Trabalho de Sintra, correm seus termos uns autos de Acção com Processo Comum Ordinário Emergente de Contrato Individual de Trabalho com o n.º 4984 movido pelos Autores José Pato Campaniça, residente na R. Arq. Afonso Domingues, Mem Martins, José Manuel D. Sá, residente na R. [illegible] Queiroz Arruda [illegible], residente em Alto Forte, Rua [illegible]agem, Maria Fernanda S. M. Granjola, residente em Gouveia, Fontanelas, Sintra, Maria da Conceição N. Granjola, residente na Viv.ª Norton de Matos, Serradas, Rio de Mouro, Cacém, José Rosa, residente na R. Circunvalação, 30, Albarraque, Rio de Mouro João Carlos S. B. Neves Rocha, residente na Av.ª D. Nuno Álvares Pereira, n.º 2, 3.º Esq.º Amadora, Vitoriano Machado, residente na R. Existente Urbanização da Presa, Lt.2 r/c Esq., Mercês, Mariana Hermínia, V. C. S. Torres, residente na R. dos Arneiros, n.º 111-r/c-Esq. Benfica, Manuel António N. Cardoso, residente na R. do Regador, 19, Algueirão Velho, António João G. Faustino, residente no B.º S. Vicente Paulo, 7, Ranholas, Sintra, Maria Angelina A. P. Fernandes, residente na R. A à Praceta General Humberto Delgado, Lt. 9-3.º Dt.º, Mem Martins, Jose Francisco A. Júnior, residente R. 1, Lt. 162-r/c, Serra das Minas, Rio de Mouro, Cacém, Artur Almeida Gomes, residente em Moagem, Venda Seca, Queluz, Maria Fernanda O. S. Almeida, residente na R. Guerra Junqueiro, n.º 25-2.º Dt.º, Idanha, Belas, José Amaro G. Lança, residente no Largo da Igreja, n.º 14, Mem Martins, Francisco António M. Silveira, residente na R. Soeiro Pereira Gomes, n.º 19-1.º Esq., Algueirão, José da Silva Guerreiro, residente na R. da Estação, n.º 7-c/v-Dt.ª, Mem Martins, João da Costa Santos, residente na R. S. Tomé e Príncipe, n.º 23-r/c-Esq.º, Olival Basto, Leonel Júlio Batista, residente na Rua Nuno Álvares Pereira, 5-r/c, Cacém, Júlio Batista dos Santos, residente na R. Guerra Junqueiro, Lt. 35-r/c-Esq.º, Idanha, Belas, Queluz, Joaquim Augusto F. Severino, residente na R. António Nobre, 35-3.º, Dt.º, Lisboa, Francisco Manuel P. Rodrigues, residente na Rua Capitão Viana, 2-r/c, S. Pedro de Sintra, Adriano Apolinário, residente na R. Artur Ferreira da Silva, n.º 49-2.º Dt.º, Moscavide, Lisboa, e Ré CONSTRUÇÕES METÁLICAS A. ROBALO, LDA, que teve a sua última sede conhecida na Rua João XXIII, Lote 9-3.º-C, Casais de Mem Martins, de que foi designado o dia 23 de Outubro de 1986 pelas 10 horas, para julgamento, devendo a Ré notificar as suas testemunhas para se apresentarem no referido dia e hora acima mencionados, nos termos do Art.º 88.º, n.º 2 do Código do Processo de Trabalho, que é obrigatória a comparência pessoal das partes nos termos do Art.º 89.º, n.º 1 do referido código. Mais fica notificada a Ré de que deverá efectuar o preparo para julgamento no prazo de CINCO DIAS no montante de 4.170$00, o qual deverá levantar as guias na secção onde corre o processo.

Sintra, 14 dew Julho de 1986

O Juiz de Direito
a) Álvaro Pappo Lopes Cardoso

A Escriturária
a) Maria Fernanda Alves Fernandes Pinto

«DL» — 5/8/86 — 1.ª Pub.

DÉCIMO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

A CARGO DO NOTÁRIO
LIC. MOISÉS DOS SANTOS MARTINS

«SOCIEDADE PORTUGUESA DOS ASCENSORES SCHINDLER, LIMITADA».

CERTIFICO, para fins de publicação, que por escritura de 1 de Julho de 1986, lavrada de folhas 1 a 2, do livro 161-G, de escrituras diversas deste cartório, foi alterado parcialmente, o pacto social da sociedade denominada em epígrafe, com sede na Rua da Madalena, n.º 86, 2.º andar, freguesia da Madalena, desta cidade, no tocante ao seu artigo PRIMEIRO, por virtude de transferência da sede social e quanto a todo o seu artigo OITAVO, que passaram a ter a seguinte redacção:

ARTIGO 1.º

A sociedade mantem a denominação «SOCIEDADE PORTUGUESA DOS ASCENSORES SCHINDLER, LIMITADA», e tem a sua sede na Avenida Tomaz Ribeiro, sem número de polícia, Carnaxide, freguesia de Carnaxide, concelho de Oeiras;

§ ÚNICO

Por deliberação da assembleia geral, a sede pode ser transferida para qualquer outro local, bem como poderão ser criadas sucursais, filiais, delegações ou quaisquer outras formas de representação;

ARTIGO 8.º

A sociedade será representada, em juízo e fora dele, activa e passivamente, por um ou mais gerentes, dispensados de caução, eleitos em assembleia geral;

§ 1.º

Podem ser eleitos gerentes pessoas estranhas à sociedade;

§ 2.º

A sociedade poderá constituir procuradores, mediante instrumento notarial que fixará os seus poderes;

§ 3.º

Quando algum dos gerentes for uma sociedade, os poderes de gerência serão exercidos de facto por pessoa ou pessoas singulares de sua livre escolha, credenciados por escrito;

§ 4.º

Cabe à assembleia geral definir e delimitar os poderes dos gerentes e dos procuradores.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.

Lisboa, oito de Julho de mil novecentos e oitenta e seis.

O Escrit.º Superior
Maria Natália de Sousa Coelho

«DL» 5/8/1986

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
2.º JUÍZO
ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação dos anúncios.

Execução sumária n.º 9.098 3.ª secção.

Exequentes Jayme da Costa — Mecânica e Electricidade SARL.

Executado Prosal — Electromecânica Internacional, Lda, com sede na R. da Cozinha Económica, 1.ª Particular, 15, em Lisboa.

Lisboa, 15 de Julho de 1986

O Juiz de Direito
ilegível

Pel'O Escrivão de Direito
ilegível

«DL» 5/8/86 — 1.ª Pub.

TOURO

Texto:
ABEL NEVES

Encenação:
JOÃO MOTA

TERÇA A SABADO
AS 21,30 H
DOMINGO AS 17 H

veja teatro a preços reduzidos
TERÇA·QUARTA·QUINTA
PREÇO UNICO - 150.00

PR. ESPANHA (T. 726 0818)
SUB S E C M/12 A
APOIO F. CULBENKIAN R. COMERCIAL

SÓ ATÉ 31 DE AGOSTO
SALA C/AR CONDICIONADO

Elisabeth (Júlia Correia), a esposa frustrada....

Amaro (Fernando Heitor) é o homem doente e armarfanhado...

tudo muito subtil, refreado, formulando a violência sem permitir que estale.

Já com **Savanath Bay**, de Marguerite Duras, se observa a ruptura de Filipe La Féria com o seu passado teatral. Houve ou não uma viaragem? «Com 'Eva Peron' acabei um ciclo, e agora, talvez por me sentir mais amadurecido, encetei um outro que em vez da exterioridade obedece a algo interiorizado. Todavia, julgo que, n''A Bela Portuguesa', há uma convergência destas duas componentes... Fui arrastado pelo barroquismo de Agustina. Penso que, actualmente, estou mais virado para a direcção de actores do que para os efeitos, o que significa que a minha dádiva pessoal, ao espectáculo, é hoje muito maior».

De qualquer maneira a marca de **Filipe La Féria** está bastante visível n'«A BEla Portuguesa». Desta vez, a surpresa volta a incidir no espaço cénico: com um palco dividido, no estilo do teatro japonês (o teatro **No**), onde os actores se submetem a regras rígidas, a fim de cumprirem o grá-

fico da encenação... E nada mais digo para que o **suspense** se mantenha até ao dia da estreia.

Entre ele e ela, a distância...

TRIBUNAL DO TRABALHO

DE

LOURES

ANÚNCIO

O doutor Guilherme Pires Juiz de Direito do Tribunal do Trabalho de Loures.

Faz saber que pela Primeira Secção do Tribunal do Trabalho de Loures, correm seus termos uns autos de execução por sentença, registados com o n.º 295/B/86 em que é exequente Domingos Vicente Simplício e executado ENOMECANICA — Maquinas e Equipamentos Industriais, SARL, com sede na Malveira Oeste — Malveira, e neles correm éditos de vinte dias, citando os credores desconhecidos para, no prazo de dez dias, findo o dos éditos, ou a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio, deduzirem os seus direitos, nos termos dos artigos 864.º e seguintes do Código de Processo Civil.

Loures, 25 de Julho de 1986

O Juiz

Guilherme Pires

O Escrivão

António Costa dos Santos

«DL» — 5/8/86 — 1.ª Pub.

JAZZ no S.Carlos e na Gulbenkian

José Duarte

O que é verdade é que isto há uns anos era impensável. Jazz na rádio sempre (h)ouve (pouco), na imprensa também (menos) e na televisão até há (ah!) Jarrett a preto e branco, quando sideman de Lloyd e instrumentista ouvido de lado. Agora jazz nos templos da música geralmente bem aceite, era só às vezes e depois do seu tipo ser bem acautelado. A estreia em ambos é com jazz com ressonâncias de câmara: Bill Evans, um romântico e sem bateria, no S. Carlos, logo a seguir ao 25 e os swingings do Modern Jazz Quar[illegible]a Gulbenkian, alguns anos [illegible]. Parece agora que as portas de ambas as organizações estão definitivamente abertas a este tipo de música, graças ao público que existe, aos exemplos que vêm de fora, à teimosia dos intermediátios a convencer quem decide e à ascensão e queda dos festivais de Cascais onde agora «só se vai com ajudas de custo».

Na semana passada éramos 220 no Salão Nobre do S. Carlos E.P., alguns chegados de elevador, à boa maneira dos lofts de downtown Manhattan, mas este dourado e com simpático ascensorista, os camarins dos músicos eram camarotes virados para a ópera e, na assistência, os representrantes do patrocínio Tabaqueira, Freitas Branco (ainda terá a mesma opinião sobre o jazz), os 50% femininos do Opus Ensemble e aquele generoso público português que exigiu o habitual encore. Em vésperas de Londres, para ainda tocar na celebração do Tratado, a formação era o Sexteto de Jazz de Lisboa, músicos que, por sinal, se estrearam juntos, há dois anos, na Gulbenkian. Reportório próprio. Quatro temas de Mário Laginha, três de Tomás Pimentel e um de Laginha-/Carlos Martins. Na primeira parte, e com a amplificação do som a melhorar com o correr do tempo, algo lidos e ainda a frio, os temas e improvisações foram acontecendo e revelando preocupação de originalidade na escrita ('Caminho'), influência dos Jazz Messengers ('Terceiro Dia'), a inevitável aliança do fliscorne e escovas com balada e a sombra de Jarrett a pairar ('Contactos'), trabalho, progresso, influências de Marvin Smith e o solo da noite, em tenor ('4+3'). Na segunda parte em 'Para os amigos', com uníssonos fortes, Caramelo trocou o alto pelo barítono onde também mostrou economia de agilidade; em 'Tradição', tema frio, Pimentel em fliscorne reafirmou a sua opção de sonoridade e discurso lisos, sem crepitação, no que a seguir foi contrariado por Martins, sempre em tenor; em 'Toca', Caramelo esteve mais vivo em alto, Pimentel mostrou o que é o chamdo som aberto, tão praticado por uma escola tão definida; em 'Fim de semana em Colares', o melhor tema do repertório apresentado, houve improvisão colectiva dos sopros, destaque para o tenor, diálogos da secção rítmica com Laginha aos acordes e os Barreiros falhos de imaginação. O extra, tema conhecido, deu oportunidade para a liberdade de improvisão simultânea e exposição e reexposição perfeitas.

É esta a geração que por cá, no jazz, está no poder. Músicos com paixão pelo jazz, a ele dedicados, que estudam, lutam e têm progredido a orelhas ouvidas e onde, para as minhas, se destaca a prática de Carlos Martins, en sax tenor, que é viva e empenhada, que inventa música com emoção e a ela se dá, proporcionando vibração e entusiasmo. Martins aquece. Ainda de referir os dotes de compositor de Pimentel e Laginha, aquele que optou por uma sonoridade e discurso linfáticos, passivos, este com a carga de Jarrett que por vezes sacode, mais por imposição da disciplina do arranjo, ambiente ou estrutura do tema. A Edgar Caramelo falta estrada, arrojo, e erros, é ainda um músico essencial no trabalho colectivo. A pastilha no contrabaixo tem o perigo de uniformizar sonoridades que só se combatem com discurso personalizado que Pedro Barreiros não tem. É o mais leitor e discreto de todos, não sei mesmo se o seu bio-ritmo se altera a solo. Com Mário Barreiros a elegância e a moderação servem para uma estética onde o baterista deve ser cordato e reservado, mesmo a calhar no quarteto de Vargas. Neste grupo faltam explosões, provocações rítmicas, há muita parafrase, mero acompanhanento, pouco fogo, pouco baralho.

Este ano a Gulbenkian-/ACARTE propõe algumas tendências dos jazzes actuais. Aproveitando para em Outubro apresentar outras músicas contemporâneas, neste Agosto vamos conhecer quatro grupos algo diferentes entre si. Do sexteto de Steve Lacy que inaugura a série a 5 e 6 é de esperar um mosaico colorido pela poesia e pela guerra dos dois saxofonistas em primeiro plano, tudo isto colado a uma secção rítmica mais clássica e enfeitada por um violino. O percurso de Lacy tem sido centrífugo ou excêntrico. Ele lá sabe. O segredo do êxito está em ter êxito, disse um heterónimo.

A 13 e 14 sobe ao palco Saheb Sarbib, personagem que anda a intrigar a América do jazz e que traz três pesos-médios que por cá já passaram: Lightsey (piano) com Dexter, Ford (alto) com Tyner e Battle (bateria) com Blythe.

A avaliar pelo que lhe conhecemos agora gravado (já lá vão 20 anos desde o Quinteto Académico e o 'Caruncho') as companhias em New York muito o têm influenciado, a sua música revela apreço por Mingus, Monk, embora mais instrumentistas lhe façam falta.

Na semana seguinte Paul Motian bisa a sua visita (tal como Lacy esteve em Setúbal em 79, enquanto Lacy se estreara no Monumental em 72) e vem acompanhado por Joe Lovano, tenor interessante, e Bill Frisell, um guitarrista tão celebrado como Metheny e que vai ser interessante conhecer ao vivo. Se Lovano viesse um pouco mais cedo ficava bem com Sarbib, com quem, aliás, já gravou. Há tempo?

O 'Jazz em Agosto 86' encerra a 27 e 28 com a 'Moiré Music' de Trevor Watts, saxofonista inglês. Vai haver uma frente de quatro saxofonistas, mais dois violinos, piano, baixo eléctrico e bastante percussão a suportar o repetitivo, as ondulações brilhantes. Espectáculo cujo som pode lembrar as peças de um Chris McGregor, sul-africano na Europa que não esquece a Africa negra ou o típico jazz commonwealth, passada que foi a experiência de Harriot com a música indiana.

E assim vai ser, se for, o Agosto em jazz.

Paul Motian acumula e dirige, entretanto, um curso de percussão aberto, mediante selecção prévia, a músicos e a ouvintes. Os músicos não apurados passam à categoria de ouvintes. Baixam de divisão. E os ouvintes? Não há apuramento, pagam metade do que pagam os músicos (!).

A música só existe com ouvintes e por maior força de razão se o músico for surdo.

'Quando uma árvore cai e não está lá alguém para a ouvir cair, há som?,

Não.

ROTEIRO CULTURAL

Exposições

«Artesanato em Vias de Extinção» é o tema de uma exposição que a partir das 16.30 horas de hoje está patente ao público na Filartesanato da Feira Internacional de Lisboa. Trata-se da apresentação de sete actividades artesanais que se encontram quase desaparecidas, nomeadamente latoaria, cestaria, olaria (louça preta), fabrico de socos, fabrico de gamelas, fabrico de carroças e fabrico de fusos. A exposição é feita essencialmente à base de audio-visuais, sendo apresentado um intenso trabalho de recolha documental efectuado na região norte por uma equipa orientada pelo prof. Duran Cartacho, da Escola Superior de Belas Artes do Porto.

Também esta tarde, pelas 17.30 horas, é inaugurada uma exposição no Palácio Nacional da Pena, em Sintra. Trata-se da mostra **«Colecção de Ourivesaria do Palácio Nacional da Pena»**, organizada pelo Instituto Português do Património Cultural, em colaboração com a direcção do referido Palácio.

Livros

No Espaço-Mulheres, na Rua Pedro Nunes, 9-A, em Lisboa, é lançado esta tarde, pelas 18.00 horas, o livro «Minha Mãe Meu Amor», da autoria da escritora e jornalista **Maria Teresa Horta**. A apresentação está a cargo da escritora Yvette Centeno e as actrizes Ana Zanatti, Margarida Carpinteiro e Zita Duarte interpretarão alguns poemas. O livro é editado pelas Edições Rolim.

Música

O «Jazz em Agosto 86» da Fundação Calouste Gulbenkian começa esta noite pelas 21.30 horas no Anfiteatro ao Ar Livre. No espectáculo de hoje actua o **Steve Lacy Sextet**, composto por Steve Lacy (saxofone soprano), Steve Potts (saxofones alto e soprano), Irene Aebi (voz e violino), Bobby Few (piano), Jean-Jacques Avenel (contrabaixo) e Oliver Johnson (bateria). Desde a década de 50 que o saxofonista soprano Steve Lacy tem vindo a actuar e a gravar com uma grande variedade de músicos conhecidos. Iniciou a sua carreira tocando saxofone soprano com músicos ligados ao Swing e Dixieland, tais como Red Allen e Pops Foster. Sendo originalmente um clarinetista, passou a interessar-se pelo sax soprano depois da audição de um disco de Sidney Bechet, mantendo-se fiel ao instrumento desde então. Através de uma constante exploração e experimentação, Lacy desenvolveu e alargou o «alcance» do sax soprano a um nível elevado e original.

Uma cena do filme «Nova Iorque Fora de Horas» do realizador Martin Scorse. Grande Prémio da melhor realização / Cannes 86. Em exibição no Quarteto e Estúdio 444

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1

REVOLUÇÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 h

Alfa 2

A GAROTA DO VESTIDO COR DE ROSA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

DESAPARECIDO EM COMBATE — PARTE II
(maiores 16 anos)
15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club
T. 763319
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
(não acons. a men. 13 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

REVOLUÇÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 2

O ANO DO DRAGÃO
(maiores 12 anos)
13.45, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

A GAROTA DO VESTIDO COR DE ROSA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 h

Apolo 70

REVOLUÇÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Avila
— T. 539930
007 OPERAÇÃO RELÂMPAGO
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163
OS BANDIDOS DAS BMX
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098
ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitolio
— T. 372358
PREVERSÕES SEM LIMITES
(int. men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194
ACADEMIA DE POLÍCIA III — DE VOLTA AOS TREINOS
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco
— T. 556824
LOBIJOVEM
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
MÁSCARA
(maiores 12 anos)
24.00 h

Cinebolso

PRISIONEIROS DO SEXO
(int. men. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45 e 19.00 e 21.30 h

Cine Camões
T. 324194
O HOMEM SUPERSÓNICO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cinemateca
ENCERRADO PARA FÉRIAS

Cine 222
— T. 579460
ALICE JÁ NÃO MORA AQUI
(não acons. menores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Anusha
SOLTEIROS E TARADOS
(maiores 16 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza
O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999
MÚSICA NO CORAÇÃO
(maiores 6 anos)
14.30, 17.45 e 21.00 h
O VEREDICTO
(int. 13 anos)
23.45 h

Condes
— T. 322523
TERROR NA AUTO-ESTRADA
(m. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
DESAPARECIDO EM COMBATE — PARTE II
(m. 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134
POLICE ACADEMY III — DE VOLTA AOS TREINOS
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255
AO SERVIÇO DE SUA MAJESTADE
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444
— T. 768078
NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova

Sala 1
TRÊS HOMENS E UM BERÇO
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2
O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
O LOBIJOVEM
(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas
— T. 541037
ESCÂNDALO NA TV
(n/acons. 13 anos)
19.00 e 21.45 h

Gemini
— T. 734009
DESAPARECIDO EM COMBATE — PARTE II
(m. 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1
TERROR NA AUTO-ESTRADA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

Sala 2
ABSOLUTE BEGINNEES
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23 h

Imperio
— T. 555134
UMA EQUIPA DOS DIABOS
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
TERROR NA AUTO-ESTRADA
(m. 18 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2
LOUCA POR SI, PROFESSOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.45 h

Londres
LOUCA POR SI, PROFESSOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743
OS DEZ MANDAMENTOS
(m. 13 anos)
15.00 e 21.00 h

Nimas
— T. 574362
O ROMANCE DE MARTHY
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283
OS COMANDOS DA FORÇA Z
(int. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia
AS DEVASSAS DE PIGALLE
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. men. 18 anos)

Pathe
— 821933
A TORRE DO INFERNO
(n. acons. a men. 18 anos)
14.00, 16.30 e 21.00 h
OLHO POR OLHO
(n. acons. a men. 18 anos)
24.00 h

Politeama
T. 326305
EXCALIBUR
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
SANGUE POR SANGUE
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
A FELINA
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 2
«PSICO»
(maiores 17 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
O SENTIDO DA VIDA
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 3
NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.30 h
DINHEIRO DO CÉU
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 4
BILBAO
(inter. men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
DOIS HOMENS E UM DESTINO
(maiores 16 anos)
23.30 h

Roma
T. 889192
GELADO DE LIMÃO V
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560
UMA SEMANA À EXPERIÊNCIA
(erótico)
(int. men. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
A GAROTA DO VESTIDO COR DE ROSA
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h

Sala 3
VIVE E DEIXA MORRER
(n/ acons. m. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte
— T. 730715
ACADEMIA DE POLÍCIA III — DE VOLTA AOS TREINOS
(maiores 6 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210
GENTE GIRA N.º 2
(maiores 6 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573
ACADEMIA DE POLÍCIA III — DE VOLTA AOS TREINOS
(maiores 6 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595
REVOLUÇÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666
AS MINAS DE SALOMÃO
(maiores 6 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Xenon
T. 368480
SANGUE POR SANGUE
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodiaco
— T. 570151
EXIBIÇÃO PERMANENTE DE FILMES (INDIANOS)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro Lido — «A experiência de Filadélfia», às 15.30 e 21.15 h (maiores 12 anos)
AMADORA — Cinestúdio — «Lobijovem», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «A Maldição da Mansão Sombria», às 15.00 e 21.30 h (maiores de 16 anos)
Babilónia — «Uma Equipa dos Diabos», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (maiores de 12 anos).
MEM MARTINS — Cineteatro Chaby — Encerrado
Estúdio Dois Eme — «Cães de guerra», às 15.30 e 21.30 h (men. 18 anos)

Linha de Cascais

Casino Estoril — ««Lobijovem», às 17.00 e 21.15 (m. 6 anos)
ALGÉS — Cinema 2000 — «O protector», às 15.30 e 21.30, (maiores 16 anos)
OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Os Salteadores da Arca Perdida», às 15.30, 19.00 e 21.45 h (não acons. 13 anos)
Sala 2 — «Sangue para sempre», às 15.30, 19.00 e 21.45 h (maiores 16 anos)
CASCAIS – Miramar/Sala 1 — «África Minha», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
Sala 2 — «Louca por si, professor», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
CARCAVELOS – Atlântida Cine — «O fio do suspeito», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
Oxford — «O Lobijovem», às 15.15, 18.15 e 21.15 h (maiores 6 anos)

Outra Banda

ALMADA — Incrível — «Os Os Goonies», às 15.30, 21.30 h (maiores 6 anos).

ALMADA — Academia — «O Justiceiro de Nova Iorque», às 15.30 e 21.30 h.

ALMADA — Cinestúdio Almada — «Plenty — Uma história de mulher», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
COSTA DE CAPARICA — Oceano – Sala 1 – «África Minha», às 15.45 e 21.30 h (maiores de 12 anos).
Sala 2 – «A última reportagem», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos)
MOSCAVIDE — Stop — «América Violenta», às 15.30 e 21.30 h (int. 18 anos)
BARREIRO – Cinestúdio Barreirense – «O protector», às 15.00 e 21.15 h (m. 12 anos)
LINDA-A-VELHA – Cinetropical — «Remo — Desarmado e perigoso», às 16.00 e 21.30 h (m. 12 anos)
ODIVELAS – Cineodivel — «A águia de ferro», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
Cineoceano – «África Minha», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
TRAFARIA – Pavilhão Jardim — «Código do silêncio», às 16 e 21.30 h (m. 12 anos)

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — JERÓNIMOS: Remísio, R. dos Jerónimos, 140 (T. 631699); **ALMIRANTE GAGO COUTINHO: Estados Unidos**, Av. dos Estados Unidos da América, 16-B (T. 885859); **AVENIDAS NOVAS: Figueiras**, Av. Marquês de Tomar, 20-22 (T. 544995); **CAMPOLIDE: Central de Campolide, R. General Taborda, 17 (T. 680304); CASTELO: Silva**, C. de Santo André, 16 (T. 862074); **ENCARNAÇÃO: Zira**, P. das Casa Novas, lote 66 (T. 311216); **SÃO TOMÉ: Ziller**, R. de São Tomé, 54 (T. 862835); **LUMIAR: Douro**, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T. 791131); **PENHA DE FRANÇA: Dimar**, R. Conde de Monsarraz, 17-B (T. 842533); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes. MAF (T. 880703); **RATO: Manuel Vicente Jesus**, L. do Rato, 3-C-D (T. 681947); **ROCHA: Pinheiro**, R. Presidente Arriaga, 16 (T. 603054); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA: Vitex**, E. de Benfica, 373-B (T. 780548); **BRANDOA -AMADORA: Correia**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); **ODIVELAS: Monserrate**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 9811139); **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

REFORÇO — ALTO DE SANTO AMARO: Teles, R. João de Barros, 2 frente (T. 638176); **ALVALADE: Zil**, Av. da Igreja, 9-D (T. 891780); **BAIRRO DE MONTE PEDRAL: Zema**, R. General Justiano Padrel, 21-A (T. 832580); **BAIXA: Azevedo Filhos**, Rossio, 31 (T. 327478) **BENFICA -CEMITÉRIO: Simões**, C. do Tojal, 102-A (T. 749649); **CAMOES - SANTA CATARINA: Coimbra**, C. do Coimbra, 82 (T. 326059); **CAMPO DE OURIQUE - PRAZERES: Ourique**, R. Freitas Gazul, 32-B (T. 671667); **ESTEFÂNIA: Estefânia**, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 544438); **FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN: Berna**, Av. de Berna, 44-A (T. 773568); **OLIVAIS SUL: Marta**, R. Cidde de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696); **PARQUE EDUARDO VII: Latina**, Av. António Augusto de Aguiar, 17-A (T. 543312); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 4-A (T. 2750076). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Atlântico**, Av. Rainha D. Leonor, 45-A (T. 2764466). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T. 2290911). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Silva Inácio**, P. Gomes Teixeira, 45 (T. 2071862). Permanente. **BAIXA DA BANHEIRA: Cardoso**, A. Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino**, Alfarim — Sesimbra (T. 2232841). Até às 19 horas. **AMORA: Duarte Ramos**, R. Bafatá, 11, Loja 30, Centro Comercial Belsul (T. 2243193). Até às 22 horas. **TORRE DA MARINHA: Alves Velho**, L. Camões, 27 (T. 221132). Até às 22 horas. **MONTIJO: S. Pedro**, Av. Camões, 16 (T. 2311133). Até às 22 horas. **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas. **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas. **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas. **SETÚBAL: Brasil**, P. Brasil, 15 (T. 24788). Permanentes; **Costa**, P. Misericórdia, 48 (T. 22760). Permanente; **Moreira Martins**, P. Olga Sarmento, 14 (T. 26051). Até às 22 horas.

LINHA DE CASCAIS — ALGÉS: Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29 (T. 2104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero Quental, 9 (T. 4190610). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, Lote A-r/c. (T. 2441616). Até às 22 horas. **ALCABIDECHE: Carvalho**, B.º Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. M.ª Conceição, Lote B (T. 2470777). Permanente; **S. DOMINGOS DE RANA: Godinho Silveira**, R. A. Albuquerque, Lote B, Lj. 2 (T. 2470361). Até às 22 horas. **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, Estrada Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas. **OEIRAS: Mourão Vaz**, Av. Moçambique, 17-C (T. 2437196). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta da Palmeira, Lote 24 (T. 2478737). Permanente; **PAREDE: Grincho**, Av. República, 87-A (T. 2471204). Permanentes; **MURTAL: Primavera**, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 22 horas. **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas. **BIRRE: Imuni**, Lote 7-B — Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, Rua A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Viv.ª Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Outeade**, R. Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS: A. Costa**, A. 25 de Abril, 45 (T. 280214). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Nunes, Est. Serra Mina — Falagueira (T. 4937543). Permanente; **Soares Correia**, Est. Águas Livres — Carenque (T. 965517). Permanente; **Sofia**, Loja D, Lote 65 (T. 900724). Até às 22 horas; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; **QUELUZ: Correia**, L. do Mercado, 3 (T. 950905). Até às 22 horas; **CAMARATE: Mendonça**, L. 25 Abril, 135-C (T. 2573158). Até às 19 horas; **CACÉM: Garcia**, Av. Missionários, 2 (T. 9242181). Permanente; **MEM MARTINS: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Araújo**, Calç. Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; **SINTRA: Teresa Garcia**, L. D. Afonso, 3-A (T. 9232747). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras farmácias — MOSCAVIDE: Pedro Gomes, B.º 25 Abril, Lote 13 (T. 2519670). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Cortes**, Av. M.ª Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. República, 86 (T. 9830027). Permanente.

COIMBRA

NAZARETH — R. Ferreira Borges, 135-139 Tel. 22605; **CRUZ VIEGAS** — Rua do Brasil, 154; Tel. 714821; **S. MARTINHO** — S. Martinho do Bispo Tel. 813425.

TEATROS

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

De 3.ª a sábado, às 21.15; sábado e domingo, ás 16.00

Só até ao dia 10 de Agosto

«CALAMITY JANE«, uma mulher de armas ou o monólogo da vaqueira. Dramaturgia e encenação de Hélder Costa. Interpretado por Maria do Céu Guerra.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De terça a sábado, às 21.30; domingos às 17.00

«TOUR«, de Abel Neves. Encenação de João Mota. Intérpretes: António Melo, Alfredo Brissos, Amélia Videira, Cármen Marques e Carlos Paulo.

Teatro Ibérico

R. Xabregas, 54 — Tel. 382531

De 3.ª a sáb. às 21.30 — Dom. às 17.00

«AVAREZA, LUXÚRIA E MORTE NA ARENA IBÉRICA«, de Ramon del Valle Inclán. Encenação de Blanco Gil. Interpretado por Lia Gama, Argentina Rocha, entre outros.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo às 21.45; domingos, também às 16.00.

«O CORONEL EM DOIS ACTOS«. Adaptação de F. Nicholson. Encenação de Varela Silva. Interpretação: Alina Vaz, António Feio, Camilo de Oliveira, Dulce Guimarães, F. Nicholson e P. Marcelo.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.30 e às 22.45; domingos, às 16.00

«ISTO É MARIA VITÓRIA«, de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação de Ivone Silva. Intérpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha, Marina Mota, entre outros.

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e às 22.45; domingo, às 16.00

«LISBOA TEJO E TUDO«, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Oliveira. Intérpretes: Carlos Miguel, Margarida Carpinteiro, Natalina José, Henrique Viana, Helena Isabel e Alexandra Solnado.

Teatro do Século

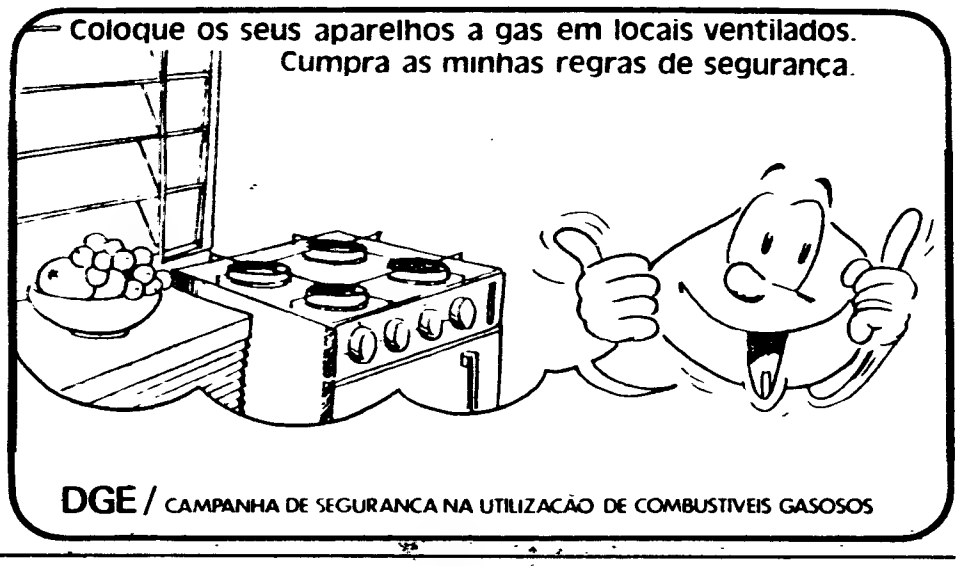
R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04

De quarta a sábado, às 21.45; domingos, às 18.30

«OS NEGROS«, de Jean Genet. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretação de Cucha Carvalheiro, José Nogueira Ramos, Lucinda Loureiro, Miguel Guilherme, etc.

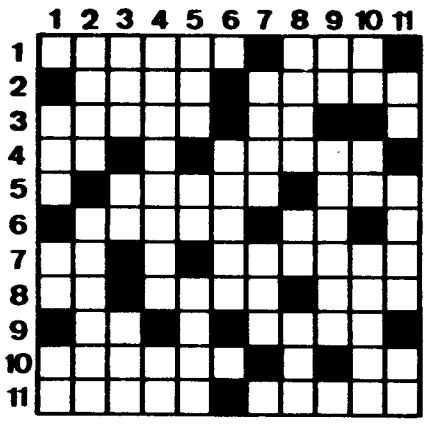
De quinta a sábado, ás 18.30; domingos, ás 21.45

«VIAGEM PARA A FELICIDADE«, de F. X. Kroetz. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretação de Lucinda Loureiro.



PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 794



HORIZONTAIS:

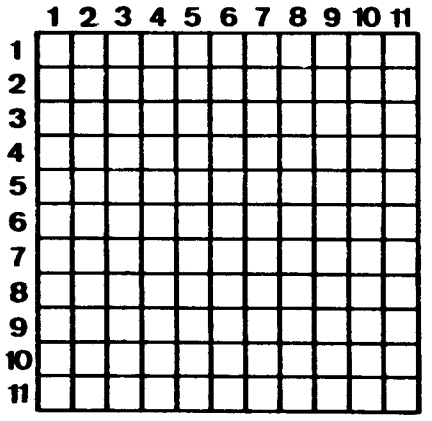
1 Aquele que trabalha em louça de barro. Pronome relativo.
2 Elevação da voz ou do tom. Tocas.
3 Amuletos. Interjeição brasileira.
4 Carta de jogar. Patrona da ilha de Malta.
5 Outeiro. Antéria.
6 Saltar. Em a.
7 Interjeição que exprime admiração. Areda!
8 Manganês (s.q). Serra de Portugal. Tanto.
9 Idem. Zunam.
10 Acudo. Post scriptum.
11 Alcoitão. Irmão de Moisés.

VERTICAIS:

1 Executa. Astigo indefinido. Antes de Cristo.
2 O mesmo que penol. Vaso de noite.
3 Unidade de trabalho. Cobre (s.q). Mágoa.
4 Diz-se dos monstros duplos em que cada indivíduo está completamente desenvolvido e possui os órgãos necessários à vida. Rádio (s.q).
5 Rente. Batráquio. Curo.
6 Cidade de França.
7 Sem tardança. Executa. Astigo definido.
8 Espécie de inambú. Em a. Ovário dos peixes.
9 Cidade da antiga Caldeia. Velhaco (pop).
10 Duas vogais desiguais. Ouro (s.q). Prensa de penteeiro.
11 Sua majestade. Homem d baixa estatura. Solitário.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 630



HORIZONTAIS:

1 Cidade dos Estados Unidos. Cidade da Bélgica.
2 Nome grego, de Júpiter. Rumores.
3 Sufixo que designa estado. Amofinais.
4 Soltar a voz (o pato).
5 Interjeição da ilha Flores o mesmo que ah! oh! Nome de mulher. Nome de letra.
6 Era cristã. Rodilhas (prov).
7 Consentimento. Costumar. Autores.
8 Pronome pessoal. Estime. Muito digno.
9 Filósofo norueguês autor de uma gramática e de um dicionário da língua norueguesa. O mesmo que otomão.
10 Aparas. Suspiros.
11 A Tailândia. Eia!

VERTICAIS:

1 Cidade da República do Equador. Com. da Bélgica.
2 Cidade de Itália.
3 Lutécio (s.q). Nesse lugar. Remate de costura.
4 Campeões. Útero.
5 Sadios. Nosso Senhor.
6 Abelha silvestre (Bras). Interjeição designativa de espanto.
7 Vgiaremos.
8 Olé. Pernadas de sobreiro.
9 Guarneceres de asas. Ruim.
10 Desejais.
11 Alojados.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 793

HORIZONTAIS:

1 CORAÇÃO. Dar.
2 Àrica. Anata.
3 Pó. Osa. Amem.
4 Fr. Osio.
5 Amargor.
6 Abé. Lumiar.
7 Fi. NS. Men.
8 Rastejaram.
9 Ásia. Irene.
10 Avia. Cela.
11 Oiras. Se. Ou.

VERTICAIS:

1 Caspa. FRACO.
2 Oro. Maias.
3 Ri. FAB. Siar.
4 Acorrentava.
5 Cãs. Se. Si.
6 Atol. Jia.
7 Ao Rumar.
8 NÃO. MERECE.
9 DAMA. Inane.
10 Ateima. Melo.
11 Ramo. Rh. Au.

PROVÉRBIO: Coração fraco não merece dama.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 629

HORIZONTAIS:

1 Balmstad. Ás.
2 Amaia. Carta.
3 Lasca. Eu.
4 Ir. Escoltar.
5 Ca. Opar.
6 Impais. Ora.
7 Escol. Tua.
8 Ser. Opera.
9 Sena. Cora.
10 Cremes. Babe.
11 Sauí. Comas.

VERTICAIS:

1 Halícias. Cs.
2 Amaram. Ra.
3 Lãs. Perseu.
4 Micenas. Ema.
5 Sãos. Ícone.
6 Co. Opas.
7 Acrópole.
8 Dá. Lar. Rabo.
9 Retrataram.
10 Atua. Oba.
11 Sa. Romances.

Rádio

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; **17.00**: Pequeno jornal; **17.15**: Musicomania; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Música portuguesa; **20.30**: No estúdio e no estádio; **21.00**: Movimento; **21.30**: Imaginário.

Programa 2

16.00: Música do século XX; **16.40**: **Trechos de óperas; 17.00**: Integrais; **17.45**: **«Praludim, Fugue e Postludium», em sol menor, de Georg Bohm; 18.00**: Música de câmara; **18.40**: Requiem, op. 5. de Hector Berlioz; **20.05**: O pianista Tamas Vasary; **20.40**: Música orquestral; **21.00**: Música portuguesa; **21.30**: Transmissão directa, das Ruínas do Carmo, em Lisboa, de um concerto pela Orquestra Sinfónica da RDP; **23.30**: Música sacra; **1.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Dora a hora; **16.00**: A feira mágica; **19.15**: Musical; **20.00**: Conta-corrente; **21.00**: Discos pedidos; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: Vigésima quarta hora; **02.00**: Guarda nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.00: O som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: **Jazz; 22.00**: As mil e uma noites; **00.00**: Morrison Hotel; **2.00**: Guarda nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Ré maior; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Conversa de amigos; **21.00**: Encontro; **22.00**: Diário do desporto; **22.30**: Clube dos coleccinadores; **23.30**: A vez e a voz; **23.55**: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Minho e Voz do Porto

15.00: As boas tardes da Renascença; **18.30**: Ligação à rede nacional; **19.00**: Jornal das regiões; **19.30**: Ligaçãoà rede nacional.

Voz do Alentejo

14.00: Sopa dourada; **15.00**: As boas tardes da Renascença; **18.30**: Ligação à rede nacional; **19.00**: Alentejo em notícia; **19.30**: Diversos.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **23.30**: Diário do desporto; **23.57**: Meditando.

FM-Estéreo

13.10: Os cem mais; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico; **23.55**: Boa noite. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP/1

15.00 — Desenhos Animados
«As Misteriosas Cidades de Ouro» e «Terry Toons».

15.40 — Risco Inadiável
(1.º episódio): «Ver com Olhos de Ver».

16.10 — A Tragédia da Rua das Flores
(6.º episódio)

17.05 — Histórias com Pés e Cabeça
(6.º episódio): «O Dia das Mentiras»

17.30 — Ontem Viu?
«Ferro Forjado»

18.00 — Sumário

18.05 — Tempo dos Mais Novos
A emissão de hoje é preenchida com mais um episódio das séries «O Jovem Ramsay» (29.º episódio) e «Era Uma Vez» — Os Sapatos do Imperador.

18.45 — País, País

19.15 — Jazz para Todos

19.50 — O Livro Grande de Petete
«A Germinação»

20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim Meteorolãogico

20.40 — Corpo a Corpo
(106.º episódio):
Sónia e Cláudio travam acesa discussão durante a qual Sónia lhe diz que escolheu Orlando pelo dinheiro dele. Arrasado, Cláudio ouve-a ainda dizer que se a quiser ver, ela assistirá com Orlando, à festa de Cristina. Alice e Alfredo comemoram a sua vitória sobre Sónia.
Alice desloca-se ao Recife em representação da produtora.
Lúcia descobre que Rafael comprou um bilhete de lotaria e monta um esquema para o afastar definitivamente de Ângela. Sónia vai à festa de Cristina acompanhada por Orlando e Cláudio, ao vê-la, diz-lhe que nunca mais olhará para ela. Bia procura Sónia para ter uma longa conversa com ela.

21.25 — Programa da Direcção de Informação
A RTP não sabe informar o que é...

22.20 — Um César Americano
(6.º Episódio)
A guerra do Pacífico acaba devido à decisão do presidente Truman de usar a bomba atómica. MacArthur torna-se senhor do Japão, que se rendera. De imediato voa para o país derrotado, desarmado, criando assim uma aura de cavalheirismo e grandeza. E começa como os antigos «Shoguns», a governar o Japão em nome do imperador.

22.45 — 24 Horas

23.15 — Volta a Portugal em Bicicleta

RTP 2

16.30 — Indicativo do «Europa TV»

Esta noite mais um episódio da série «Um César Americano»

O Tempo

16.35 — Tempo dos Mais Pequeninos
«TIc-Tac» e «O Mundo Maravilhoso de Gigi».

17.05 — Count Down

17.45 — O Tempo

17.45 — Informação: Euro-repórter

18.00 — Eureka
Seminário sobre ciência, tecnologia e indústria na Europa.

18.20 — O Tempo
«O Mundo Amanhã»

18.30 — O Big Beat (I)

19.15 — Documentário
«Brigitte Bardot» (1.ª parte).

20.00 — Notícias

20.05 — Vídeopolis

20.35 — Falar de Macau
«Seminário de S. José»

21.00 — Cinema Português em Retrospectiva
«Um S Marginal»: Portugal num futuro não muito distante é o tema de «Um S Marginal». As necessidades energéticas levam à criação de uma rede de centrais oceânicas e solares. A perturbação do equilíbrio ecológico faz os animais domésticos regressarem a uma vida selvagem fora das cidades. Neste pano de fundo o drama de uma família: o pai, vivendo na casa que é o seu refúgio, uma paixão que necessita ocultar; o filho procurando alcançá-lo para o informar de uma tragédia que atingiu a família... Segundo filme de José de Sá Caetano, depois da longa-metragem «As Ruínas do Interior»), «Um S Marginal» combina realidade e ficção, presente e futuro, numa perspectiva inquietante. José de Sá Caetano, crítico de cinema, profissional de televisão, diplomado em cinema em Inglaterra, estreou-se em 1976 na realização, dirigindo um filme lento, obsessivo e sedutor, «As Ruínas no Interior», que bastou para o afirmar como um dos mais sólidos valores do cinema português actual. O mesmo talento e rigor narrativo estão presentes em «Um S Marginal», mais uma vez sublinhado pela excelente música de Rui Cardoso. Realizador: José de Sá Caetano; Intérpretes: Sinde Filipe, Diogo Dória, Françoise Ariel, Joaquim Leitão, João Lagarto, Rui Morrison. Duração: 91 minutos; Ano de estreia: 1981; género: dramático; fotografia: cor.
Notícias no intervalo do filme

22.40 — Últimas Notícias

22.50 — Vereda Tropical
(86.º e 87.º episódio)

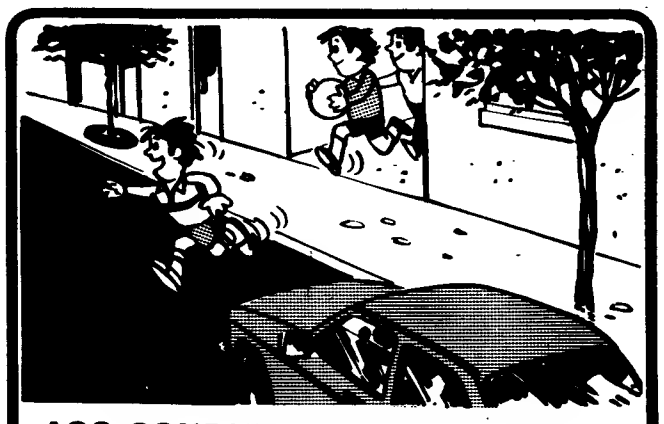
Amanhã

RTP/1

11.00 — Sumário
11.07 — Memória de um Povo
11.30 — Espaço 11/13
12.30 — Vereda Tropical
(83.º episódio):
13.15 — Jornal da Tarde
15.00 — Desenhos Animados
15.35 — O Homem Montanhês
16.05 — O Conde de Monte Cristo
17.05 — O Dia a Dia
17.35 — Ontem Viu?
18.00 — Sumário
18.05 — Tempo dos Mais NOvos
18.45 — País, País
19.15 — Telemundo
19.50 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.30 — Boletim Meteorológico
20.35 — Corpo a Corpo
21.30 — Noite de Cinema — «História de Uma Freira»
23.20 — 24 Horas
23.50 — Volta a Portugal em Bicicleta

RTP 2

16.30 — Europa TV
20.00 — Notícias
20.05 — Conheça Melhor
20.30 — A Aventura da Arte Moderna
21.25 — Notícias
21.30 — Foi Êxito na TV
22.15 — Últimas Notícias
22.30 — Vereda Tropical



AOS CONDUTORES
"Ao ver uma criança a correr, para o meio da rua, trave, porque geralmente atrás dela, vêm sempre outras."
PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...
RTP/1 Um César Americano
RTP 2 Videopolis
GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef.: 4197570

«Corpo a Corpo»

PORTE PAGO
Fundador Joaquim Manso

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54/5 - 32 02 71 / 2 / 3 Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro: 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte, 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 - 32 22 04 - 32 07 84
Preço do "DL" na Madeira 50$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director A. Ruella Ramos
Director adjunto Fernando Piteira Santos

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
03.02	3,50 m	08.25	1,20 m
15.15	3,80 m	20.54	1,90 m
Dia 6			
03.37	3,60 m	09.00	1,10 m
15.49	3,90 m	21.28	0,90 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS

BRAGANÇA	7º
VIANA DO CASTELO	9º
VILA REAL	7º
PORTO	9º
PENHAS DOURADAS	3º
COIMBRA	11º
CABO CARVOEIRO	16º
CASTELO BRANCO	10º
PORTALEGRE	9º
LISBOA	14º
ÉVORA	11º
BEJA	10º
FARO	16º
SAGRES	15º
PONTA DELGADA	20º
FUNCHAL	17º

PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ

Céu pouco nublado, temporariamente muito nublado a norte do Tejo em especial no litoral pela madrugada e manhã. Vento fraco soprando moderado de noroeste no litoral a sul do cabo Carvoeiro a partir da tarde.

Entre 29 empresas públicas

"Diário Popular" recebe mais 50 mil contos

A Empresa Pública do Diário Popular acaba de receber mais um subsídio de 50 mil contos, proveniente do Orçamento do Estado para 1986 e destinado ao saneamento financeiro da empresa proprietária daquele vespertino. Além da EPDP, mais outras quatro empresas públicas do sector da comunicação social receberam um total de 2,4 milhões de contos, de acordo com uma resolução do Conselho de Ministros hoje publicada em suplemento ao Diário da República.

As restantes empresas beneficiadas neste sector são a RTP, 1,5 milhões de contos, a RDP, .460 mil, a ANOP 90 mil e a EPNC («Diário de Notícias), 300 mil.

A verba global de 78,1 milhões de contos atribuídas no Orcamento do Estado a indemnizações compensatórias, subsídios não reembolsáveis e dotações de capital para saneamento financeiro de empresas públicas foi distribuída por um total de 29 empresas, cabendo a maior fatia, 28 milhões e 63 mil contos, à CP. Deste montante 17 milhões e meio de contos constituem indemenizações compensatórias, 5 milhões e 200 mil destinam-se a investimentos a realizar este ano e 5 milhões e 300 mil a saneamento financeiro.

Por ministérios, as onze empresas dependentes do Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações são quem mais recebe, com um montante global de 51 milhões e 866 mil contos.

As seis EP's tuteladas pelo Ministério da Industria e Comércio levam 20 milhões e 502 mil contos e a sociedade anónima Investimentos e Participações do Estado recebe 1,4 milhões de contos para investimentos, através do Ministério das Finanças. Para quatro empresas públicas tuteladas pelo Ministério da Agricultura vão mais 1 milhão e 285 mil contos e, finalmente, a EPAL e o Teatro de São Carlos, tuteladas pelo Ministério do Plano e pelo da Educação, recebem 500 mil e 147 mil contos, respectivamente.

Do total global de 78,1 milhões, 10 milhões e 97 mil contos são para subsídios, 34 milhões e 192 mil contos para indemenizações compensatórias e 33 milhões e 811 mil contos para dotações de capital.

Segundo o "Mundo Português"

Professores de Lisboa e Coimbra propuseram grande parte das alterações ortográficas

O semanário «Mundo Português» revela, em editorial, que a maioria das inovações do acordo ortográfico foi proposta por professores de Lisboa e Coimbra.

O editorial, sob o título de «A pobre guerra dos acentos», afirma ainda que a delegação brasileira teve uma participação mínima e praticamente se resumiu apenas em organizar o encontro.

Para o semanário, «os protestos oriundos de Portugal são tão insólitos quanto os denunciantes do 'colonialismo cultural' brasileiro que não dispensam todos os dias as novas palavras das telenovelas brasileiras».

O editorial do «Mundo Português» diz ainda que «os brasileiros acham que os portugueses estão é danados por que se acham os donos da língua e querem voltar a mandar como no tempos do Brasil-colónia».

DE CARAS

ANTONIO, cartoonista português, foi galardoado com o prémio de cartoon-editorial da vigésima terceira edição do Salão Internacional de Cartoon de Montreal. Em 1983, António Moreira Antunes conquistara já o Grande Prémio, galardão máximo do Salão de Montreal, concorrendo com 900 cartoonistas de todo o mundo. Na edição deste ano, António ganhou o prémio de cartoon-editorial com um trabalho sobre o líder soviético, Mikhail Gorbachov, publicado no semanário «Expresso» a 16 de Novembro de 1985.

MANOEL DE OLIVEIRA: a apresentação de «O Meu Caso» na abertura do Festival de Venaza de 1986 é, sem dúvida, uma «prova de amor» do director do certame pelo realizador português - comentou a agência espanhola EFE. «O Meu Caso», com diálogos em francês e inspiração em José Régio, «é uma estupenda comédia-ballet» de um autor que, aos 80 anos, fez o que já Verdi fizera com «Falstaff» - disse o director do Festival de Veneza, Gian Luigi Rondi.

ISABEL, uma radiosa raínha-mãe apareceu ontem, ao lado de vários membros da família fora da Clarence House - o seu palácio residencial no centro de Londres - para agradecer centenas de saudações de parabéns pelo seu 86º. Os recém-casados duque e duquesa de York receberam uma enorme ovação quando apareceram a acompanhar a raínha-mãe Isabel juntamente com as filhas desta, a raínha Isabel II e a princesa Margarida, além do príncipe e princesa de Wales.

VALENTE DE OLIVEIRA, ministro do Plano e Administração, defendeu em Santarém a elaboração de projectos sobre a região do Vale do Tejo que se candidatem ao Fundo Europeu no próximo ano. Aquele membro do Governo efectuou uma visita ao baixo e médio Vale do Tejo com o objectivo de conhecer os problemas daquela região, tendo-se deslocado desde a Leziria Grande de Vila Franca de Xira até Santarém.

RONALD REAGAN lançou ontem um programa ambicioso, em seis pontos, para erradicar «a praga» do consumo de drogas nos Estados Unidos. «Chegou a hora de uma mobilização geral» contra a utilização de estupefacientes, afirmou o presidente norte-americano ao definir os seis principais objectivos desta «cruzada nacional». A nova cruzada de Reagan, que se associa à que sua mulher Nancy empreendeu há anos, deve-se, parcialmente, à morte recente de dois atletas norte-americanos viciados em cocaína e ao receio de que os democratas se aproveitem disso para tirar dividendos do elitorado, nas próximas eleições legislativas de Novembro.

JOHN HUSTON, actor e realizador de 40 filmes e argumentista de mais de 20, festeja hoje os seus 80 anos. A sua obra, difícil de classificar, é dominada pelo gosto da luta e pelo sentimento de derrota, como se pode ver em filmes tão diversos como «O Falcão de Malta», «Key Largo» e «A Raínha Africana». Huston, que recentemente realizou «A Honra dos Padrinhos», afirmou recentemente: «tenho medo apenas de uma coisa, é de morrer de tédio».

PJ diz nada saber

Guarda Fiscal desconhece se D.Branca fugiu para o Brasil

Uma fonte da Guarda Fiscal, citada pela NP, disse não estar em condições de confirmar a notícia divulgada pelo jornal «Semanário», segundo a qual D. Branca dos Santos, a «Banqueira do Povo», terá procurado refúgio no Brasil, logo após ter sio mandada libertar pelo juiz desembargador da Relação de Lisboa, Dr. José António Pessoa Monteiro Marques, em vésperas de aposentação. Ao ser confrontado com a hipótese de D. Branca ter abandonado o País, mercê da sua polémica decisão, Monteiro Marques limitou-se a afirmar: «Eu não sou polícia».

Entretanto, a Polícia Judiciária informou desconhecer as circunstâncias de libertação da arguida, e da sua eventual ausência de Portugal. «A Polícia Judiciária desconhece o que se passa relativamente à libertação de Maria Branca dos Santos, vulgo Dona Branca, ou à saída daquela senhora ou de quaisquer outros réus nas mesmas circunstâncias», refere um comunicado divulgado pelo Gabinete de Imprensa da corporação dirigida por Marques Vidal.

O comunicado esclarece que a PJ não recebeu qualquer comunicado sobre «a alteração da situação prisional de Maria Branca dos Sabntos ou seus co-réus, nem lhe foi solicitado que providenciasse pela interdição da respectiva saída do País.»

A PJ acrescenta, por outro lado que até ao momento, ainda não lhe foi solicitada a captura de qualquer das pessoas em causa.

Enquanto isto o «Diário de Notícias» referia na sua edição de hoje, citando uma fonte não especificada, que a velha senhora está neste momento em casa de familiares na Região Centro.

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO DIÁRIO DE LISBOA. SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1.200 LISBOA. TELEF. 320271/320272. TELEX: 12363

A morte de David Cooper

Ele foi, com Ronald Laing, o principal animador da corrente antipsiquiátrica que viria, depois, a frutificar com Basaglia em Itália.

Chá com insónias ao luar de Agosto

A classe política vestiu o fato de banho e foi para férias, mas a «rentrée» anuncia-se tumultuosa e talvez conduza a novas Legislativas.

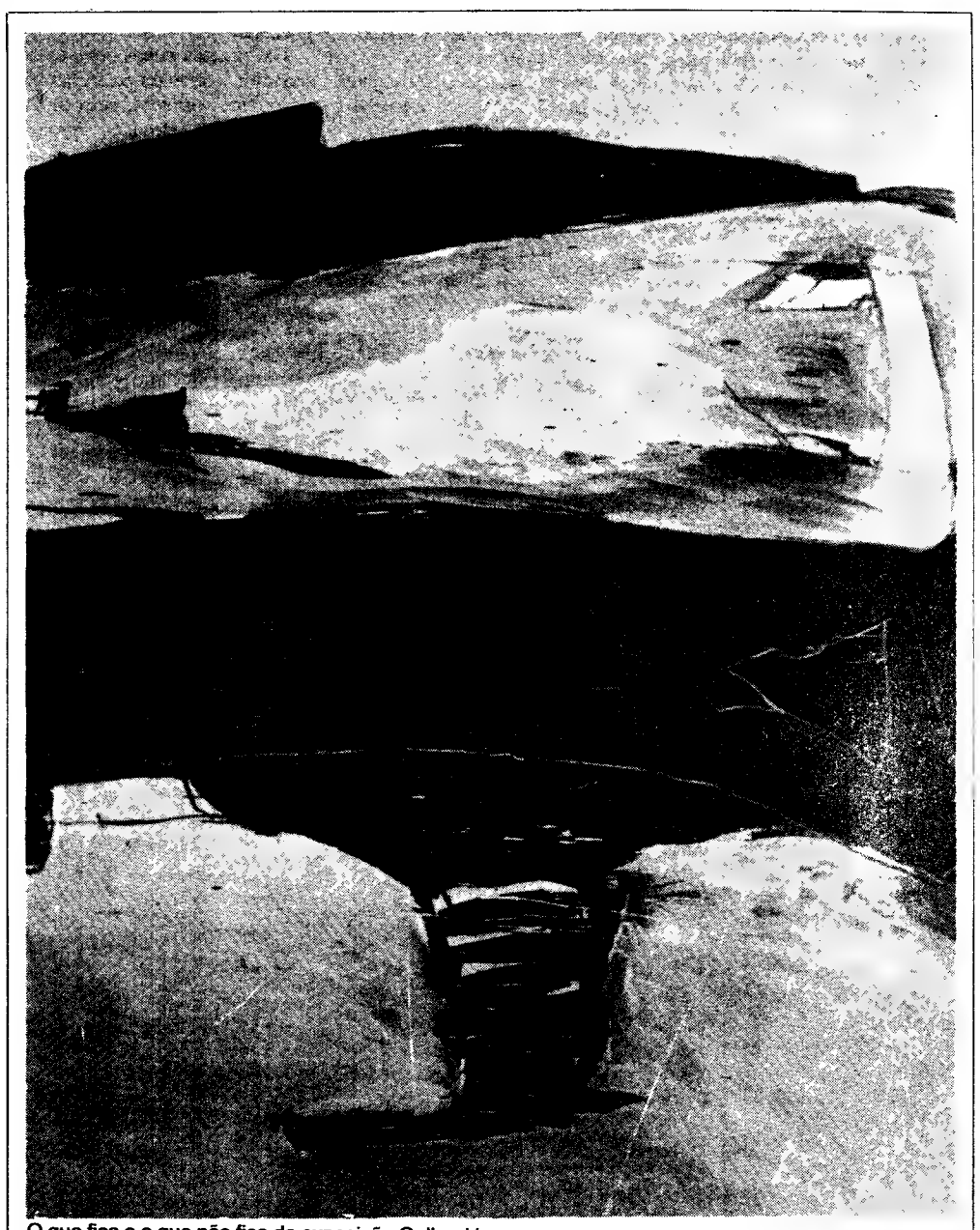
Encenação censória na Feira do Livro

Um autor e um jovem montaram uma tentativa de censura, com abaixo assinado e tudo, na última Feira do Livro. E a coisa esteve quase para resultar...

«Limbo» de Paulo Nozolino, uma das fotos expostas na Módulo

Fotografias de uma exposição

pág. 4



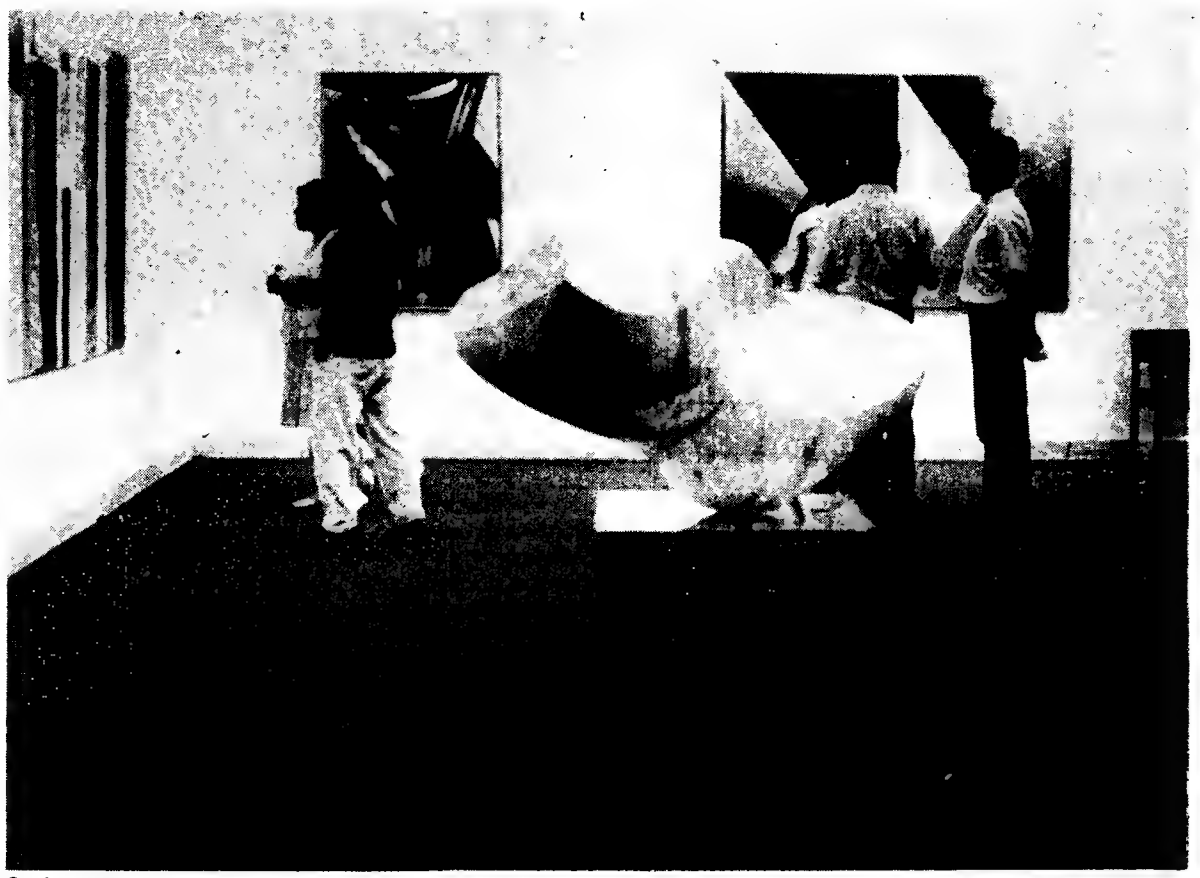
O que fica e o que não fica da exposição Gulbenkian

Eternidade e moda na Fundação Gulbenkian

pág. 2

Terceira Exposição Geral de Artes Plásticas e Arquitectura da Fundação Calouste Gulbenkian

A eternidade e a moda



Será a «actualidade» um critério de selecção válido para uma exposição como esta?

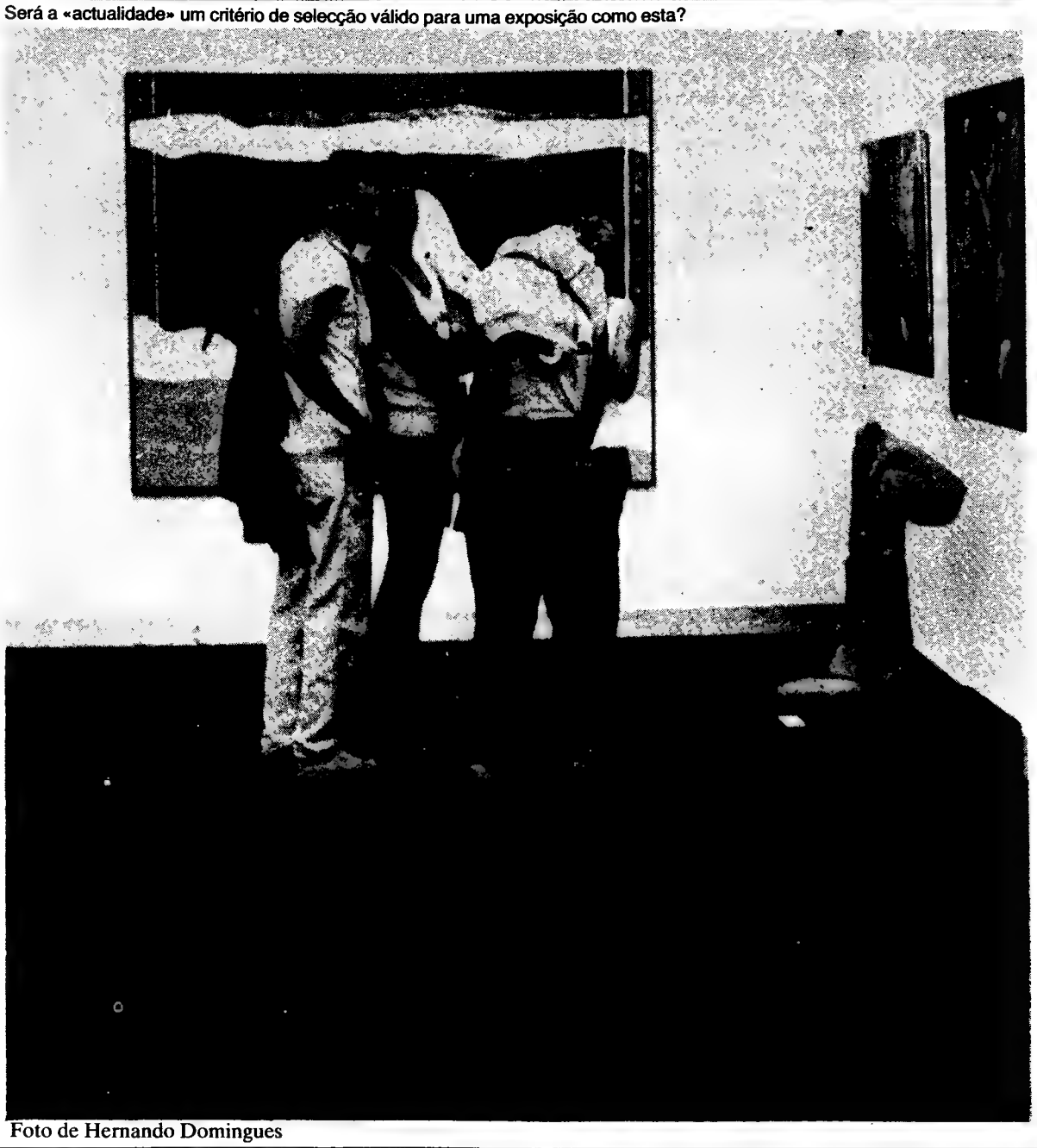


Foto de Hernando Domingues

NUM Verão de acontecimentos artísticos espalhados por todo o País, a Exposição Gulbenkian vê-se tristemente relegada a ser apenas *mais um* «Salão».

Mas isso não lhe tira a sua importância. Especialmente porque, pelas exclusões e admissões que a rodearam e por aquilo que, apesar de tudo, lá está patente, a Exposição é, mais que a Bienal de Cerveira, um *lugar de confronto*. Entre o passado e o presente da arte e da Arquitectura portuguesas, sem dúvida; mas também entre aquilo que, em pintura e escultura, sobrevive e ultrapassa esse confronto e o que soçobra perante ele e aquilo que, em Arquitectura e vídeo, fornece um «testemunho cultural» da morte do classicismo e as obras que procuram assumir-se como «clássicas» — isto é, referentes a uma linguagem «eterna», a da Modernidade miraculosamente salva das «Modas».

Quando em 1956 (que, para estes efeitos, foi há quase um século), a Fundação Gulbenkian começou a erguer a sua tenda de cimento e vidro em Lisboa, estava a concluir-se uma espécie de revolução nas artes plásticas e na arquitectura portuguesas. Novas tendências e novos nomes tinham já garantido a «vitória» sobre a velha estagnação do modernismo português. O abstraccionismo geométrico e lírico e o anúncio de uma nova pintura figurativa, por um lado, o «estilo internacional» em Arquitectura, por outro, marcaram o alinhamento definitivo do panorama artístico português pelas correntes internacionais — e, nesse sentido, como já foi assinalado, o final da década de 40 e os anos 50 foram o verdadeiro início do sec. XX para as artes e a Arquitectura portuguesas.

O papel desempenhado pela FCG nessa conjuntura foi importante. Para além da concessão de bolsas e apoios, as duas Exposições Gerais que organizou em 1957 e 1961 consagraram, de certo modo, a nova situação artística e arquitéctonica. Escrevi «de certo modo» porque, como se sabe e se pode confirmar pela Exposição dos Prémios de 57 a 61 que decorre paralelamente à Exposição Geral, só em 61 o abstraccionismo foi premiado (no caso, as correntes mais líricas); é verdade que as experiências geométricas de Almada tiveram consagração em 57 — mas tratava-se de obras de um dos «fundadores» do modernismo em Portugal.

Verificamos, então, que acabou de suceder, hoje em 1986, algo de semelhante: os prémios concedidos pelo juri desta III.ª Exposição consagram nomes e correntes que são *de ontem;* paradoxalmente, porém, o que mais se vê pelas paredes e o chão das salas de pintura e escultura tem, em geral, muito pouco que ver com as obras premiadas. Pomo-nos, a duvidar portanto se a consagração não é antes um «requiem»...

Sabe-se que a influência da Gulgenkian no campo do mecenato e da iniciativa artística se vem esbatendo desde o final da década de Sessenta; outros mecenas e outros centros de impulso surgiram entretanto. Tal esbatimento acentuou-se prodigiosamente desde 1980. A verdade é que a Fundação tem sido ultrapassada pela vida. Até porque a pulverização de tendências e focos de irradiação é uma característica actual da situação das artes (não só em Portugal) e porque, a haver um gosto «oficial» da FCG, este está ligado às «vanguardas» dos anos 60 e 70. A recusa de muitos artistas e arquitectos em participar nesta III.ª Exposição (são particularmente graves as ausências de Joaquim Rodrigo, Palolo e Julião Sarmento) tem que ver com a generalizada consciência destes factos.

Nisto tudo não há, todavia, apenas uma questão de «luta pelo poder» entre os «antigos novos» e os «novos novos» (que deu lugar a coisas curiosas como o facto do júri ter recusado vários nomes mais publicamente ligados às novas correntes da pintura, concedendo ao mesmo tempo as paredes a uma série de pintores menos conhecidos... que fazem o mesmo tipo de figuraçãoes); há também uma «postura-de-Salão» por parte da Gulbenkian — que leva o júri a consagrar nomes mais que a assinalar mudanças; e ainda uma desconfiança atávica por aquilo que provavelmente considerou ser uma «moda» passageira em pintura e arquitectura: os novos expressionismos figurativos e os novos estilos arquitectónicos ditos «post-modernos».

Não se pode dizer, no entanto, que o júri-Gulbenkian tenha sido cego. Mesmo na secção de Arquitectura (a mais desequilibrada da Exposição), podem ver-se a par de coisas (premiadas) da «Escola do Porto» e de obras de autores já consagrados em 61 «entre as quais uma de F. Távora que exibe o arrogante cofronto com a história), o neomodernismo do atelier de Nuno Teotónio Pereira e projectos e obras de Manuel Vicente ou João Baltasar. Mas também foi nessa secção que foram excluídos nomes como o de Manuel Graça Dias ou se seleccionaram os trabalhos de M. Vicente de modo a eliminar os mais interessantes. O resultado é que só muito dificilmente se pode dizer que o que está exposto representa o panorama arquitectónico português actual (recorde-se a recente exposição de arquitectura da SNBA).

Pelo que chego finalmente á problemática que me interessa discutir a propósito desta III.ª Exposição Gulbenkian: *é a actualidade um critério de selecção nestas coisas?*

Adianto desde já uma resposta: só o é quando a actualidade (a «Moda», se quiserem) se torna o único critério póssível quer dizer, quando a Qualidade se vê remetida para o estreito campo da «técnica».

Ora esta é a situação das artes desde os finais do sec. XVIII... altura em que começou a soçobrar o «código» clássico, assegurado metafisicamente, que adequava a obra de arte ou de arquitectura a valores «eternos».

Basta que se pense um pouco no que sucedeu sempre em períodos de «crise» das artes que são, em geral, situações de crise de valores — para se perceber que a ligação entre os mecanismos próprios da pintura, da escultura e da Arquitectura e as correntes de gosto erudito ou popular mais ou menos «mundano» é uma constante — e até uma necessidade vital. O rococó é talvez o exemplo mais significativo dessa invasão da Qualidade e do Eterno pela «banalidade» corrosiva do dia-a-dia e do gosto das massas. Todo o sec. XIX (incluindo nele a «crise» desencadeada pelo impressio-

Continua na pag. 3

Continuação da pág. 2

nismo) foi marcado por flutuações constantes de gosto — a que o Academismo procurou fazer frente sem dispor já, para esse efeito, da segurança ideológica e formal do classicismo.

O Movimento Moderno não esteve isento de tentações de «eternidade», da vontade de colocar a revolução artística por ele operada como «definitiva». Mas foi certamente a consolidação envelhecida desse Movimento, nos anos 50 do nosso século, que deu azo a novos Academismos (especialmente patentes em Arquitectura — mas também nas correntes da pintura abstracta).

A grande lição da Pop foi a de ter conseguido, melhor que qualquer outra corrente artística, tirar as consequências do fim do classicismo — remetendo as questões da Qualidade para a esfera da indústria, da produção em série; outra coisa não fora postulada pelo Corbusier e Gropius em Arquitectura... e por W. Benjamim no campo da teoria das artes. O consumo massivo das imagens, o predomínio dos circuitos de «reprodutibilidade» (técnica), o final da «aura» que rodeava metafísicamente as Obras, são características da arte ocidental desde há muito.

Não é de espantar que tudo isto e mais a «lição» da Pop não tivessem sido «apreendidos» em Portugal. De facto, não tivemos nem pop-arte, nem música pop, nem uma cultura pop.

Começa a ser avaliada hoje em toda a sua extensão a contribuição da Pop para a cultura moderna e para aquilo que se costuma designar por post-modernismo. Não se passam muitas coisas a nível da pintura, da performance, do vídeo, das instalações e da imagem em geral, que A. Warhol, por exemplo, não tenha antecipado nos anos 60 e 70. Tal como a intervenção de arquitectos norte-americanos como R. Venturi se ligou à Pop — é sabida a influência que os neons e a arquitectura efémera de Las Vegas tiveram sobre Venturi.

Podem colocar-se hoje questões de qualidade (ainda)?

Certamente. Mas esta situa-se muito claramente a nível da capacidade de trabalhar dados adquiridos e problematizá-los. Outra coisa não foram, no seu tempo, o gestualismo, as correntes minimalistas, a pintura monocromática, os diversos conceptualismos. A própria noção de «vanguarda' pressupõe a caducidade e a efeméride dos estilos.

A sensação que tenho ao ver de novo (no sector claramente delimitado da Exposição que a isso foi dedicado) a pintura de Ângelo de Sousa, Jorge Martins, Batarda, Charrua, António Sena e Eurico Gonçalves, entre outros, é que resistiu muito mal à chamada «prova do tempo». Acontece, contudo, que o tempo já não prova nada... Daí a uns anos, dir-se-á o mesmo sobre os novos expressionismos figurativos, por mais que eles correspondam, afinal, a tradições modernistas portuguesas (cómo brilhantemente assinalou Bernardo Pinto de Almeida).

Entretanto, vejam-se tanto aqueles que «correm com o tempo», como os que se recusam a ele: António Dacosta, responsável (para mim) pelos melhores quadros desta III.ª Exposiição; as tábuas de Pedro Calapez; e a recente evolução de Menez à vista numa única belíssima tela: as arquitecturas de Teotónio Pereira e de Manuel Vicente (e respectivos companheiros de trabalho); os desenhos (sempre da esfera do «ideal», do que é a «base» de tudo) de Jaime Silva, o rigor orgulhosamente único de Natividade Correia, o confronto entre o volume e a linha em Graça Morais, a complexa simplicidade de Gaetan, a discrição hábil de Jorge Martins.

Talvez seja necessário que se desça à sala onde se projectam os *vídeos*, para se perceber melhor aquilo que presidiu às escolhas e exclusões desta III.ª Exposição Gulbenkian; é verdade que não vi todos os vídeos, nem durante todo o tempo. Mas o que vi foi a «poetização» cinematográfica e «à portuguesa» (gráfica e contemplativa) de uma técnica que a cultura pop marcou definitivamente com características *opostas* a estas; naquilo que tive a infinita paciência de aturar durante longos e arrastadíssimos minutos não há nem o cheiro do feérico êxtase da imagem movente e aleatória que é, para mim pelo menos, a possível «essência» do vídeo.

É o gosto dos vídeos comerciais que defendo?

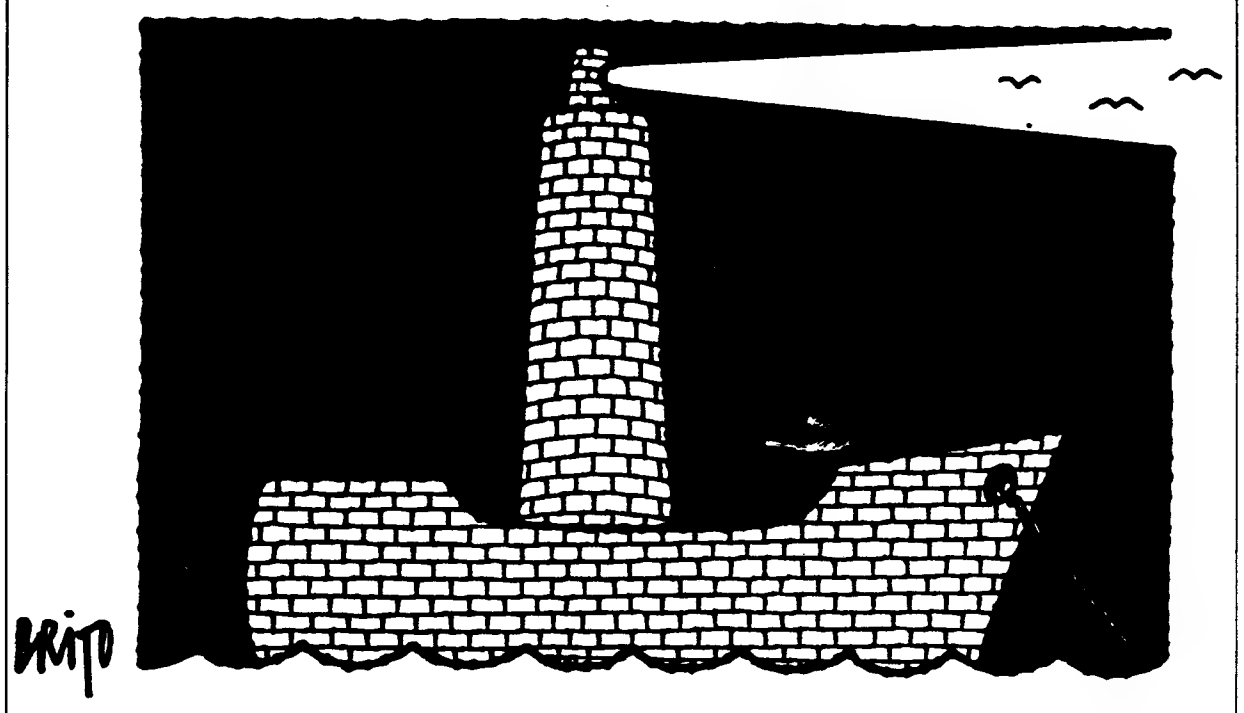
Pois é. Mas percebe-se, ao menos, que são os vídeo-clips e a publicidade que fazem a actualidade («civilizacional», porque não?) do vídeo? E que, sendo absolutamente não-Monumentais e não-Consagrativos de Perenidades, estes vídeos representam um verdadeiro requiem pelo classicismo artístico?

É por isso que gosto deles. Que diabo, Hegel já morreu há *cento e cinquenta e cinco anos*!

Paulo Varela Gomes

A contribuição da «Pop» para a cultura moderna começa a ser avaliada em toda a sua extensão

David Cooper morre aos 55 anos



Kingsley Hall tornou-se o símbolo de uma atitude diferente perante a doença mental: ali não havia terapêutica medicamentosa, nem «encerramento», nem electrochoques

DAVID Cooper, um dos fundadores da antipsiquiatria, morreu de crise cardíaca na terça-feira, 29 de Julho, em Paris, com 55 anos. Com o escocês Ronald Laing, foi, nos anos 60, um pioneiro da luta contra a psiquiatria institucional e o encerramento hospitalar, contestando a própria ideia de doença mental e considerando as psicoses como fenómenos sociais.

«A família — escreveu David Cooper — inventa uma doença para preservar o seu modo de vida inautêntico.

E a ciência médica, sensível a tão grandes necessidades sociais, produziu uma disciplina especial, a psiquiatria, a fim de conceptualizar, formalizar, classificar e fornecer tratamentos a essa doença.» Para além da família, é a loucura da sociedade que, segundo David Cooper, gera as perturbações mentais.

Imagina-se o que foi, durante os anos 60, a reacção dos psiquiatras a estas teorias, quando surgiram as principais obras de Laing e Cooper, especialmente *Psiquiatria e Antipsiquiatria* (1967).

Encontrava-se nessas obras, ao mesmo tempo, a negação da psiquiatria como disciplina de pleno direito, a contestação de uma certa forma de psiquiatria «tradicional» e um protesto contra a segregação massiva dos doentes mentais, aquilo a que Michel Foucault chamara, nomeadamente em *A História da Loucura na Idade Clássica*, o «encerramento».

A antipsiquiatria teve em Ronald Laing e David Cooper os seus dois principais teorizadores. A loucura já não era concebida a partir do modelo de uma afecção orgânica que assaltava um indivíduo, mas como fenómeno social e interpessoal. O louco não estava senão doente *de* família e **do** seu meio social.

O que um esquizofrénico vive, o que ele «diz», é de algum modo a doença dos outros, das suas relaçõse com os outros. Querendo que os seus pacientes compreendessen as suas perturbações para melhor se curarem, Laing e Cooper criaram em Kinglsley Hall, na Inglatrra, uma primeira comunidade aberta onde pudessem pôr em prática as suas teorias. Naquela velha construção de tijolo castanho situada no East-End de Londres viriam a desfilar todos quantos a antipsiquiatria contava então como discípulos: Aaron Esterton, Sidney Briskin, Joe Berke, etc.

Kingsley Hall tornou-se, para o mundo inteiro, no símbolo de uma atitude diferente em relação à doença mental. Não se fazia ali terapêutica medicamentosa, nem electrochoques; a nova prática era uma viagem permissiva e acompanhada através da loucura.

«Não seremos nós capazes de entender que tal viagem não é algo de que precisemos de nos curar, e sim que ela é, em si mesma, um meio natural de cura do nosso estado dito normal, que não passa de um assustador estado de alienação?» escrevia Ronald Laing.

Também encontramos o espírito de Kingsley no belo livro de Mary Barnes, *Uma viagem através da loucura*, e no célebre filme de Kennech Loach, *Family Life*.

O doente é o homem normal, o louco é aquele que percebeu que a sociedade está «doente» e que, por isso, a recusa. O homem são roçou-se por essa loucura, mas aceitou os compromissos necessários.

Esta nova concepção da saúde mental viria a suscitar numerosas experiências terepêuticas, designadamente em Itália, sob a égide de Franco Basaglia. Principal animador do movimento «desalienista» italiano nos anos 60 e 70, este último prosseguiu em Trieste uma experiência que, de vários modos, marcará a história da psiquiatria europeia. Em escassos anos, por influência de Basaglia, a Itália passou por tudo o que respeita aos enfoques da doença mental, desde a Idade Média ao Futurismo. A obra de Basaglia ver-se-ia coroada, em 1978, por uma lei que condenava os hospitais psiquátricos, incitando-os a considerar os doentes mentais como cidadãos iguais aos outros. NNeste particular a regra não se impôs sem os respectivos abusos.

A obra de David Cooper marcou, inegavelmente, a história da psiquiatria. Mas, se os seus protestos contra a segregação massiva dos doentes mentais foram, senão seguidos, pelo menos ouvidos, é menos certo que as suas concepções antipsiquiátricas sobre a saúde mental tenham feito progredir o que, apesar de tudo, é a investigação clínica. Os grandes progressos realizados nos últimos anos, em especial no domínio da neurobiologia, tendem a provar que, de futuro, voltará a ser difícil ignorar o «substracto» orgânico das doenças mentais.

«Lamentável regressão», «demagogia passional», «ignorância e charlatanismo», o que não se disse sobre a antipsiquiatria!

Reflexo de uma certa impotência terapêutica e de uma ignorância das causas do mal, a antipsiquiatria terá sobretudo contribuído para pôr em evidência a inadequação das estruturas de cuidados médicos.

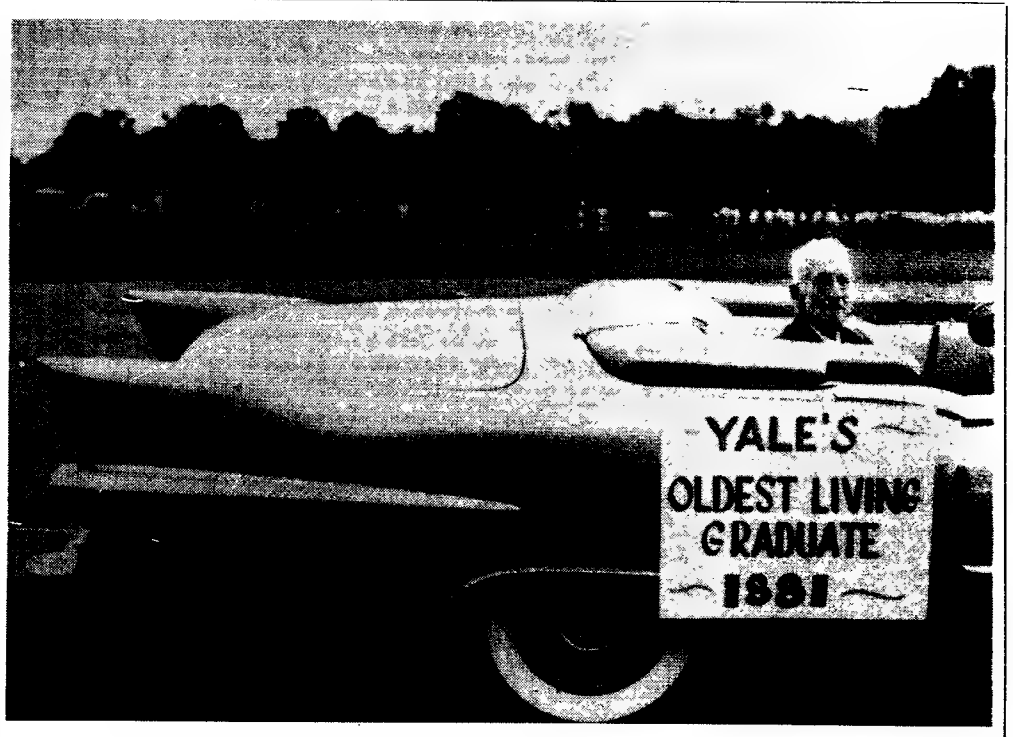
Quanto aos combates e às ideias que levam muito tempo a impôr-se, disse já Dostoievski, numa frase singularmente antecipadora:

«Não é encerrando o vizinho que nos convencemos do nosso próprio bom senso.»

F. Nouchi

Nota:

Nascido em 1931 na Cidade do Cabo, David Cooper fez os seus estudos de medicina na África do Sul. A seguir, fixou-se em Londres, onde encontrou o escocês Ronald Laing, com quem escreveu *Razão e Violência*, publicado em 1964. David Cooper é ainda autor de *Psiquiatria e Antipsiquiatria* (1967), **Morte da família** (1972), *Gramática para uso dos vivos* (1977) e de *Linguagem da Loucura* (1978). Nos últimos anos, tinha-se instalado em Paris.



À esquerda: Marilyn Bridges, *Journey Monument Valley, 1983*

Em cima: Elliott Erwin, *New Haven, 1955*

Fotografias de uma exposição

O que se diz sobre fotografias e fotógrafos é irreversivelmente separável do que se diz sobre pinturas e pintores? Ou *deve* sê-lo, por razões que a militância tem e que a não-militância desconhece? A discussão deste *caso* terá a idade da fotografia e inclui a da legitimidade do *caso* em si mesmo.

Um observador não excessivamente ingénuo admitirá que a questão se prende com as relações que sempre se tecem entre o *gosto* e o *saber*. Assim, quanto mais se foi sabendo sobre fotografias e fotógrafos, mais o discurso que lhes diz respeito se foi afastando das posturas de quem observa pinturas e pintores.

Das relações entre *gosto* e *saber* — gastrónomos e provadores de vinhos que nos desmintam antes dos demais — resulta a mudança dos *sabores*. Também a compreensão do enfoque e da sua genealogia, o conhecimento das técnicas, o reconhecimento da inovação nos meios e nos objectivos, modificam a nos[sa] apreciação da obra de arte, e a re[la]ção que com ela mantemos.

Durante [mu]ito tempo argumentou-se, contra esta forma de pôr a questão, que nenhum tratado sobre a arte de assar caça aniquilaria as descobertas de um paladar hipersensível e selvagem. Rebate falso: é que, exactamente, já ninguém parece disposto a aceitar a existência desse *paladar selvagem* em nome do qual se pretendeu legitimar o *gosto ignorante*...

Vêm estas linhas a propósito da exposição da Módulo-Lisboa: trata-se de parte da colecção da galeria, que tenciona mostrar para o ano o que dela falta aqui. Fotos de Bill Brandt (desaparecido em 1983), de Elliot Erwin, de Mario Giacomelli, Manuel Alvarez-Bravo e vários outros, mas também da nova geração — a dos nascidos a partir de 1950 — onde se incluem Bernard Faucon, Paul den Hollander, Paulo Nozolino, com práticas tão distintas uns dos outros.

Voltamos ao discurso sobre a fotografia: em alguns casos salta à vista a distância entre «conceptualistas» e «realistas», entre «surrealistas» e «abstractos». Que fa[lar] de[sta] vontade de criar margens taxinómicas entre **espécies**, que tão claramente recorre ao vocabulário do discurso sobre a pintura?

Sempre, diante de uma grande fotografia de um grande fotógrafo, tivemos o sentimento de que ela escapava inteiramente a estas classificações, exactamente porque não se deixava «ler» através de qualquer picturalismo.

Será preferível identificar e estabelecer relações com cada fotografia, cada série, cada fotógrafo, tendo em conta o que é esta maneira de produzir imagens fixas enquanto *medium*. E não se trata de um grau zero da leitura, porque teremos de lidar com o trabalho sobre a luz e a sombra, com o grão, com a profundidade de campo, com a gama de cinzentos ou com a cor, com o que se adivinha sobre a maneira de manejar a câmara e o laboratório, com o relacionamento entre o fotógrafo e o referente fotográfico.

Significativamente, muitas das notas escritas por fotógrafos àcerca do seu próprio trabalho misturam reflexões sobre essa relação com o referente com outras reflexões sobre os meios. Assim num texto de Paul den Hollander, escrito em 1983: «Nada permanece igual, e em fotografia também não. Muitas pequenas mudanças no trabalho podem levar a um certo ponto em que a anterior maneira de trabalhar, os meios técnicos e as coisas sobre que trabalhávamos deixam de exprimir o que se passou a querer exprimir pela fotografia (...). O grão, antes parte indissolúvel da imagem por causa da sua força de conexão, tornou-se perturbador. [Experimentei] outros filmes, outros reveladores. [Fiquei] insatisfeito, e também com os negativos formato 6×6. Procurei um revelador capaz de permitir o controlo dos contrastes...»

Ou então, como num texto de Paulo Nozolino, escrito no mesmo ano, limitam-se a transmitir o «clima» em que trabalham, *atmosferizando-o*: «Nestes dois últimos anos, em Lisboa, toda a gente parece estar à espera (...). Estou sem trabalho, disparando ao acaso, à procura da cintilação do olhar (...). Método quase nenhum, sem regras nem problemas, só as provas é que parecem estar a tornar-se mais e mais escuras...»

Marilyn Bridges, de quem a Módulo mostrou uma exposição em Janeiro passado, faz fotografia aérea e fala sobretudo da sua caça de luzes e sombras:

«A minha preocupação, quando fotografo, não se reduz unicamente ao assunto específico. Longe disso, também me interesso pela conjugação do tema com o ilusivo, que é a própria luz. Quando voo, estudo e espero o momento perfeito da luz do dia. Quantas vezes a luz me orienta a posição a dar ao avião a fim de conseguir (...). A utilização da luz cénica, de contrastes abruptos luz-sombra, acrescenta uma qualidade multidimensional ao trabalho, fazendo com que o observador seja arrastado para dentro da fotografia, como se passasse para além do real, para o mais real.»

Para o mais real: esse, sem dúvida, o destino da grande viagem que todos os fotógrafos nos propõem, mesmo que para isso tenham de construir inteiramente o seu referente, como Bernard Faucon: «Recorrendo a polaróides desenho o quadro por eliminações até à paragem definitiva, o teatro de encenação (...). A única realidade é a do quadro (...). Quando está tudo pronto, uma pergunta permanece lancinante: faltará alguma coisa? Não estará alguma coisa a mais?»

Construído ou não, o referente põe a questão da sua *fotogenia*. No seu curioso texto *Les sudaires de Véronique*, editado em português com o título *Fotografia*, Michel Tournier, um dos «pais» dos Encontros Internacionais de Fotografia de Arles, põe uma fotógrafa que trabalha duramente o seu modelo a dizer, sobre este último: «O Hector (...) tornou-se, agora, *fotogénico*. Ora em que consiste a fotogenia? A fotogenia é a faculdade de se conseguirem fotografias que vão *mais longe* do que o objecto real. Em termos grosseiros, o homem fotogénico surpreende quem, conhecendo-o, vê as suas fotografias pela primeira vez; estas são mais belas do que ele, parecem desvendar uma beleza que, até então, tinha permanecido escondida. Ora esta beleza não é desvendada pelas fotografias, as fotografias é que a criam.»

Caça, captura de um real *mais real*. Eis porque algumas das fotografias expostas na Módulo são das que fazem história.

A maioria dos fotógrafos tem com as suas provas uma relação semelhante à que reconhecemos em gravadores e serigrafistas: as tiragens são limitadas, não se destinam a reprodução em grande escala, e não há duas iguais. O suporte e a impressão são decisivos para a definição da imagem, e para a própria definição da fotografia como *medium*.

Algumas das fotografias expostas na Módulo pertencem precisamente a séries esgotadas, o que fez subir em flecha o seu valor de mercado. Por isso a exposição, que depois do dia 14 viajará para o Porto e depois para Braga, e que, segundo nos disse o proprietário da galeria, Mário Teixeira da Silva, tem sido muito solicitada, não sairá de Lisboa antes de feito o seu seguro.

A Módulo é *quase* a única galeria a expôr sistematicamente fotografia, entre nós. E fá-lo com uma percepção muito aguda do que vale a pena mostrar, num tempo em que à banalização das imagens se associou a falta de reflexão sobre fotografia — reflexão que, exactamente, promoveria a relação entre *gosto e saber*. Este facto torna a sua obsessão mais necessária... e cativante.

João Mendes

Bernard Faucon, *Le Banquet, 1978*

Fotografia Contemporânea Internacional, Galeria Módulo, Av. António Augusto de Aguiar, 56, 5.º dt.º, entre as 16 e as 20 horas, fechada ao domingo.

A rodagem de «Crónica de uma Morte Anunciada»

O calor não trava Francesco Rosi

FRANCESCO Rosi filma em Cartagena, na Colômbia, sob uma canícula esmagadora, a **Crónica de uma morte anunciada,** segundo a novela de Gabriel Garcia Marquez, com Ornella Mutti, Rupert Everett e Anthony Delon.

Irene Papas, olhar tão negro como o seu vestido, desce a escada incerta das grandes arenas da Praça de Toiros, cospe com voz raivosa um «Onde vais tu», apanha já nas grades Ornella Mutti moldada em verde e de cabelos até às nádegas pergunta-lhe ainda um «Mas qu'é que tens?».

A Mutti volta-se furiosa para dizer «Não amo esse homem, não quero casar com ele, não se faz uma coisa dessas sem amor.» Papas lança-lhe um olhar de se ficar petrificado, agarra-a por um braço e cospe de novo: «O amor também se aprende».

«Perfecto!» canta Francesco Rosi, «Vamos lá outra vez!». Vamos lá outra vez com chuva, ainda outra sem, e mais uma por causa do barulho na rua vizinha, e finalmente outra por causa de três galinhas depenadas que entraram no campo. Impecável, Papas morde o punho sem uma tremura, trágica quantas vezes for preciso. Na sombra, por trás do glaciar de água mineral, um cavalo meio adormecido entra em erecção. A multidão de figurantes precipita-se com pezinhos de lã para apreciar o acontecimento, enquanto se refaz um derradeiro glande plano da Mutti que volta a dizer: «Não amo esse homem...», antes de se desmoronar sobre um cadeirão de lona. Faz 33 graus à sombra e 77 por cento de humidade.

Rosi, de 64 anos, começou em Maio a filmar a adaptação da Crónica de uma morte anunciada, e está agora cheio de calor. No início das filmagens, em Mompox, a morta e bela cidade construída pelos **conquistadores** espanhóis na margem dum rio, no meio da floresta, a temperatura subia por vezes acima dos 40 graus. «Os ingleses, quando estiveram aqui para filmar **A Missão,** renunciaram a Mompox, mas nós não, Instalámos água quente e sanitários, só havia 26 quartos inabitáveis num hotel impossível, para uma equipa de cem pessoas (actores, técnicos e operários). Reconstruímos o hotel, alugámos quartos em casas de habitação, mandámos vir um chefe cozinheiro francês de Bogodtá.»

Assim mesmo. Os italianos também mandaram vir o **spaghetti** de Roma, de avião, e cafeteiras, muitas cafeteiras. «Aqui, o café é o melhor do mundo, mas quem o sabe fazer somos nós.»

Por trás da **camera** um outro grande amador de café, o velho cúmplice de Rosi, Pasqualino De Santis. Este director de fotografia, o mais célebre de toda a Itália, é uma **diva.**

Pequeno, discreto, económico, está instalado na **suite** presidencial do hotel e, para além de um salário que parece ser real, tem direito a todos os privilégios, desde o chapéu de sol ao primeiro **expresso** (a bica a que chamamos **italiana)** matinal. Ele observa os negativos dos ensaios da véspera enquanto vai bebendo aos golinhos. Absorvido o divino líquido, bem irrigados os nervos do **maestro,** levanta-se docemente da sua cadeira desdobrável, espreita pelo visor, abençoa (ou não) e o dia pode começar.

Para a sua 14.ª longa metragem, o autor de **Salvatore Giuliano, Mão baixa sobre a Cidade, O Caso Mattei, Cadáveres esquisitos** e **Carmen** não escolheu uma coisa fácil. A novela de Garcia Marquez, apesar de curta, é de uma assustadora complexidade: numa aldeia sem nome, na Colômbia, junto ao rio, acontece chegar um estranho que seduz toda a gente. Nada se sabe deste Bayardo San Roman (interpretado por Rupert Everett) magro, elegante, a não ser que anda à procura de uma mulher com quem casar e que se decidiu por uma rapariga que viu passar na rua, Angela Vicario (Ornela Mutti), sem a conhecer.

Na própria noite de bodas, Angela é «devolvida» por Bayardo a seus pais: a jovem esposa não era virgem. Pressionada por sua mãe (Irene Papas) e sus irmãos, os gémeos Pedro e Pablo, a denunciar aquele que desfrutou da sua virgindade, Angela designa um jovem vizinho e amigo da família, Santiago Nasar (Anthony Delon). Os dois irmãos afiam as facas e, em poucas horas, toda a aldeia fica ao corrente das suas intenções. «Nunca nenhuma morte foi tão anunciada», escreve Marquez. Só Santiago Nasar parece ignorar o que o espera, passeando-se com a inocência dos corações puros, quando os assassinos o apanham e o massacram com vinte e oito golpes de **machette.**

Lavada a sua honra, Angela retira-se do mundo e descobre que está, de facto, apaixonada por Bayardo. Passa a escrever-lhe cartas apaixonadas. Durante 17 anos. Por fim Bayardo volta para viver com ela, com uma mala na mão, onde traz as duas mil cartas de Angela, de que não abriu nem uma.

É uma história forte e violenta que muitos realizadores sonhavam adaptar (Robert Altman chegou a enviar um telegrama a Rosi para lhe dar conta de amigáveis ciúmes).

«A novela de Marquez, diz Rosi, tem uma estrutura próxima da de alguns dos meus filmes. Esse balanço entre o tempo do presente e o tempo da memória está também em Salvatore Giuliano e no Caso Mattei. Além disso é, para mim, a possibilidade de continuar um discurso sobre a morte e o amor que é meu há bastante tempo. Uma tragédia cai sobre um grupo de rapazes todos eles belos e amigos entre si, e a inocência da juventude é destruída pela falta de inocência dos adultos que obedecem a um outro código moral. Esta história é um pretexto para contar um "caso do dia", mas também para me elevar acima da minha realidade. A dimensão em que me movo é aquela em que evoluía Sciascia e hoje Marquez, é uma dimensão metafísica. Marquez descreve uma aldeia, fala de um rio e, de repente, do mar. Eu gosto dessa dilatação da realidade. Fiz muitos filmes a partir de "casos do dia" ou de factos históricos e alguns a partir de obras literárias. Respeitando como respeito o espírito dessas obras, é evidente que, na minha idade, um filme é agora a ocasião de me contar a mim próprio.»

Para o lugar de Bayardo chegou a pensar-se em Alain Delon, mas o actor não tinha tempo para trabalhar num filme tão longo. Além disso não se sabe se a ideia teria tido o beneplácito de seu filho. Anthony Delon foi achado ideal para incarnar Santiago Nasar, de quem tem a fragilidade juvenil:

«Sou como ele, ainda inocente.» Quanto a Ornella Mutti, e segundo Rosi, tem a ambiguidadde carácter de Ângela: «Não apresenta o rosto da verdade, tem ainda a ternura de uma rapariga e o mistério, a impenetrabilidade da mulher.» Ornella reconhece que desempenha um papel difícil: «Muito literário. É uma mudança, para mim.»

Rupert Everett vai no seu terceiro filme (depois de **Another Country** e de **Dance with a stranger),** mas já é, e já se conduz, como uma estrela. Grande, de perfil aquilino, boca abert e desdém no olhar, alugou a casa mais bonita da aldeiae fez vir a secretária e a mamã, uma dama inglesíssima e inflexível, dechapéu vermelho, de que ele é o sósia querdo. O seu maquilhador, que mede pelo nos 30 cm menos que ele, iça-se na ponta dos pés para lhe ôr pós no nariz augusto e para molhar, com uma nuvem de águmineral, a camisa Rupert é o únicmem que não transpira, abaixo do Trópico de Cancer.

Na rua Santa Teresa, Muti aparece à varanda de u casa branca, segurando um par de gaiode pássaros. Entrevê RUPERT QUE, NA RUA, A OBSERVA. Troca de olhare pesados. Ela ndura as iolas em dois pregos a parede e volta para dentro. RUPERT VOLTA COSTAS E ABANA A CABEÇA NO ESTILO «esta rapariga será a minha mulher». A sexta repetição os canários começam a agitar-se seriamente nas gaiolas. Há uma hora que não param de os sacudir e os pássaros estão de nervosm franja. Como toda a gente já esteve, stá ou estará, nestas penoas filmagens.

A preparação da rodagem alongou-se por dois anos, incessantemente interrompida pelas dificuldades da «montagem» financeira. Após o desaparecimento de Gaumont-Itália, o projecto atravessou um período de vazio antes de ser retomado por Yves Gasser e por Francis Von Biiren, transformando-se numa co-produção italo-franco-colombiana Depois de ter escrito o guião com Tonino Guerra, Rosi veio conhecer os locais, escolheu Cartagena e Mompox apesar do calor e das dificuldades de acesso.

È um filme caro: os altíssimos direitos pagos a Garcia Marquez, a quantidade de cenários e de artist, os mais diversos tipos de seguros impostos para trabalhar neste país relativamente violento e prigoso, onde os actores principais and de guarda-costas armados de metralhadora para evit os raptos e os pedidos de resgate, tudo isso fez o orçamento ultrapassar um milhão e trezentos mil contos.

Deus, por outro lado, não qui tornar as coisas fáceis: chamou crelmente a si o chefe maquilhador, vítma de um enfarte em Mompox, e enviou o Papa dizer missa num sítio e Rosi tinha escolhido desde há dois anos, o que o obrigou a anul-lo imprevistamente. De facto, como a praça de Mompox (onde Santiago Nasar é mortalmente esfaqueado) era pequena demais para os movimentos deâmera, Andrea Crisanti, o chefe-decorador, responsável pelos cinquenta cenários interiores e exteriores do filme becomo pelo grande barco que deve ver-se norio, o **Atlântico,** descoriu um alternativa cómoda perto de Cartagena. «O Papa chegou, e nós tivemos de abandor o local. O Santo Padre ctounos, assim 500 milhões de liras suplemares. Mas em Pasacaballos consguimosfazer milagres

Assim, a 30 quilómetro de Cartagena, no fim de uma estrada caótica, num vasto terreno aplanado a bul-dozer, foi reproduzida, em maior, a praça de Mompox. Em cenário, e em maior. Cento e arenta operários trabalharam durante cino meses para construir um espaço d 80 por 65 metros com uma cópia da Igreja, da taberna, das casas, tudo em fachadas seguras por traves e andaimes. uase 35 mil contos para 12 dias tomadas de vistas.

ENQUANTO SE ESPERA QUE Anthony Delon se faça pregar co uma borboletcontra a porta fechada da ua casa ocre e verde, cãesescanzelados arrastam-se pelo cenário, de olhos quase fechados, como se Passacaballos fosse uma clinica ao ar livre para canídeos vítimas de stress. Um cenário sente sempe a futura demolição, contrariamente ao barco, que será certamente transformado dancing flutuane.

Mas Francesco Rosi não é homem para se sentir deprimido: atira-se ao trabalho com um furor leonino, sob aquele sol de chumbo que já o fez perder sete quilos. Cortês mas teimoso, berra «Silenzio!» ou «Acion!» com uma espécie de raiva. Não é agora, com mais de metade do trabalho feito, que se vai deixar amolecer. À noite, para se descontrair, explica ao cozinheiro do hotel Caribe a melhor receita para cozer as **pastas.** Quando se arrancou para 17 semanas de rodagem, mais vale, de facto, manter algumas alegrias simples.

Quando, em 1968, Pontecorvo decidiu filmar **Queimada** na mesma Cartagena, não podia imaginar que, por causa das repetidas fugas de Marlon Brando, acabaria por ali ficar cinquenta e uma semanas.

Um dos técnicos da sua equipa acabou por se casar lá, e por lá abrir um pequeno restaurante, **Chez Divo** — que é hoje o melhor italiano da cidade.

- Michel Braudeau
em Cartagena e Mompox

Os irmãos Vicario entregam-se ao pároco da aldeia

Francesco Rosi durante as filmagens, em Mompox

Para muitos a política não será nunca, na melhor das hipóteses, senão metade do céu. Em exclusivo para eles, uma pequena reflexão sobre as relações entre Verão. Outono, Inverno e Primavera nestes anos da graça de 1986/ 1987

Chá com insónias ao luar de Agosto

DIZER, no princípio de Agosto, que a vida política vai funcionar um mês a meio gás, passou de lugar-comum a música mecânica, mesmo quando de todo em todo isso não é verdade. Fecha a época parlamentar e, com ela, os partidos e boa parte do aparelho de Estado são supostos vestir fato de banho e seguirem para a *siesta* anual. A «rentrée», porém, obriga este ano a que pelo menos um olho fique vigilante, no mês morto... para aqueles que ainda dispõem do mês inteiro para descansar.

Com a passagem de Eanes para a liderança do PRD na Convenção renovadora de Outubro e com a definição nova que se espera do PS de Constâncio perante o Governo e a restante oposição, o relançamento da vida política no fim do Verão já se anunciaria suficientemente agitado. Mas acresce que também o Governo de Cavaco Silva vai ter de procurar mais sólidos entendimentos partidários de incidência parlamentar (e ignora-se se o fará com o PRD ou com o próprio PS) ou, hipótese tida como mais provável, vai ter de precipitar a estratégia de ruptura logo a partir da apresentação do Orçamento para 1987, em Outubro, preparando legislativas antecipadas que lhe permitam alcançar o tão desejado fruto: uma maioria no hemiciclo de São Bento, coisa que nunca desde o 25 de Abril o eleitorado deu a ninguém que se movesse sob uma única bandeira de partido.

No momento em que também nós vestimos o fato de banho, há indícios de que é este o caminho para que Cavaco Silva se prepara.

A Assembleia reabrirá em Setembro e cedo deverá conhecer uma iniciativa «censurante» do Governo por parte dos comunistas. Mas o novo aparelho do PSD foi intimado a gozar férias rapidamente, e os membros do Governo mais ligados à preparação do Orçamento já estarão em Lisboa na segunda metade de Agosto: por um lado trata-se de preparar cuidadosamente as ofensivas parlamentares do executivo, por outro trata-se de exigir a todos — membros do Governo inclusive — que multipliquem contactos com as bases locais do partido com vista a reforçar a sua imagem e a preparar terreno para o cenário da ruptura política e para novas eleições.

A história repete-se: desta feita será Cavaco a pedir ao eleitorado os 43 por cento que este recusou, aos berros, a Almeida Santos e a Soares, nas últimas Legislativas.

É complexo o sistema de relações em que os partidos que disputam directamente a área do poder se encontrarão, caso seja este o caminho que a vida política portuguesa seguir:

O PSD de Cavaco Silva vê-se forte da experiência de Governo minoritário e, fazendo fé na imagem pública do seu líder, que sondagens recentes não cessam de confirmar, supõe que conseguirá reforçar muito sensivelmente a vitória nas últimas eleições para deputados. Sabe, por outro lado, que, a manter-se minoritário, o Governo não conseguirá senão continuar a tropeçar no jogo, de geometria variável, das oposições parlamentares. Ora, Cavaco Silva poderá continuar a queixar-se durante alguns meses mais de que «não o deixam governar», mas não pode manter-se por muito mais tempo no poder impedido de pôr em prática as «reformas estruturais» que o seu partido exigiu, ainda no Governo, ao então Primeir-Ministro Mário Soares... e em nome das quais, **também,** ganhou as eleições.

Quanto ao PS de Vítor Constâncio, pretende voltar a ser «primeiro partido» e acredita que haverá de conseguí-lo, mas uma tão grande antecipação em matéria de legislativas pode voltar-se contra ele. Constâncio necessita de tempo para desenvolver uma estratégia parlamentar e para mostrar alternativas possíveis aos actos do Governo, e este «contra-relógio» que parece ter já meta apontada para o início do segundo trimestre de 1987 obriga-o a um *sprint* involuntário e cuja dinâmica ele não controlará como desejaria.

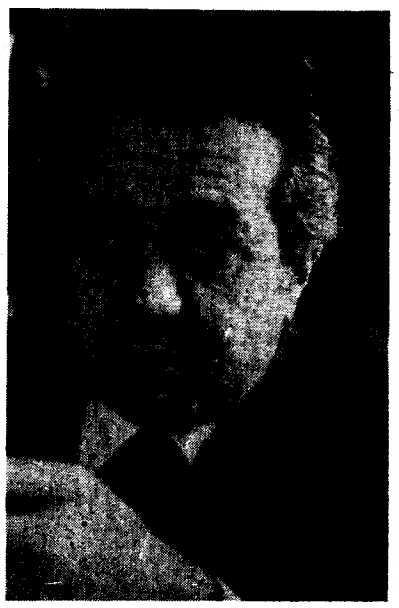
Cavaco Silva sonha com o eleitorado que foi o de Freitas do Amaral, e Constâncio crê poder desviar a seu favor votos à sua esquerda. Ambos esperam, naturalmente, esvaziar nas urnas, profundamente, o PRD. Mas este, liderado pelo ex-Presidente da República, é uma incógnita eleitoral, e poderia voltar a surpreender.

Se a estratégia de ruptura dominar a cena, é ainda necessário ter em conta o comportamento do Presidente: Mário Soares poderá, face à eventual demissão do Governo antes do fim do ano, considerar soluções alternativas para um novo Executivo, dentro do actual quadro parlamentar, sobretudo se for estimulado nesse sentido pelos partidos que preferirem não avançar tão depressa para novo confronto nas urnas. Se o fizer, contará, porém, inevitavelmente, com a hostilidade aberta do PSD de Cavaco Silva: é que, para este, o tempo passado fora do Governo e sem eleições tornar-se-ía num inimigo temível.

Começa já a definir-se o perfil de um Governo nascido nestas circunstâncias: só pode tratar-se de um executivo minoritário do PS, ou, mais provavelmente, de «independentes», encontrado mediante acordos parlamentares. Soares parece pouco disposto a repetir a experiência dos «Governos de iniciativa presidencial».

Estes dados são conhecidos e têm sido glosados em todos os tons, sobretudo desde que a operação «moção de confiança» e os entendimentos/desentendimentos entre PSD e PRD mostraram que o Primeiro-Ministro começava a desejar o «tudo por tudo», esperançado numa maioria que lhe assegure um longo mandato.

Mas há dois dados suplementares e importantes que têm sido consideravelmente esquecidos na previsão do que vai passar-se: O primeiro diz respeito àquilo que o Presidente da República estará, ou não, disposto a fazer pelo PS de Vítor Constâncio. Soares, ausente do Congresso socialista, saíu dele simbolicamente «em ombros» devido à sua vitória nas presidenciais, mas, curiosamente, foi derrotado em toda a linha no seio do partido, de onde saíu, dir-se-ia, «vitoriado pelo que perdeu». Com efeito, a conquista da liderança por parte de Constâncio significou a derrota daquilo por que Soares mais lutara — a estabilidade da aliança com um PSD em posição de segundo partido e o largo reordenamento ideológico e de atitudes de poder que tal programa exigia aos socialistas. Estará agora Soares na disposição de «ajudar» Constâncio a levar o PS para uma estratégia com que nunca concordou, e quando os seus antigos colaboradores mais directos se tornaram minoria no partido? O Presidente da República dispõe de uma larga margem de manobra para complicar ou dificultar o projecto do novo líder do PS. O modo como Soares for respondendo às sugestões e propostas da actual direcção socialista face ao futuro comportamento de Cavaco Silva e do PSD irá fornecendo respostas a esta pergunta.



Como ninguém quererá adoptar uma política de alianças antes de nova prova nas urnas, as alternativas ao Governo de Cavaco Silva no actual quadro parlamentar são um governo minoritário do PS... ou um governo de independentes resultante de um acordo entre partidos, no Parlamento.

Na Quinta-Feira

LER ESCREVER

O outro dado habitualmente subestimado diz respeito ao «timing» de Constâncio enquanto oposição, e não é menos considerável que o primeiro: mais do que a subida de popularidade do Primeiro-Ministro, que vai alargando a sua imagem de dirigente no conjunto da «grande direita», em detrimento do CDS de Adriano Moreira e talvez do próprio Freitas do Amaral, preocupa-o sem dúvida, como competente economista que é e antigo presidente do Banco de Portugal, o conjunto de indícios de relançamento dos investimentos. Eles são ainda insuficientes, por certo, mas não enganarão um homem experimentado como o novo chefe dos socialistas: o relançamento da animação económica tende a «fazer bola de neve» e a criar um clima pouco propício a um jogo oposicionista forte. Será então o PS conduzido a moderar as suas críticas ao Governo no Parlamento, dando a ribalta ao discurso alternativo do seu «governo sombra», mas sem, de facto, «obstruir a acção governativa»? Este caminho alargaria o *tempo* de que Constâncio tanto precisa para tentar devolver ao seu partido o primeiro lugar no coração dos eleitores, mas acentuaria as vantagens de que, à partida, dispõe Cavaco Silva. Para o PS, a via a seguir, balizada pela presidência, pela posição de força dos sociais-democratas e pela incógnita PRD sob a direcção de Eanes, parece estar recheada de soluções paradoxais.

Dos três partidos que disputarão a área do poder, o único que parece ter todas as razões para desejar novas eleições a curto prazo é o PSD, que conta igualmente com os meses de previsível indecisão do PRD em termos de alianças parlamentares (dirigidos por Eanes, os renovadores terão de se voltar mais claramente para Cavaco Silva ou para Constâncio, já que não é crível que venham a tornar-se, eles, «primeiro partido»).

Quer dizer: mesmo admitindo que a proposta de alternância bipolar de Constâncio é realista para depois de novas Legislativas, ele terá de correr contra o tempo para defender a sua credibilidade, e talvez venha a ter de fazer, nessa corrida, algumas concessões. Será a primeira delas a de apoiar a proposta de alteração da Lei Eleitoral que, favorecendo embora a sua visão do sistema de poder, não parte do PS?

Decididamente, ao sol (agora descrito como perigosíssimo) das praias ou à mesa tépida e sussurrante da casa de chá do luar de Agosto, muita gente não vai, nesta *siesta* anual abreviada, conseguir pregar olho.

Noémia Ribeiro

O futuro do Partido Socialista Francês

NA vista *(Revue politique et parlementaire)* que dirige, Thierry Pfister coloca, a propãosito do futuro do Partido Socialista francês, uma questão que, pelo menos no seu enunciado, marca o considerável caminho percorrido pela esquerda francesa desde 1981: «Partido democrata à americana ou partido social-democrata?» Formular eta alternativa teria, há alguns anos atrás, sido considerado pelos eleitores de François Mitterrand como uma verdadeira provocação. E ainda menos teria sido o autor de *A vida quotidiana em Matignon no tempo da união da esquerda,* ex-membro do gabinete de Pierre Mauroy, ao formulá-la.

Lembro-me muito distintamente de uma conversa com um dos mais altos dirigentes do PS francês no princípio de 1978: o nosso problema, dizia-me ele, em síntese, é que ideologicamente estamos quase por natureza em posição de inferioridade perante os comunistas, porque estes estão em condições de irem até ao fim da sua prãopria lógica. Se, por exemplo, admitirmos, como eles, que as nacionalizações são, em princípio, um boa coisa, como fazer admitir que pretendíamos limitar o alcance dessas mesmanalizações? E o meu prestigioso interlocutor acrescentava: é claro que um programa social-democrata já não basta para a França: é preciso propôr algo «mais». Tudo está em sabe atãe onde ir; e há também a dificuldade de explicar porque se parou onde se parou.

O que é nítido hoje, feita a experiência dos últimos cinco anos e dada a consciência que os homens de esquerda adquiriram da natureza da crise, é que nenhum discurso político tem a menor possibilidade de se tornar crível se ele não tiver em conta as ralidades da produção.

Politicamente um tal recentramento cria o efeito óptico de uma deslocação, para a direita, do maior partido da esquerda. O título escolhido por Thierry Pfister para desenvolver as suas próprias teses ilustra, à sua maneira, este fenómeno. Os mais socialistas de entre os socialistas, se assim se pode dizer, deixaram de perder o seu tempo com a questão semântica de saber se a política conduzpela esquerda nos negócios «mudou», ou não, quando foi adoptado um programa de «rigor»

Thierry Pfister deixa de lado essas argúcias ao escrever sem hesitações: «É claro que o PS não parou de evoluir nas suas análises e propostas, e que a sua passagem de cinco anos no poder não pode desembocar senão em novas adaptações. A este respeito, pode mesmo afirmar-se que o salto conceptual maior não está para ser dado *diante* dos socialistas, mas *atrás*. O seu congresso de Bad Godesberg (por referência ao do SPD, alemão) marcando a ruptura com o marxismo, não está por viver: foi já vivido na precedente legislatura e até no seio das instâncias governamentais». Para Pfister, esta revisão tem sobretudo a ver com a maneira de ver a função da empresa (e aí está a preocupação com a produção).

Partindo destes dados, o auto expõe, com um objectivo político em preciso, uma argumentação de que apenas ndicarei aqui as grandes linhas.

Para ele, séria muito superficial ver, ndebate sobre o fturo do Partido Socialista francês, uma simples oposição entre, por um lado, os renovadores de discurso modernista, do tipo Rocard ou Fabius, e, por outro, os «arcaicos» (não nominalmente designados). Historicamente, foram os itos arcaicos que tiveram, até agora, razão:

Os temas desenvolvidos pelos 1néo» no iníco dos anos 0 apagaram-no para dar lugar à estratégia da Frente Popular. Do mesmo modo, o projecto centrista de «grande federação», defendido por Gaston Deferre em 1964, falhou. Foi o processo de união da esquerda iniciado por François Mitterrand que trouxe essa esquerda aos postos de comando.

Esta evolução não impediu, no entanto, a «mutação» dos socialistas franceses. Quand eles estavam no poder, anota Pfister acabaram por chamar implicitamente sua a principal resolução adoptada em 1959 pelos seus camaradas alemães: «O SPD aprova o mercado livrequando e onde existe verdadeira concorcia».

Aos olhos de Pfister, o futuro do PSF está ligado interpretaão que os homens de esquerda fizerm das instituiçoes da Quinta República. Se, esquecendo as suas próprias críticas e objecções, resolverem ver no escrutínio presidencial «o alfae o ómega de todaa vida políticafrancesa», então o Partido Socialia tem todas as condições para se transformar numa simples «múina eleitoral» cuja única função importante seria, de sete em sete anos, a de seleccionar um candidato. O nosso autor teria podido precisar que, efectivamente, nos Estados nidos, o Partido Democrata, como aliás o Republicano, não tem existência nacional fora da campanha presidencial (mas existem 50 partidos democratas, e 50 partidos republicanos, um por Estado, para eleições do Congresso).

Dito isto, a experiência da coabitação constata Pfister — parecenão desagradar aos franceses. A sua lógica «deveria (...) conduzir à revalorização das formações políticas em detrimento das aventuras presidenciais individuais», votoue o autor julga ainda frágil, mas ao qual prtende ligar o futuro das organizaçês de esquerda. Nessa perspectiva, a referência é sobretudo constituída «pelas sociais democracias da Europa do Norte».

alecido por tais premissas, Pfister crê poder regressar ao problema unidade da esquerda francesa, visivelmente a sua mai querida preocupação. Segundo diz, «essa unidade pode, nos próximos anos, vir apôr-se em termos novos». Para alimentar essa esperança, ele faz notar, guisa de conclusão: «Ao fim e ao cao, a união ealizada através de um programa único de governo entre 1972 e 1977 não essagiava já o que poderia ser, sob uma outra rma institucional, uma social-democracia à francesa?»

Pode responder-e a isto que, se o termo «social-democria» tem um sentido, é difícil qualificar de social-democrata o programa comum adopta em 1972. Nada há nisto que espante. Como salienta Marc Riglet no meso no mesmo número da *Revue politique et parlementaire,* o programa comum é, salvo em deta secundários, o duplo do programa do Partido Comunista Fraês elaborado um ano com o título de «udar de rumo».

A sua peça central era o conjunto das nacionalizações integralmente aplicadas em 1982. È difícil não ver, nesse formidável alargamento do sector público, uma política ditada, no fundo, pla determinação de base do marxismo, segundo a qual a razão de ser do socialismo é a propriaçõ colectiva dos meios de produção.

Foi nessa perspectiva que os socialistas se colocaram para visarem a «ruptura com o capitalismo», condiçãonecessária para a mudança genuína das relações sociais.

Ora, este modo de apresentar as cisas está duplamente sujeio a caução. melhoria do nível de vida sob todas as suas formas, que implica não apenas a construção de novas undades de produção mas também a multiplicação de escolas, hospitais, ec, supõe a acumulação do capital. Isso tornou-se de tal modo evidenteue até sentimos escrúplos ao recordá-lo. Quanto às relações sociais, a perência mostra que a social-demoracia pode modificá-las em profundidade, segundo a concepção que lhe é própria — e que, felizmente, não é a única possível — da justiça.

Por este motiv, ver, na evolução actual das convicções e das mentalidades no seio do Partido Socialista francês, *um movimento para a direita,* é tavez umva ilusão... marxista. Que Thierypfister se console: mesmo que o PCF prosseguisse em declínio até ao desaparecimento, a ideologia de esquerda não estaria, apesar disso, morta.

Paul Fabra

Averell Harriman, amigo de Roosevelt e interlocutor válido de Staline

Averell Harriman, diplomata americano de alto n ível que desempenhou um papel primordial durante a Segunda Guerra Mundial, morreu no sábado, 26 de Julho, com 94 anos, em Nova Iorque. O presidente Reagan declarou que «a sua morte fecha um capítulo da história diplomática que só um homem com o seu talento e da sua estatura podia escrever». O Departamento de Estado declarou, por seu turno, que «poucos diplomatas americanos puderam servir o seu país em tantos postos importantes ou participar em tantos acontecimentos históricos». Mikail Gorbachev exprimiu as suas condolências à viúva Harriman nos seguintes termos: «Deixou na União Soviética a recordação vivaz de uma eminente personalidade política, que deu uma grande contribuição pessoal à causa do estabelecimento de uma cooperação estreita e frutuosa entre os nossos dois países na luta contra o inimigo comum durante a Segunda Guerra Mundial.»

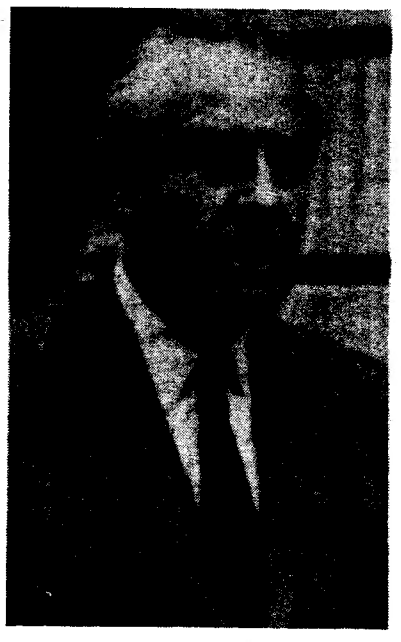
Ele foi o confidente de Roosevelt, e Staline teria gostado de fazer dele ministro dos Negócios Estrangeiros. Lamentavelmente Harriman não era cidadão da URSS. Nascera em Nova Iorque, numa família pertencente à grande burguesia negociante. Tardiamente chegado à política, pela qual não sentia verdadeiro gosto, nem por isso deixou de ser, do New Deal ao Plano Marshall, e depois na negociação da paz vietnamita, um dos principais actores da vida pública e da diplomacia americanas de antes e de depois da guerra.

Durante quase três décadas, a alta estatura de Harriman, encimada pelo seu habitual chapéu de feltro cinzento, pairou como um espectro sobre todas as grandes conferências internacionais: Teerão, Yalta, Postdam, Paris... Ele esteve sempre lá, na primeira fila ou nos bastidores. Conselheiro de cinco presidentes dos Estados Unidos, esse viajante infatigável não hesitou, aos 70 anos, em responder ao apelo de John Kennedy e depois ao de Lyndon Johnson, para estar novamente presente nos quatro cantos do mundo, da Polónia às Filipinas e da Coreia ao Maghreb.

A vida deste grande banqueiro, diplomado por Yale e patrão da Companhia de Caminhos de Ferro Union Pacific, teria sem dúvida seguido outro caminho se não tivesse sido marcada por dois acontecimentos: o interesse desse «natural» de Wall Street pela União Soviética e a sua amizade por Franklin Roosevelt.

O encontro com Roosevelt tem a ver com a sua história familiar. A mãe do futuro presidente dos EUA e a de Averell conheciam-se bem e os dois jovens simpatizaram um com o outro desde o seu primeiro encontro. Depois, quando Franklin iniciou a sua carreira política, adoptou Harriman como homem de confiança. Esta confiança nunca foi traída. Rooseveltiano de alma e coração, Harriman torna-se agente eleitoral do candidato dos democratas em 1932 e participa, em seguida, no lançamento do New Deal, um programa de relançamento económico destinado a pôr termo ao desemprego. No entanto, continua a dedicar o essencial do seu tempo à gestão dos seus próprios negócios.

Treinado numa das numerosas empresas paternas, Harriman fundaria em 1920, com seu irmão, uma sociedade de investimentos e um banco. A Harriman Brothers & Co. segue com atenção os primeiros passos da República



dos sovietes e, em 1926, o seu patrão visita pela primeira vez Moscovo, onde obtém a concessão de uma exploração de manganésio no Cáucaso. O Departamento de Estado, inquieto com as «diatribes anticapitalistas» de Lenine, acabará por interromper essa cooperação nascente. Mas o fascínio de Harriman pela Rússia nunca será desmentido.

Embaixador em Moscovo

Em 1941, Roosevelt designa-o naturalmente para discutir com os soviéticos as condições da ajuda americana a Moscovo. Na capital soviética, Harriman facilita um acordo sugerindo que o seu banco garanta financeiramente as encomendas russas junto de fornecedores americanos. Os contactos estabelecidos nessa ocasião com os dirigentes soviéticos virão a mostrar-se muito úteis quando, dois anos mais tarde, Roosevelt o nomeia embaixador em Moscovo.

Essa estadia na capital soviética (de 1943 a 1946) dá a Harriman oportunidade para diversos encontros com Staline. Nos jantares do Kremlin, não é raro que ele se sente à esquerda do «pai dos povos». A URSS e os EUA são aliados na guerra contra Hitler... Desse relacionamento, Harriman recordará uma grande quantidade de apontamentos curiosos. Em plena guerra, Staline lança-lhe um dia, falando dos seus próprios compatriotas: «Não temos de modo nenhum a ilusão de que eles se batem por nós. Eles batem-se pela Santa Rússia.» Na conferência de Potsdam, em 1945, o americano felicita o marechal. Este replica dubiamente: «O tsar Alexandre só pararia em Paris...»

Harriman convence-se de que Staline tinha apetites de conquista. Acompanhando dia-a-dia os soviéticos, o diplomata aprendeu a conhecê-los... e a desconfiar deles. Ao deixar Moscovo, vê o *Pravda* dedicar-lhe linhas pouco amistosas. O amigo dos tempos dificeis transformou-se num «promotor de guerra». A tensão Leste-Oeste anuncia-se. Fortalecido pela experiência, Harriman, ao ser encarregado em 1948 de coordenar o Plano Marshall na Europa, dedicará uma energia especial a evitar que os países mais ameaçados, como a França e a Itália, entrem na esfera de influência comunista. Depois da morte de Staline, voltará, no entanto, à URSS, onde conhecerá Krutchev. Este, durante a sua ida aos EUA em 1959, visitá-lo-á na sua residência privada. No seu livro *Paz com a Rússia*, Harriman considerará que a URSS, doravante, deseja a coexistência que ele define, no entanto, como uma «concorrência total» entre dois sistemas «inconciliáveis».

Depois de uma breve passagem pelo governo de Harry Truman como secretário do Comércio, e de uma tentativa depressa abortada de se tornar candidato à presidência dos Estados Unidos, Harriman é eleito em 1954 governador do Estado de Nova Iorque. Quatro anos mais tarde, um outro milionário, Nelson Rockfeller, rouba-lhe o lugar. Decididamente, Harriman dá-se bem melhor na diplomacia do que nos meandros e intrigas da política, e é àquela que voltará, a pedido de John Kennedy.

Num primeiro tempo como embaixador itinerante, depois como secretário de Estado adjunto para os assuntos do Extremo-Oriente, e mais tarde ainda para as questões políticas, Averell Harriman vai seguir de perto as crises do Sueste asiático. Em 1962 negoceia os acordos de Genebra sobre o Laos. Em 1968 dirige a delegação americana à abertura da conferência de Paris, que desembocará nos acordos de paz que levarão a paz ao Vietname.

No crepúsculo da vida, este grande burguês elegante e afável, alta figura do *establishmen* liberal da Costa Leste, afastou-se dos negócios do mundo tal como são tratados por Washington. Apesar disso, várias vezes pegou na caneta para criticar vivamente, no *New York Times*, a «irresponsabilidade» da política de Reagan na negociação estratégica com Moscovo.

M. L.

Da Real Mesa Censória

PETIÇÃO a Sua Excelência o Senhor Presidente da Câmara Municipal de Lisboa para que faça proibir a venda (ou pelo menos a exibição nos locais públicos do seu distrito) do livro «Metamorfoses do vídeo» de Alberto Pimenta, o qual contém textos e imagens que atentam contra o pudor público e o sentimento religioso e patriótico dos Portugueses.

Estas as palavras que encabeçavam uma folha azul com que um jovem decente abordava as pessoas que se passeavam pela 56.ª Feira do Livro, em Junho último. Fazia-se acompanhar também de um exemplar da obra a proibir, porque nisto de proibir palavras e imagens convém vê-las primeiro. Ou não? O responsável do pavilhão das *Edições Paulistas* acharia talvez que não, quiçá mais sabedor desse santo ofício que é censurar livros. Assinou sem sequer olhar, de um ápice, mal dando tempo ao angariador de o agraciar com a ladainha:

«Olhe desculpe, estou a recolher assinaturas para pedir a censura deste livro, que tem imagens e palavras... como direi?...Não sei se deva mostrar também à sua senhora... Está a ver... Olhe... Não é?... E olhe também aqui...»

Havia quem não assinasse, quem o mandasse mesmo bardamerda — reacção que aliás o deixava contentíssimo, pois era evidentemente a mais saudável. Mas enfim, outros houve, e não poucos, que aderiram à justa causa, à gloriosa cruzada, apenas se detendo para perguntar, olho desconfiado em riste:

«Mas o senhor pertence a algum movimento, é alguma organização?»

Ao que aquele respondia, escudando com o loiro da camisa o subreptício das suas verdadeiras intenções:

«Não, não é um movimento. Somos um grupo de jovens...»

Jovens, palavra mágica. Os rostos dos interlocutores aclaravam-se então, sorridentes e aliviados:

«Ah, é de jovens? Então assino, sim senhor! E assinas tu também, Maria!»

E Maria também assinava, «que é para sermos muitos».

Houve quem alvitrasse mesmo que: *Deviam era ser todos queimados, eles e os livros.*

E a procissão continuava. O espantoso era a naturalidade com que se aceitava que um censor se passeasse à vontade pelo recinto. Nem uma vez este foi vítima de tentativa de agressão — pelo menos, claro, até se confrontar com o infeliz autor.

O vendedor de amendoins assinou também, não porque fosse particularmente concordante com o acto, mas *por inércia*, isto é, apoiou um acto de violência por dificuldade de dizer não a um chato com «bom aspecto»; porque ainda que estivesse a contribuir para lixar a vida a alguém (o livro, pelo menos) não era nada com ele, levava daí os seus nogás...

A coisa culminou perigosamente quando o jovem regressou ao pavilhão onde, por mera coincidência, Alberto Pimenta se encontrava a beijografar os seus livros. Irado como só um deus ou um escritor consegue estar irado, interpelou-nos:

«O senhor ainda aí está? O senhor não tem o direito de andar a pedir a censura do meu livro. Neste país há liberdade de escrever e comer sardinha assada!»

«Sou livre de censurar o que quiser!»

Contrariamente ao que era de prever de um poeta (flores e outras delicadezas), Pimenta atirou-nos um directo aos queixos, ao que reagimos com um gancho à esquerda que lhe acertou certeiro no nariz. Contudo, um golpe à traição pôr-nos-ia à mercê do vate. Mas paz foi feita. Ainda mal recomposto, fui novamente interpelado por Pimenta:

«Continua a considerar que o meu livro deve ser censurado?»

«Continuo, sim senhor.»

«Eu também!» — e um desportivo abraço elou a nossa concordância, selando também as minhas bochechas com o bâton dos lábios de A.P.

Foi uma cena, mas pelos vistos podia não ser. Foi um *happening*, como eles devem ser: intervenções de consequências imprevisíveis, tanto para quem os vê como para quem os faz. Doze anos depois do 5 de Outubro, a maioria da minoria que ocorreu à Feira do Livro tem — alvíssaras — uma índole democrática. Do rastilho de maiorias silenciosas que estariam parcamente representadas nesta feira, não digo. Calo.

Rui Zink

Dois momentos da encenação «censória» na Feira do Livro: basta que qualquer iniciativa seja «jovem» para ser acolhida de braços abertos pelo público?

Actas

«*E U fiquei tão indignada que nem tive tempo de ver de quem era o livro. O gajo já tinha a lista cheia de assinaturas!*»

«*Só gostava de saber se foi hoje que ele começou.*»

«*Eu rasgava-lhe o papel e cuspia-lhe na cara. Há coisas que eu não suporto.*»

«*Eu assinava era para proibir os livros todos.*»

«*Ouviste aquilo? Um sujeito que está ali com um livro, não sei quê do vídeo e diz que tem imagens atentatórias do pudor público.*»

«*Era o que faltava! Quem não quiser que não olhe.*»

«Isto é erótico ou é censurado?»

«Alberto Pimenta é pseudónimo ou nome mesmo?»

«Isto para ser publicado teve de ir à censura, não?»

R: «Infelizmente, não, já não existe. Por isso, estamos aqui.»

«É só pelo desenho ou pela leitura em si?»

«É também pela leitura. Olhe, aqui, 'filho da puta'...»

«O nome não é obsceno. Almeida Garrett diz: *Puta é a nossa mãe que nos pariu,/prostituta é a que se vende...*»

«A Sociedade de Autores não se opôs a isto? O Martim Rebelo é que podia fazer isto.»

«Não tomo posição sobre as coisas que não conheço.»

«Mas a censura ainda está na moda?»

«Por isso mesmo, é um abaixo-assinado livre...»

«Concordar, não concordo...»

«O presidente da Câmara não deve proibir, os escritores é que não devem publicar...»

«Posso escrever a minha opinião?»

«Isto é de quem?»

R: «Jovens...»

«Ah, é um protesto, é contra a saída deste livro, porque é uma ofensa à moral do cidadão? Sim, senhor...»

«Não assino, porque isto é um jogo real da vida, daquilo que a gente passa.»

«Não... Mas, quem é que faz isto?»

R: «...Jovens»

«Ah, muito bem. Concordo, sim senhor.»

R. Z.

Mensagens Pessoais

Arte Moderna

Almada, Eloy, Hogan, Júlio Reis, João Carlos, Duarte, Martins Correia, J. Contente, Vaz e outros, vendo. Telef. 77 34 88

Mini computador

Vendo mini computador (de bolso) Casio PB-100+extensão de memória-OR 1 — (1568 Passos, 222 memórias), com manuais de origem — Basic e em português, apenas por 12 000$00. Carlos Espinha — Telefone 66 43 67, 09H00-12H00, 13H30-17H30, de segunda a sexta.

Microscópio

Vendo Microscópio Carl Zeiss, 220/6V 12 VA c/ grupo de lentes e em estado novo. Tel. 243 61 77

Empregada balcão

Oferece-se jovem apresentável, 22 anos, 8.º ano escolaridade e dactilografia, com prática de alguns anos aos balcões dos Grandes Armazéns do Chiado. Resposta a: Maria R. — Rua Dr. Faria de Vasconcelos 9-1.º Frente — 1900 Lisboa.

Sintra — Penedo

Alto da Serra, terreno vendo 1720 metros quadrados. Dupla vista de Mar e de Serra. Autorização legal de construção. Confina com estrada. Telefone e electricidade próximos. 3500 contos.

Telef. 76 62 98

Pedras del'Rei

Alugo apartamento TO em aldeamento turístico, com todas as infra-estruturas que vão da piscina ao campo de ténis, nos meses de Agosto, Setembro e Outubro. Às quinzenas, ou meses completos. Informa Telefone 084/2 23 52.

Terreno

Vendo em Vila do Bispo-Algarve, um terreno urbanizado, com 1 hectare, pronto para nele ser edificado um grande empreendimento turístico. Fica localizado perto do depósito de água, no centro da povoação. Facilita-se o negócio e aceita-se troca com construções já feitas.

Informa Telefona 084/2 23 52

A Fonte de Madalena — Grupo de Amigos

Memórias de infância, 1921/44. Homenagem Mestres A. Redol e J. Gomes Ferreira. Autor saúda seus leitores actuais e futuros. Vamos organizar grupo de amigos senhoras e srs. mais 55 anos se interessem leitura, cinema, pintura. Escreva apartado 1333 — Arroios, 1009 LISBOA CODEX. Para Rogério Gonçalo.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete e nem o Diário de Lisboa de Lisboa podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais» Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.